



CASA: Território de subjetividades

*Um percurso sobre
sensibilidade e arquitetura
nos condomínios fechados*

Carolina Magalhães Falcão

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo



Dissertação de Mestrado

CASA: TERRITÓRIO DE SUBJETIVIDADES

Um percurso sobre sensibilidade e arquitetura nos condomínios fechados.

Carolina Cabreira Magalhães Falcão

Pelotas, Junho 2016

FALCÃO, CAROLINA CABREIRA MAGALHÃES

CASA: TERRITÓRIO DE SUBJETIVIDADES

Um percurso sobre sensibilidade e arquitetura nos condomínios fechados.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Linha de Pesquisa: Urbanismo Contemporâneo

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Rocha

Pelotas, 2016.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

F178c Falcão, Carolina Cabreira Magalhães

Casa : território de subjetividades : um percurso sobre sensibilidade e arquitetura nos condomínios fechados / Carolina Cabreira Magalhães Falcão ; Eduardo Rocha, orientador. — Pelotas, 2016.

194 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2016.

1. Urbanismo contemporâneo. 2. Filosofia da diferença. 3. Condomínio fechado. 4. Arquitetura contemporânea. I. Rocha, Eduardo, orient. II. Título.

CDD : 720

Elaborada por Kênia Moreira Bernini CRB: 10/920

Banca examinadora:

Prof. Dr. Eduardo Rocha – orientador

Prof.^a Dr.^a Laura Lopes Cezar

Prof. Dr. André de Oliveira Torres Carrasco

Prof. Dr.^a Cristine Jaques Ribeiro

Para Edu e Pedro,

Por todo o amor envolvido.

Agradecimentos

Gostaria de iniciar, agradecendo a Deus, pelo dom da vida e por me permitir chegar à esta etapa. Num mundo onde tantos descreem, que eu nunca perca essa sensível fé na vida.

Aos meus pais, que me sempre deram a possibilidade de ir atrás de meus objetivos. Principalmente, minha mãe, que nunca mediu esforços para que eu pudesse seguir sonhando. A mulher forte que sempre me disse que a melhor herança que eu poderia receber era a educação. Pra ti Elaine! Tu és a responsável pela realização da tua filha. Obrigada por sempre, por cada detalhe da nossa caminhada juntas.

Ao meu marido, Eduardo, por todo o apoio, amor, companhia, crítica e incentivo de todas as horas, por tudo e, principalmente por construir este sonho da vida junto comigo. Por me fazer acreditar nas minhas possibilidades e, por tantas vezes, abrir mão de seus próprios sonhos para realizar os meus.

Ao meu filho Pedro, por toda a pureza e sensibilidade. Por cada sorriso, por me fazer crer e lutar para que o mundo possa ser um lugar melhor para se viver. Por dar sentido à vida, a busca, ao aperfeiçoamento.

Ao querido (des)orientador, prof. doutor Eduardo Rocha, por todas as partilhas, trocas, afectos, rizomas e delírios. Mas principalmente por embarcar nessa jornada “entre muros” junto comigo e ser incentivo constante. Obrigada por me acolher na tua trupe, sempre sendo um incentivo, um amigo e um grande mestre.

Aos parceiros do bauruzinho de quinta – Pablo e Lívia, por todo carinho, incentivo, filosofia e literatura e principalmente, boas conversas. “Tem Deus”.

As minhas queridas Fiats, que toda terça (ou segunda) estão ao meu lado, me ensinando que o “Faça-se” é aqui. Minha gratidão e minhas orações.

Meus amigos de caminhada, do meu querido Movimento de Emaús, que sempre me fizeram acreditar e buscar as minhas melhores parcelas, minhas gratidão e orações sempre. Que sigamos tendo fé e buscando as coisas do Alto!

Agradeço também à toda a minha família, pelas minhas ausências neste tempo, pelo carinho, pelo incentivo constante para que chegasse até aqui. Valeu família!

Aos professores do PROGRAU, pelo conhecimento partilhado, pelas trocas, pelas críticas e por lapidar essa minha pedra bruta.

Aos queridos “alunos” do atelier 2, Gustavinho, Enri, Carol e Mônica, por me proporcionarem vivenciar esse sonho da academia por um semestre. Obrigada pelas trocas, pelo carinho e atenção.

A galera da trupe do Dudu. Fer, Deka, Bá, Lola, Luana, Rafa, Talita, Carol Clasen e Gus, por todas as trocas sensíveis que me fizeram aprender tanto neste tempo estivemos mais perto.

Por todos àqueles que gentilmente abriram as portas de suas intimidades, permitindo que eu adentrasse suas casas para entender a vida e a arquitetura. Os entrevistados que me receberam em suas íntimas subjetividades, obrigada pela grande contribuição para que este projeto se tornasse real.

E por último, embora não esteja aqui para ler, gostaria de agradecer a minha vó Rita, por me ensinar que uma casa é onde tem o cheiro de café passando, que a vida é simples e complexa e, que a saudade é algo que mora conosco. Obrigada por me forjar nesta tua forma de mulheres de bem.

Resumo

Este trabalho surge do questionamento sobre como a moradia é pensada, projetada, construída e vivida na contemporaneidade. Baseado no agenciamento entre o pensamento filosófico e a arquitetura, o trabalho se desenvolve por uma linha imaginário-afetuosa, onde a moradia, a forma de morar não está expressa somente através dos materiais que as compõem e anseios do mercado imobiliário, ultrapassando os muros dos condomínios fechados, vislumbrando a cidade como um ser heterogêneo, que necessita (re)conhecer-se sempre. Como objetivo principal quer-se sistematizar o cotidiano de cada unidade habitacional do Conjunto Residencial Terra Nova, em Pelotas – RS, ou seja, entender como o indivíduo adapta a sua vida ao desenho sempre igual (ou praticamente igual) oferecido pelo projeto e suas relações com o entorno imediato, a cidade e o mundo em que vive. É sempre da vida social que se trata quando olhamos para os agrupamentos. Através de uma visão cartográfica busca entender os fenômenos das formas de morar. Observando que a arquitetura na contemporaneidade está cercada de uma série de outros elementos que, muitas vezes, não se pode mensurar e se pode sentir. Olhar para a cidade, percebendo esta como um ritornelo, com identidade própria e ainda assim com intimidade com seus habitantes. Uma cidade de cotidianos complexos, contraditórios, que morre e renasce a cada dia, que tem alma própria, não tem que ser padronizada. Deve ser capaz de se imaginar e ser real ao mesmo tempo. Para esta dissertação, reuniu-se uma carga de teorias, definições, entrevistas. As conclusões (in)esperadas, pois um cartógrafo não se permite afirmar nada antes de se deixar mergulhar pelo seu objeto de pesquisa, formam um nova, talvez nunca inédita, peça para este grande quebra-cabeças que é a arquitetura e a cidade neste tempo contemporâneo.

Palavras-chave: **urbanismo contemporâneo, condomínio fechado, filosofia da diferença.**

Abstract

This research stems from questions about how the house is thought, designed, built and lived in contemporaneity. Based on the agency between philosophical thought and architecture, the work is developed by an imaginary-loving line, where housing, way of living is not expressed only through the materials that compose them and wishes the real estate market, overtaking the walls of gated communities, seeing the city as a being heterogeneous, it needs to be recognized forever. Main objective want to systematize the daily life of each housing unit Residential Newfoundland Set in Pelotas - RS, that is, understanding how the individual adapts his life to always the same drawing (or almost equal) offered by the project and its relations with the immediate surroundings, the city and the world you live. It is always the social life that comes when we look at the clusters. Through a cartographic vision seeks to understand the phenomena of the ways of living. Noting that the architecture in the contemporary world is surrounded by a number of other elements that often can not measure and you can feel. Look at the city, seeing this as a refrain, with its own identity and yet intimately with its inhabitants. A city complex everyday, contradictory, who dies and is reborn every day, which has its own soul, do not have to be standardized. You must be able to imagine and be real at the same time. For this dissertation, met a load of theories, definitions, interviews. The unexpected findings, as a cartographer not allowed to say anything before letting soak for his research object, form a new, perhaps unprecedented never ask for this great puzzle that is the architecture and the city in this contemporary time.

Keywords: contemporary urbanism, gated community, philosophy of difference.

Introdução	25
1. Território de Subjetividades	37
1.1 Origem – Gênese do Projeto de Pesquisa	39
2. Delimitando o Território	55
2.1 Objetivos da Pesquisa	57
2.2 A Cartografia como método de estudo	61
2.2.1 Procedimentos Metodológicos	65
3. Caixa de Ferramentas (Conceituais)	73
3.1 Breve histórico dos Programas de habitação popular no Brasil	75
3.1.1 A primeira ilusão da casa com o Banco Nacional de Habitação (BNH)	76
3.1.2 O Programa Minha Casa, Minha Vida (MCMV)	77
3.2 Agenciamentos Conceituais	81
3.2.1 A cerca que cerca o retorno	81
3.2.2 Hospitalidade hospitaleira	86
4. O bairro: pois nenhuma casa é uma ilha	91
4.1 O estudo de caso do Condomínio Terra Nova em Pelotas	93

4.1.1	Características físico-arquitetônicas do Conjunto Habitacional	96
4.1.2	Das unidades habitacionais	100
5.	A ilusão da casa	105
5.1	Território de Subjetividades	107
5.1.1	Casas iguais famílias diferentes	111
5.1.2	A Condição Entre	115
5.1.3	Público: o que extrapola os muros	118
6.	Percorrendo o território	125
6.1	Mapeando as observações	127
6.1.1	Panorama das entrevistas	130
6.2	Colhendo Memórias	158
7.	(In)Conclusões	187
	Bibliografia	201
	Anexos	211

Lista de Figuras

Figura I: Capa: Colagem de fotos do Condomínio Terra Nova sobreposta com resultados de mapas de entrevistas.	1
Figura 1: Entrando no Condomínio Terra Nova - Introdução	24-25
Figura 2: Território de Subjetividades	36-37
Figura 3: Diferenças e repetições	40
Figura 4: Ver por uma vista cega	44
Figura 5: O desenho da jiboia na visão da criança	50
Figura 6: Jiboia, detalhada para o entendimento dos adultos.	51
Figura 7: Delimitando o Território	54-55
Figura 8: Representação dos elementos que compõem o estudo	62
Figura 9: Acesso do Conjunto Residencial Terra Nova	64
Figura 10: Rede de entrevistas	68
Figura 11: Caixa de Ferramentas (conceituais)	72-73
Figura 12: Monotonia ou tranquilidade	79
Figura 13: Cotidiano de uma noite infantil.	85
Figura 14: O Bairro: pois nenhuma casa é uma ilha	90-91
Figura 15: Localização de Pelotas no mapa do Estado do Rio Grande do Sul	94
Mapa da Cidade de Pelotas com limites gerais	
Mapa da zona urbana de Pelotas, segundo o III Plano Diretor.	
Figura 16: Aerofotogramétrico da área do Residencial Terra Nova	95
Figura 17: Vista geral do Conjunto Residencial Terra Nova	98
Figura 18: Implantação geral do Conjunto Residencial Terra Nova	99
Figura 19: Plantas baixas dos quatro modelos de planta das unidades residenciais	103
Figura 20: A Ilusão da Casa	106-107
Figura 21: Olhos para uma rua deserta	110
Figura 22: Com e sem vida	116

Figura 23: A condição entre	119
Figura 24: Percurso entre a casa e a cidade	124-125
Figura 25: Mapa de localização dos entrevistados	131
Figura 26: Mapas da Família Sossego	135
Figura 27: Mapas da Família Quaresmeira	140
Figura 28: Mapas da Família Pôr do Sol	144
Figura 29: Mapas da Família Simplicidade	147
Figura 30: Mapas da Família Tranquilidade	149
Figura 31: Mapas da Família Aconchego	151
Figura 32: Mapas da Família Refúgio	153
Figura 33: Mapas da Família Elegante	155
Figura 34: Mapas da Família Amizade	157
Figura 35: Recorte do mapa da Cidade de Pelotas	159
Figura 36: Entrelaçamentos dos percursos	161
Figura 37: Percursos pela cidade	
Figura 37a: Mapa de Percursos pela cidade para Família Sossego	163
Figura 37b: Mapa de Percursos pela cidade para Família Quaresmeira	165
Figura 37c: Mapa de Percursos pela cidade para Família Pôr do Sol	167
Figura 37d: Mapa de Percursos pela cidade para Família Simplicidade	169
Figura 37e: Mapa de Percursos pela cidade para Família Tranquilidade	171
Figura 37f: Mapa de Percursos pela cidade para Família Aconchego	173
Figura 37g: Mapa de Percursos pela cidade para Família Refúgio	175
Figura 37h: Mapa de Percursos pela cidade para Família Elegante	177
Figura 37i: Mapa de Percursos pela cidade para Família Amizade	179
Figura 38: Rede das entrevistas	181
Figura 39: (In)conclusões	186-187
Figura 40: Mapa de percursos	193
Figura 41: Recorte na Paisagem	196
Figura 42: A quaresmeira	202-203
Figura 43: Anexos	210-211

Lista de Abreviaturas e Siglas

BNH – Banco Nacional de Desenvolvimento

CAVG – Colégio Agrotécnico Visconde da Graça

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFSUL – Instituto Federal Sul-riograndense

MCMV – Minha Casa, Minha Vida

PROGRAU – Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas





Introdução

Introdução

A presente dissertação surgiu da pulsante necessidade de relacionar a arquitetura, a cidade e a vida humana. Através da valorização das experiências pessoais, das espontaneidades e originalidades de cada pessoa, de cada relação pessoal com suas moradias e suas formas de morar.

As realidades de projetar, pensar, criar invólucros para diferentes realidades. Morar é uma necessidade individual e muito particular para cada pessoa, tem-se uma carga de desejos, de sonhos e bagagens, de *affectos* que precisam e vão habitar em sua casa. De Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997) nos apoderamos do conceito *affecto*, que vai nos dizer que nenhuma pessoa é uma ilha, ou seja, ninguém passa pela cidade sem deixar nela alguma marca, bem como, sem que dele leve algo. Um ser que não é capaz de sentir-se, de adaptar-se ou apenas tocar-se por uma paisagem do dia a dia e também tornar-se parte do processo contínuo que é a vida na cidade, precisando assim participar, contribuir e abrir-se para que outros levem ou criem algo a partir de si.

Sempre há a necessidade de entender o que é subjetivo em cada pessoa. Muitas e muitas vezes o mais importante não é a cor da parede da sala de estar ou se a garagem era maior que o quarto.

Morar não é apenas se colocar em um recipiente existencial, é muito mais. Morar é um estado complexo de sensações que a cada um traz seus simbolismos, seus cruzamentos e costuras. E foi toda esta carga de subjetividades arquitetônicas ou sensibilidades urbanísticas que me trouxeram aqui. Não podemos mais pensar somente na casa, sem pensar a cidade ou pensar a cidade sem olhar para as pessoas. Segundo Mansano (2009) a subjetividade não implica uma posse, mas uma produção incessante que acontece a partir dos encontros que vivemos com o outro.

(...) subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo, subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social. (...) O que chamo de processos de singularização é algo que frustra esses mecanismos de interiorização dos valores capitalísticos, algo que pode conduzir à afirmação de valores num registro particular, independentemente das escalas de valor que nos cercam e espreitam por todos os lados. (Guattari & Rolnik, 1996, p.31, p. 47).

Nesse caso, o outro pode ser compreendido como o outro social, mas também como a natureza, os acontecimentos, as invenções, enfim, aquilo que produz efeitos nos corpos e nas maneiras de viver. Tais efeitos difundem-se por meio de múltiplos componentes de subjetividade que estão em circulação no campo social.

No capítulo 01, intitulado **Território de subjetividades**, desenvolve-se a gênese do projeto de pesquisa, convidamos o leitor a iniciar esse percurso passando pelos questionamentos que dão sentido e propósito deste trabalho: repensar o tema do espaço e da vida humana.

Não se pode descartar as relações espaço-temporais em prol apenas da apreciação estético-arquitetônica. Portanto aqui partimos em um percurso que vai do real para o abstrato, da rigidez formal da arquitetura e do urbanismo dos condomínios fechados aos conceitos que extrapolam o concreto, dotados de valores simbólicos. Resignificar a arquitetura através das pessoas, através das complexidades e poéticas de cada lugar.

Da subjetividade arquitetônica, que ultrapassa as formas e as funções pré-determinadas, o estudo visa acolher e colher os processos que se encontram nas dobras, na sensibilidade das necessidades de cada indivíduo que se coloca em uma unidade de moradia coletiva – individual. E por subjetividade quer aqui se definir o que é próprio de cada pessoa e sua arquitetura, considerando seus pensamentos e sentimentos. Na psicologia, a subjetividade tem um conceito mais aprofundado, tratando das inquietações específicas de cada indivíduo, e é entendida como seu espaço íntimo, como se relaciona com seu mundo interno e com o mundo social ou externo. Neste percurso, chamamos de subjetividade a capacidade inata do ser humano de se adaptar e resignificar o modo de habitar, ou seja, entender algo concreto através do indivíduo que é a parte subjetiva.

Através dessas indagações, da busca de respostas (in)concretas para entender a cidade a partir da arquitetura que chega-se ao complexo que é esta *CASA: TERRITÓRIO DE SUBJETIVIDADES: Um percurso sobre sensibilidade e arquitetura nos condomínios fechados*.

Delimitando o território, título do capítulo 2, traz os objetivos que se espera alcançar com este trabalho, bem como a metodologia que está sendo utilizada para buscar esses objetivos. O que se quer é entender através das condições espaciais os movimentos dos corpos na cidade, analisar ainda as relações interpessoais, suas formas de morar e como se (inter)relacionam com a cidade; lançando um olhar

investigativo e crítico sobre a cidade contemporânea e suas experiências através das possibilidades geradas por sua configuração espacial e flertando com o campo filosófico da diferença.

A potência do conceito de **ritornelo**, criado por Gilles Deleuze e Félix Guattari apresentado em *Mil Platôs*, editado no Brasil em 1997, está em dizer-se que *“O grande ritornelo ergue-se a medida que nos afastamos de casa, mesmo que seja para ali voltar, uma vez que ninguém nos reconhecerá mais quando voltarmos.”* (MP, vol.4, p. 139). Portanto, o ritornelo vai existir na coexistência da tríade **desterritorializar** – procurar um novo lugar, sair do seu território de origem, partir; **territorializar** – tomar consciência de um território – território aqui é lugar de passagem, transitório, varia de acordo com os agenciamentos que são instaurados a cada nova necessidade; **reterritorializar** – retornar a sua origem, dar novo sentido ao seu território. Para tanto, esse conceito vai dar força para o que aqui será tratado. Onde a partir de um território – o em casa, para se chegar ao “em casa” foi necessário passar por essas três etapas de movimento. Sair – reconhecer – chegar.

De Jacques Derrida (2003) nos apoderamos do conceito de Hospitalidade: *“(...) é esse dar lugar ao lugar, a hospitalidade nos faz entender o lugar como uma questão fundamental, fundadora e impensada da história da nossa cultura. (...) A lei da hospitalidade: o hospedeiro que recebe, aquele que acolhe o hóspede, convidado ou recebido, o hospedeiro, que se acredita ser o proprietário do lugar, é na verdade um hospede em sua própria casa. Ele recebe, e a hospitalidade que ele oferece na sua própria casa, ela a recebe de sua casa – que no fundo não lhe pertence. O hospede casa, o sem si da casa não se apresenta com um sentido, mas apenas como representação. A habitação se abre a ela mesma, a sua ‘essência’ sem essência, como terra de asilo.”* A hospitalidade é esse deslocamento dos corpos, por uma

outra ótica, a partir desta essência – humana – que será possível descrever quando e o quanto uma casa, uma morada será ou não hospitaleira. Quando e quando será acolhedora, será lugar ou não lugar.

Para delimitar esse território subjetivo será preciso abrir a **Caixa de Ferramentas (conceituais)** e confrontar essas tantas informações, por isso no capítulo 3 temos um breve histórico dos programas de habitação popular no Brasil para assim entender como esse sistema está instaurado. E agenciar os demais conceitos que dão base para esse estudo.

A arquitetura e o urbanismo estão total e intimamente ligados com a vida humana; Citando Aristóteles: *“A cidade é, por natureza, uma pluralidade; a cidade é composta de indivíduos, mas também de elementos especialmente diferentes: uma cidade não é formada de partes semelhantes.”* portanto estão também ligados ao poder público, com a vontade coletiva pelo social, por uma diversidade de formas de morar e viver [n]a cidade.

Chegando ao **Bairro: pois nenhuma casa é uma ilha** no capítulo 4, vamos apresentar o caso, objeto deste estudo, o Condomínio Terra Nova em Pelotas – um Conjunto Habitacional, gestado dentro do Programa Minha Casa, Minha Vida, do Governo Federal que visa fomentar a melhoria das habitações populares no Brasil.

Buscando assim os limites, nas linhas imaginárias ou reais, verificando quais relações influenciam a cidade, de acordo com as formas de morar de cada indivíduo, de acordo com a sua forma espontânea e original de autoconstruir, de adaptar o construído e de se relacionar com o seu território.

No capítulo 5 convidamos o leitor a ultrapassar o limite – porta – e adentrar as casas, percorrendo o Território de Subjetividades que estas abrigam. Sendo assim este capítulo foi intitulado **A Ilusão da casa,**

fazendo referência a música de Vitor Ramil: “*a casa é onde eu quero estar*” (Tambong, 2000), iremos além das formas de morar, verificando suas variações de acordo com as realidades e necessidades de cada pessoa, de cada família. Não se pode mais pensar em arquitetar, desenhar, copiar e colar e assim determinar que as pessoas morem todas iguais. Através de uma reflexão qualitativa baseado em diversas argumentações teóricas, na prática cotidiana e na individualização das referências, esta pesquisa quer refletir sobre a diversidade de adaptação das formas de morar *versus* a imposição das formas concretas da arquitetura construída.

Todavia, o que se vê predominantemente é este receptáculo – a casa – como algo que comporta e suporta os acontecimentos do cotidiano. Transformar o que é concreto (arquitetura) em texto, descrever as suas formas, separando (ou não) o que é espacial do que é subjetivo, como algo que vai abrigar as pessoas e todas as suas formas de significar.

A palavra “casa” pode sugerir, inicialmente, uma construção cujos espaços servem para atender à necessidade de abrigo que se pressupõe ser de todos os indivíduos. Essa realidade física está longe de esgotar a amplitude do conceito naquilo de abstrato, de subjetivo, e até mesmo de concreto que ele envolve. Além de abrigo físico, no que consiste a ideia de casa? E a porta? Esse elemento de comunicação, participação direta entre o público e o privado, enquanto pela janela somente observa a vida pública. A janela são os olhos da rua (JACOBS, 2011), nos torna observadores, mas não atores, as portas nos convidam adentrar as subjetividades da vida.

Após, mover os limites dos muros, das casas será preciso voltar o olhar para o além-muros, pois viver na cidade não se trata apenas de um deslocamento de dualidades (ir e vir; casa x trabalho – escola x casa), comporta um complexo de sensações e no capítulo 6 foi necessário percorrer um **Percurso entre a casa**

e a cidade onde cada um faz e refaz seus percursos e se *afecta* a cada dia de uma forma nova, seja em sua casa, seja no trajeto para o trabalho, seja em algo novo que surge pelo caminho. A vida não é a ligação entre dois pontos como se representam nos mapas e nas plantas arquitetônicas, é muito mais, cada indivíduo não é apenas uma reta entre dois pontos e sim um rizoma, um emaranhado de retas, pontos e planos que vão se agrupando e formando novas ações e lugares.

As cidades são sistemas de referência para guiar e mediar nossas práticas o tempo todo; são sistemas mnemônicos que articulam atos passados, presentes e futuros. Ricas em suas estruturas e formas, são um modo único de dobrar a extensão rígida do espaço e colocá-la ao lado da fluidez das nossas práticas e interações. Elas representam a possibilidade da associação de nossos atos em tramas e emaranhados absolutamente complexos, dos quais reconhecemos apenas uma parte – aquela que nos aproxima em nossos afazeres e permite nossa vida em grupos, e desaparece no tempo e no espaço tão logo atuemos juntos e sigamos adiante. (Netto, 2014, p. 19)

Assim, nesta etapa serão apresentadas as famílias que atuaram neste processo. Cada uma com sua contribuição, seus afazeres e percursos por este emaranhado de cidade. Da mesma forma, as recentes ideias sobre o planejamento urbano vêm demonstrando que sem a participação social a implementação de um determinado plano em áreas urbanas se torna inviável e, de certa forma, “inaceitável ao tomar os moradores como objeto e não como sujeitos” (MARICATO, 2000, p.180).

Entender a cidade, suas formas de morar através da ótica da pessoa, gera muitas **(In)conclusões**, por isso de todas as possíveis justificativas para dar sentido a este trabalho – as paixões cotidianas, a vida na cidade, a casa, a cidade; às curiosidades que podem ser coletivas - tantos pensam a cidade, tentam

entende-la com suas complexidades, aqui optou-se por agenciar essa proposta pela ótica filosófica contemporânea, ou seja, pensar a problemática da arquitetura e suas estratégias pela proposta “Deleuze-guattariana” de observar a vida. Parece ser possível afirmar a urgência de criarmos novos mecanismos de pensamento do espaço, neste tempo- espaço que somos imersos em categorias espaciais nunca antes pensadas.

Aqui não se tem a pretensão de extinguir e reunir todas as teorias em torno da arquitetura, subjetividades e suas relações com a cidade e sim, sobrepor os conceitos forjados por vários autores, de várias áreas do conhecimento, pois a cidade não é feita somente por arquitetos e urbanistas. A cidade é formada por diversos personagens, todos àqueles que dela se utilizam, que nela percorrem. A cidade é sempre heterogênea. Ao delimitar o recorte de atuação neste trabalho, o problema real é deparar-se com a arquitetura e a cidade como objetos, personagens de reflexão. Permitindo assim fazer uma leitura do espaço urbano contemporâneo a partir das vivências cotidianas de cada pessoa com a cidade. Como essas pessoas se *affectam* com a cidade em que vivem e como esta cidade também *affecta*¹ àqueles que nela se deslocam e vivenciam suas experiências. Uma comunidade que não conhece a si mesma e ao seu espaço, dificilmente poderá comunicar sua importância no contexto mais amplo da cidade, da sociedade.

¹ Ainda de Deleuze e Guattari nos apoderamos do termo *affecto*: “Os affectos não são sentimentos, são devires que transbordam aquele que passa por eles (tornando-se outro). (...) o affecto, o percepto e o conceito são potências inseparáveis, potências que vão da arte à filosofia e vice-versa”. (Deleuze & Guattari, 2004, p. 171). Assim sendo, nenhuma pessoa passa pela cidade sem que por ela seja tocado e dela leve algo. Ninguém é uma ilha, um ser que não é capaz de se modificar, adaptar e ainda deixar algo para que outros também façam seu processo e contribuam com algo de si.





Território de Subjetividades

1.1 Origem – Gênese do projeto de Pesquisa

A arquitetura hoje precisa resgatar o “ser” tão esquecido, aquele que é humano, é passagem e permanência, é efêmero, o que vive e dá sentido à sua concretude e significa a cidade. Entender a arquitetura como algo desvinculado deste humano é fazer do concreto algo frágil, pois o que dá conceito para a arquitetura e para a cidade, o que faz de uma construção um lugar está fundamentado na existência do humano.

Olhando para o recorte desta pesquisa, nos deparamos com detalhes, como diz Allain de Botton (2008) em seu audiovisual *Arquitetura da Felicidade* o “*objetivo de uma casa não é ser uma caixa para lhe conter, mas o que importa é a vida que você leva a partir da casa*”. É este o ponto chave das inquietações deste trabalho. Não pode a arquitetura ser aquilo que engaveta, que engessa e compartimenta a vida, o caminho tem de ser o inverso: que vida se hospeda neste ritornelo arquitetônico?

Assim como Gaston Bachelard (1993) que diz que para se fazer um estudo da intimidade e valores de um espaço interior, é preciso iniciar pela casa, ela é para todos nós um ser, um elemento ímpar, usando as

palavras do autor: “a casa é um ser privilegiado”, considerando que ela é ao mesmo tempo em sua unidade – imparcialidade e complexidade.



Figura 3: Diferenças e repetições
Fonte: acervo da autora

Pensar a cidade através da intimidade da casa nos traz uma proximidade com a primeira, através de nossos devaneios, sonhos, através dos anseios de segurança e proteção que a casa nos fornece. E quando essa casa está agrupada com tantas outras iguais à ela na concepção, mas carregadas de anseios e como diz Bachelard: devaneios.

Assim, abordando as imagens da casa com o cuidado de não romper a solidariedade entre a memória e a imaginação, podemos esperar transmitir toda a elasticidade psicológica de uma imagem que nos comove em graus de profundidade insuspeitados. (...) se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz. Só os pensamentos e as experiências sancionam os valores humanos. (Bachelard, 1993, p. 26)

É possível que exista alguma relação entre as moradias coletivas e a cidade? Onde estão os pontos que podem além dos muros conectar essa casa com a cidade, que agenciamentos essas casas são capazes de gerar através dos muros? Quais as potências que ligam as formas de morar contemporânea e a cidade?

Este somatório de individualidades vai formar a sociedade, diferir nas formas de morar e influenciar a arquitetura, fazendo com que esta última deva ser pensada e criada para cada um, de acordo com suas necessidades, características e cultura. A cidade é uma pluralidade, um complexo de humanidade e elementos que a compõem.

Que certos aspectos e em certos contextos, culturas e individualidade possam definir-se como expressões recíprocas, é uma trivialidade, seja como for, um lugar comum, do qual servimos, por exemplo, para dizer deste ou daquele que é mesmo um bretão, um inglês ou um alemão. Também não nos surpreende que as relações das individualidades pretensamente livres possam ser apreendidas e mesmo previstas, com base em amostragens estatisticamente significativas. (Augé, 2012, p. 25)

A construção do lugar vem da complexidade de características, uma série de episódios, ou seja, a cidade é composta por uma série de espaços, os quais se tornam lugares quando estabelecemos uma relação com eles. Dentro dessa ideia, é possível identificar uma tendência muito forte no ativismo urbano de que essa transformação deve ser catalisada pela participação dos moradores e usuários da região, é necessário que as pessoas reconheçam o lugar onde vivem como um lugar. É preciso tomar para si a criação do lugar, este sentido de pertencer, esta é uma das principais estratégias para a garantia de apropriação dos espaços. Porém, é essencial que tal ação não gire apenas no setor ativista, exclusivamente voluntarista, popular ou até mesmo privado. Políticas urbanas de governança devem estar alinhadas com tais objetivos. Nesse ponto, há um papel muito importante das políticas públicas na criação de cidades e o debate acerca de novos papéis que o poder público pode exercer.

Será necessário também transpassar a sensível visão da arquitetura como algo belo e funcional e, mudando o prisma aceitar que a arquitetura tem a importante função político- social. A arquitetura sempre teve e terá uma relação com o público e com a política, com a voz da coletividade, da sociedade e do bem comum. Essas relações são sempre polêmicas e complementares, vão sempre caminhar ao mesmo tempo, mesmo que para lado opostos. A responsabilidade da arquitetura pelos grandes marcos que são

os edifícios públicos e também na criação de espaços para a vida se desenvolver. A grande inquietação dos arquitetos é que a vida é pulsante e está em uma linha que não é a mesma que a linha do tempo. É preciso pensar o presente, sonhar o futuro e carregar o passado. Com essa reflexão que deve ser presença constante na vida dos que projetam, Josep Maria Montaner (2014) inicia seu livro:

(...) a essência da arquitetura é sempre propor o horizonte do futuro; para tanto, devemos sonhar e, ao mesmo tempo, ser realistas, isto é, devemos conhecer bem as perguntas às quais dar resposta, estar consciente dos efeitos que podem ser ocasionados nessa realidade – e de como essa realidade, por sua vez, vai transformar o projeto – e, ao mesmo tempo, devemos usar a imaginação. (Montaner e Muxi, 2014, p.15)

As rápidas transformações no ambiente, no contexto social, no âmbito econômico e cultural, além das evoluções tecnológicas, resultam no ritmo de vida frenética da sociedade contemporânea. Olhando um pouco mais para trás, na Carta de Atenas (1933) diz que “A vida real é autoproduzida de um espaço que começou planejado” e este planejamento também ocorre com aqueles que vão tomar conta desta habitação, com os moradores de cada unidade, de cada célula habitacional.



Figura 4: Ver por uma vista cega
Fonte: acervo da autora

Talvez fosse melhor ver o espaço arquitetônico apenas como um estado de uma situação em constante mudança. A construção de um nada que vem a ser um projeto, um envio. Só ao tornar-se 'para mim' o espaço recebe um significado, um sentido. O espaço 'para mim' ao contrário do espaço em si, só existe porque estou aqui. Nós não dependemos dele; ele é quem depende de nós, e sem nós nada seria. O sentido do espaço só existe a partir da experiência do 'eu', portanto, o sentido do espaço da arquitetura não está no interior da abstração do espaço, no interior da arquitetura, na relação utilitária entre o cheio e o vazio, e tampouco nas entranhas das paredes. Qualquer sentido que se possa atribuir está fora dele, muito além de sua superfície. Está no interior de quem o vivencia, está nas pessoas que se deslocam constantemente nele. Curiosamente transportamos o sentido do espaço para qualquer lugar que formos. O espaço não é como crê a maioria dos arquitetos, uma realidade rígida e válida para todos. Ele em si é tão plástico e imaterial como o próprio tempo, variando com os indivíduos, com os povos, com as épocas, e principalmente com os pontos de vistas. Não existe um espaço objetivo e autônomo do ser humano. Existem diferentes maneiras de perceber e compreender esse espaço 'bruto', lá fora, sem significação, a espera de minha chegada. (Fuão, 2012, p.2)

A casa, a moradia, ou como quiser denominar àquele que desta se apropria, é muito mais que um desenho que saiu do papel. É muito mais ainda do que a construção material. Neste espaço, este invólucro para o humano é abrigo de mitos e devaneios, de acontecimentos, de cotidianos e outras tantas dimensões que ganham forma através de sons, imagens, cheiros, memórias e que servem a construção da vida. A habitação, a casa, a moradia, a máquina de morar, muito mais que projeto e construção material é

receptáculo de mitos, de práticas e de acontecimentos que, cotidianos, ganham às vezes outra dimensão do campo afetivo: sons, formas, volumes replicantes, que se perderiam de outro modo. Muito mais do que vemos nas revistas de arquitetura, onde os projetos são fotografados muitas vezes antes da vida, das pessoas apoderarem-se deles, ou são fotografadas sem seus moradores, sem àqueles que fazem a vida pulsar. Uma casa é uma cosmologia, um ritornelo de virtualidade, de *afectos* e de formas de ver e viver o mundo.

Voltando ao início, é preciso que a arquitetura produza forma, função, estética, memória e coração. Sem coração, é preciso colocar a arquitetura além dos tijolos, areia e cimento, colocar nela memórias, anseios, alegrias e tristezas daqueles que vão se utilizar dela. Pois a casa é o abrigo do homem, e não o lugar de sua opressão: é nesse espaço positivo que reside à beleza e o sentido arquitetônico.

É preciso criar contexto, estar familiarizado com o invólucro que nos abriga, é necessário que se deixe entender e se entenda o que é a casa: familiaridade é a palavra que Fernando Fuão (2013) utiliza para descrever essa necessidade que temos de aconchego, a *“familiaridade é muito mais decorrente de uma vivência e do entendimento do que é uma casa, do que atribuir a ela, a casa, uma capacidade formal, uma propriedade, na qual a forma carregaria em si a propriedade de ser sinistra/ familiar, ou hospitaleira/ hostil.”*

Não há arquitetura sem um conceito – (...) também não há arquitetura sem contexto (exceto na utopia). Um trabalho de arquitetura é sempre in situ, ou situado, localizado em um site e dentro de um contexto [setting]. O contexto pode ser histórico, geográfico, cultural político ou econômico. (Tschumi, 2004, p.11)

Assim é necessária a reflexão sobre a forma de “criar” arquitetura. Para Derrida o caminho do pensamento arquitetônico está em uma busca de unir a teoria e a prática, ou seja, é preciso que o concreto e o subjetivo estejam entrelaçados, pois a arquitetura não é apenas uma representação do abstrato, de uma teoria que foi desenhada. Arquitetar é conceber espaços as necessidades humanas.

Em Giorgio Agamben (2009, p.59), o autor descreve como contemporâneo aquele que relaciona-se diretamente com seu tempo, nas que não necessariamente atua conforme as convenções que o tempo impõe, e justamente por isso tem maior capacidade de compreensão do seu tempo. Atualmente, com a rotina sobrecarregada de tarefas e funções, os espaços deixaram de ser pensados como formas de desenvolvimento da prática de lazer ativo, no qual o participante recebe e emite estímulos, envolvendo-se com o cenário e pessoas que o cercam, sendo assim contemporâneo ao seu tempo.

A contemporaneidade faz do cidadão um possível conversor de atividades em conhecimento, resultado do lazer ativo, incluindo os momentos de contemplação e observação dos espaços, tornando o cidadão apto a formular suas próprias críticas sobre a qualidade e características dos locais que frequenta.

Penso que no momento em que distinguimos a *theoria* da *práxis*, percebemos a arquitetura como uma mera técnica, descolada do pensamento. Quem sabe não haverá talvez um caminho do pensamento, ainda por descobrir, que faça parte do momento da concepção da arquitetura, do momento do desejo, da invenção (Derrida, 2005, p.166).

Ainda que de maneira secundária, servindo apenas como pano de fundo para ações, apesar da mudança nas relações entre a cidade e o homem e a perda do contato entre ambos, “a cidade não deixa de existir,

ela continua ali, mas a maneira pela qual as pessoas passam a se relacionar com ela é que vem sendo alterada”. Ou seja, as transformações acontecem diariamente, mesmo que não mais afete a percepção de todos os que ali atravessam.

A sociedade será sistema de encontros interpessoais. Importa quem se encontra com quem, para fazer o que, quando e onde. A relação espaço *versus* sociedade será entre dois sistemas, sem propormos que o espaço e sociedade sejam exclusivamente isto. São isto e mais.

De maneira impessoal e muito complexo, o deslocamento diário do sujeito ao sair de casa e percorrer a cidade, faz com que este seja provocado por sensações variadas, pois submetido à imagens efêmeras de arquitetura, pessoas e produtos, o entendimento dos cenários urbanos, devido aos caos e agilidade dos processos de mudança, se dá como um todo, sem que haja a possibilidade de analisar-se as partes. A velocidade com que os componentes da cidade se alteram, formando novos panoramas, é mais rápida que a capacidade de percepção e assimilação do contexto.

Rem Koolhaas, em seu artigo “*Que há sido del urbanismo?*” (2002), traz que a noção de cidade sofreu uma distorção sem precedentes e que a urbanização generalizada modificou a condição urbana, tornando-a irreconhecível. Já Ignasi de Solà Morales (2002) eleva esta noção a outro patamar: leva a cidade para além de seus prédios e arquiteturas e afirma que, atualmente, lidamos com cidades que mudaram radicalmente em relação aos tempos pré-industriais e em relação à cidade grande baseada nos projetos onde foi subtraído tudo o que é subjetivo em função de uma racionalidade produtiva.

Será preciso reconstruir o pensamento, unir a técnica e a sensibilidade. Permear os meandros da arquitetura, fazendo com que se tenha parte no processo de entendimento e construção. Pois construir

não é apenas uma junção de objetos, mas uma união com pessoas. Construir, etimologicamente falando, tem origem no habitar, permanecer, morar. Para Heidegger “a essência de construir é deixar habitar-se” e ainda “o homem é a medida que habita.” Essa forma de vislumbrar o construir traz o resguardo, a permanência em casa e, assim é preciso pensar o sentido do habitar.

Por este prisma, o habitar, morar, apropriar-se pressupõe uma identificação, uma empatia com o lugar de modo que assim o homem possa sentir-se parte de um total. Assim, homem e cidade, homem e ambiente criam uma identidade única. Não existe mais o sujeito e o espaço, existe sim um sentimento de pertencimento subjetivo, imagético até, onde esta relação vai gerar um sentido de permanência, de segurança de aconchego e lugar.

O que sensibilizou Derrida na chamada arquitetura desconstrutivista foi o fato de arquitetos conseguirem desconstruir verdadeiramente os elementos essenciais da tradição, isto é, a subordinação da arquitetura aos valores vitruvianos tradicionais, tais como utilidade, beleza e solidez e principalmente o valor de moradia ou habitação. (...) Quando ocorre, então, uma desfamiliarização, esta não tem correspondente imediato com o inabitável. A desfamiliarização, portanto, significa um deslocamento da ideia de familiar, ou do comumente usual, mas não a sua destruição. Trata-se então, de libertar a arquitetura de todas aquelas já tão bem sedimentadas ‘finalidades externas’, um estranho intento, dirá Derrida. (Sólis, 2009, p. 43)

O ponto que é preciso ressignificar é essa subjetivação, onde está para a arquitetura a imaginação? Não subestimar essa capacidade que a muitos parece fadada ao mundo infantil, por que lúdico. A imaginação é uma das grandes ferramentas que os arquitetos possuem para transformar o mundo. Assim como para

Heidegger (2002) a essência do construir é deixar habitar. Somente em sendo capazes de habitar é que podemos construir. Habitar é o traço essencial do ser de acordo com o qual os mortais são. Construir e pensar são cada um, a seu modo, indispensáveis ao habitar.

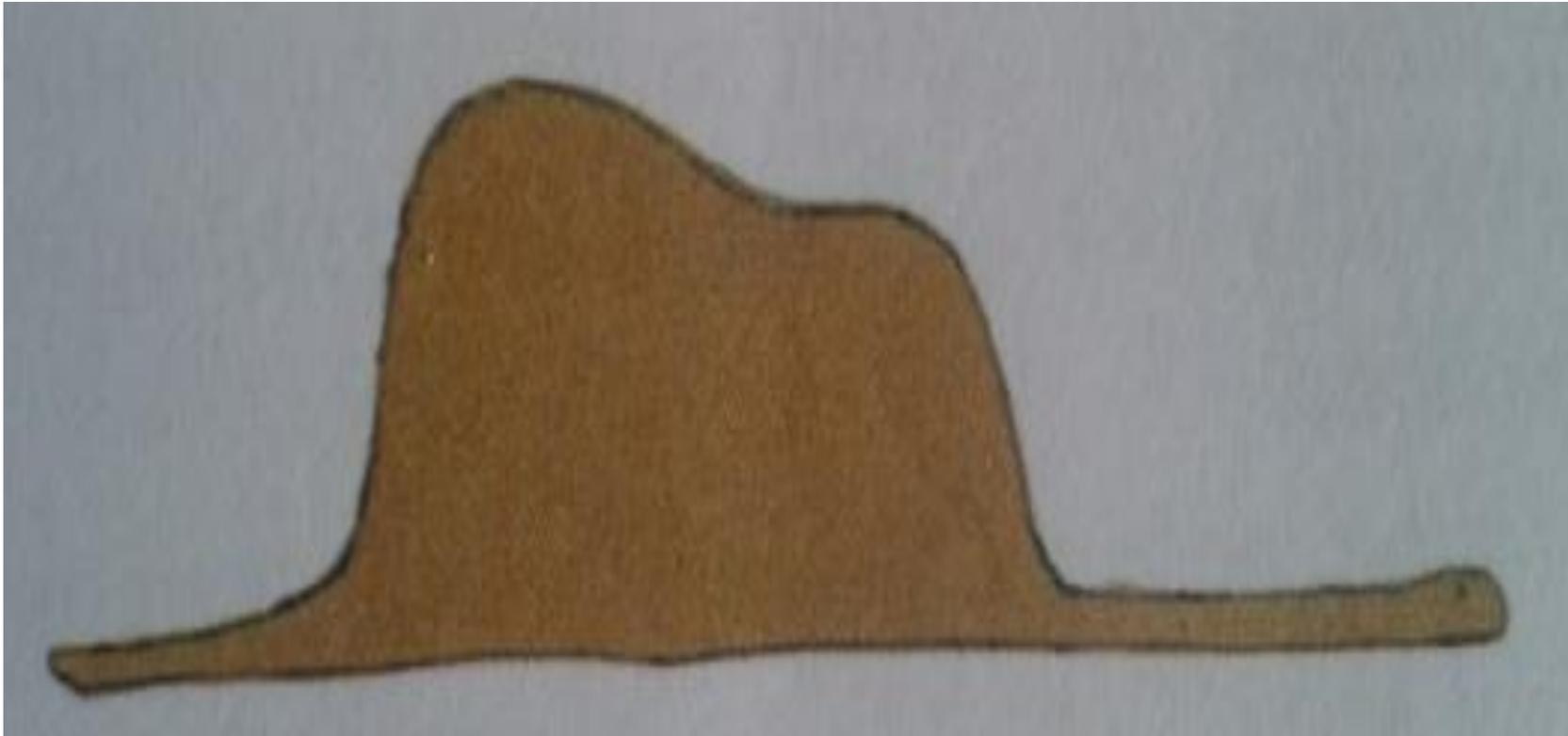


Figura 5: O desenho da jibóia na visão da criança
Fonte: EXUPERY, Saint. Pequeno Príncipe, Rio de Janeiro, 2009: Agir

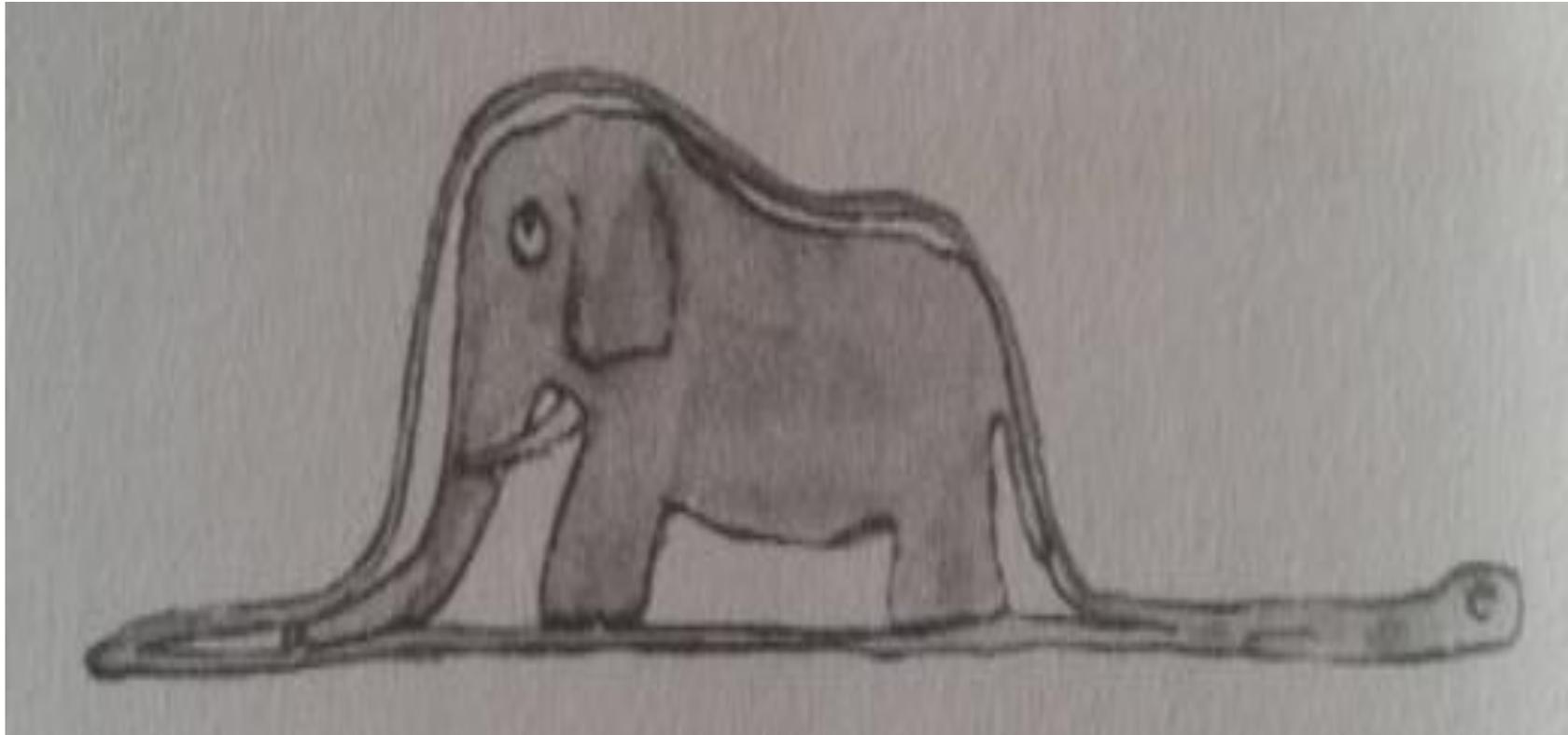


Figura 6: Jiboia, detalhada para o entendimento dos adultos.
Fonte: EXUPERY, Saint. Pequeno Príncipe, Rio de Janeiro, 2009: Agir

É no campo sensível da imaginação que se pode construir algo que vai ultrapassar o concreto, ou seja, é preciso que através de uma imaginação sensível, voltada para as pessoas e não para o apelo da rentabilidade apenas, seja-se capaz de criar lugar para abrigar várias formas de leitura humana.

Esta, a imaginação, talvez não conste nas listas de custo, não pertence ao plano de necessidades de uma obra, que muito se desvincula do ser e de seus desejos de habitar, mas é onde se concentram os anseios

de qualificar a vida. Precisa-se é imaginar a cidade e a arquitetura, como o Pequeno Príncipe de Exupery, imaginava a sua jiboia²

É necessário que se crie espaços materiais e imateriais de relações mais essenciais, suscetíveis às transformações – seja da cidade, seja dos usuários que dela tomarão posse. Cabe a seguinte analogia: o que vemos por fora, não é necessariamente o que se tem por dentro, ou seja, o que nos mostra a fachada, não nos diz o que se tem dentro da casa, como as pessoas que ali vivem se relacionam com sua célula de morar. Pensar o lugar, a casa como o espaço de complexidades que entrelaça a filosofia dos arquivos da vida: histórias, passado, sonhos e as contemporaneidades: o que se é hoje.

Portanto uma avaliação mais meticulosa pode revelar muitos aspectos que apenas o concreto da fachada não mostra.

Não se trata, portanto, de mais um estudo sobre o tema da casa na arquitetura, mas da inserção do pesquisador no próprio tema, cartografando, recuperando possibilidades do entender e do expressar, fazendo dialogar as memoriais e os projetos, constatações e hipóteses, descrições de um “real” vivido e observações carregadas de valor emotivo.

² Saint Exupery, inicia seu clássico o Pequeno príncipe (2009) refletindo sobre o desenho de uma jiboia. Uma jiboia que engolia animais. Através da simplicidade de uma criança, o autor nos apresenta a seguinte reflexão: para o menino que, usando de sua capacidade de imaginar, usando de toda a simplicidade – capacidade nata de criança, faz um desenho simples, que ao seu ver, era uma cobra que havia engolido um elefante. E, ao apresentar seu desenho aos adultos, ele, por imaginar além da folha de papel, acredita que seu desenho era assustador, mas para os adultos aquela imagem não passa de um simples chapéu. Pois muitas vezes, nós, os adultos, deixamos para trás esse dom de imaginar, ou ainda, essa vontade de ver além do que está em nossa frente. É desta capacidade que se precisa na arquitetura: imaginação! Conseguir ver além do concreto, além das paredes e criar espaços onde a vida possa ser escrita da forma que se desejar.





Delimitando o Território

2.1 Objetivos

A questão chave desta pesquisa é apresentar uma análise de sistemas e métodos de projeto de Conjuntos Habitacionais contemporâneos baseados nos dados que a realidade de cada pessoa, de acordo com suas adaptações das formas de morar.

O que precede a esta ideia é o propósito da contemporaneidade, não é saber como pesquisar um grande grupo, mas saber que se pode entender um grande agrupamento através de aspectos da vida social contemporânea. Entender os deslocamentos e os sentidos através da ótica das pessoas.

Como objetivo principal quer-se sistematizar o cotidiano dos moradores do Conjunto Terra Nova, em Pelotas, ou seja, entender como o habitante adapta a sua vida ao desenho sempre igual (ou praticamente igual) oferecido pelo projeto e suas relações com o entorno imediato, a cidade e o mundo em que vive. Pois é sempre da vida social que se trata quando olhamos para os agrupamentos.

Trata-se de uma investigação dos limites entre campos do conhecimento (filosofia e arquitetura) em processo de fusão. Advindos de um pensamento filosófico responsável por profundos deslocamentos de verdades históricas pertencentes as mais diversas áreas do conhecimento, os conceitos teóricos nos ajudam a pensar a realidade do que parece ser próprio da arquitetura.

Essa reflexão opera em três planos: em um primeiro, entender o habitar doméstico, adentrar nas casas e entender suas dinâmicas, buscando entender como a vida tão complexa se adapta de formas tão diversas dentro das mesmas conformações impostas pela arquitetura do local. Sobrepondo-se a este, um segundo plano, questiona como as formas de morar extrapolam os limites das portas, ou seja, como esses habitantes reconhecem o território – entre muros – que os cerca, como se integram, como vivem. E por fim, quando cruzam os limites territoriais dos muros, como se relacionam e reconhecem a cidade.

A proposta é gerar um pensamento crítico aos processos de concepção e posturas dos arquitetos. Construir uma reflexão teórica sobre a arquitetura e o espaço em si mesmos, nem articular fortemente as conexões arquitetura e etnologia ou arquitetura e literatura, por exemplo. O que se anseia é criar uma poética da arquitetura, compreendendo como poética o movimento de saberes que se organiza, que se deslocam e relocalam, que partem de princípios, que se sobrepõem, fazendo com que, a partir dos vários modos de ser dos personagens que circulam pela arquitetura sejam capazes de se encadear e contribuir com aquilo que nos especializa. Talvez, ainda seja uma utopia, pois quem projeta, pensa muito mais na plástica geral do que nas pessoas. Neste exemplo, do Residencial Terra Nova, vemos o quanto a força da incorporação se sobrepõe aos anseios das personagens que dão vida a estes cenários.

Alguns objetivos mais específicos foram elencados para que se construa um mapa desse território vasto das subjetividades. Entender as dinâmicas, as adaptações e as particularidades que em cada unidade

habitacional se configurou a partir do momento da habitação destas. Como são as relações com a casa, com o exterior, como se integram ao conjunto, como se identificam dentro de uma rigidez de padrões. Para tanto se apontou a necessidade de descobrir as soluções que os moradores encontram no dia a dia para suas necessidades na relação: espaço público, semi-público e privado. Aqui, tomam-se como base os conceitos de Espaço Público: compreende os lugares urbanos que, em conjunto com infraestruturas e equipamentos coletivos, dão suporte à vida em comum: ruas, avenidas, praças, parques.

Nessa acepção, são bens públicos, carregados de significados, palco de disputas e conflitos, mas também de festas e celebrações. Esses dois sentidos se interpenetram e, mais, não podem ser tomados fora de suas articulações ao domínio privado - que inclui pessoas, famílias, grupos, empresas, corporações. Limites, estrutura, forma e função desses espaços constituem partes de agenciamentos complexos e dinâmicos, que se diferenciam conforme países e culturas.

Já os espaços semi-públicos são espaços de transição entre os domínios públicos e privados. Esses domínios possuem entre si uma relação complexa fundamental em que um não existe sem o outro, e a perda de território de um implica no ganho relativo do outro. E finalizando, o Espaço privado é a propriedade privada (pessoas ou empresas), ou seja, casas, lojas comerciais, escolas particulares, Shopping Centers onde os responsáveis pela manutenção e preservação locais são os proprietários e também onde se supostamente, tem-se privacidade.

Complementarmente, faz-se necessário desvendar os diferentes tipos de famílias que habitam as células de morar e se relacionam com a cidade, o bairro, o entorno e a vizinhança. Com base nos dados do IBGE³ as famílias são classificadas em 4 agrupamentos, sendo eles: Família Unipessoal, Casal com filhos, Casal sem filhos, Mulher sem cônjuge e com filhos, ainda que consideremos que estes dados são restritivos e, por certo, não abarcam algumas parcelas da população, mas por ser tratar um dado concreto é que vamos nos apoderar dele para partir em nossas descobertas. A habitação é um fenômeno heterogêneo que envolve três ordens, que podemos caracterizar da seguinte forma, para melhor classificar as etapas deste trabalho:

1. Elemento base: a Casa, cenário de todos os devires.
2. O habitante: Assunto principal – quer-se aqui, reconhecer a arquitetura através da ótica das pessoas, não a partir das plantas baixas, das maquetes e dos desenhos que venderam essa ideia, quer-se entender a arquitetura através da leitura das pessoas.
3. O percurso: Como é o cotidiano desses habitantes, como se relacionam com duas casas, com os muros e também com a cidade que existe além dos muros.

Deve-se levar em conta a construção de territórios de sensibilidade: o desejo de saber como, modos de conhecimento, práticas que interagem com o sujeito, tanto pela evocação memorial que conforta os sentidos quanto pela continuidade mais intensa de um corpo com as práticas e condições espaciais que o cercam, considerando-se muito mais do que aquilo que se apenas se vê ou descreve. Os resultados

³ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Fonte para a obtenção dos dados relacionados aos “tipos de família”, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios entre os anos de 2001 a 2009.

brutos (entrevistas, imagens, desenhos) serão agenciados aos conceitos de retorno e hospitalidade, pois o que se anseia é ver o subjetivo que muitas vezes, a teoria arquitetônica não deixa transparecer.

Para tanto, no capítulo seguinte, vamos tratar da metodologia adotada, para que seja possível responder as questões que aqui se apresentam. Através de um mergulho no cotidiano deste lugar. Não tem a pretensão de ser verdade absoluta e universal. Quer-se é acompanhar os movimentos e compor uma realidade.

2.2 A cartografia como método de estudo

A pesquisa se baseia na metodologia cartográfica, a partir do acompanhamento de processos cotidianos e modos de viver e morar. O pesquisar é sempre, de certa forma, um relato de uma viagem, onde um sujeito através dos anseios de seu olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de novo? Tudo de novo, a pesquisa cartográfica é portanto um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade, a partir da experiência e da apropriação que o pesquisador- cartógrafo se permite nesse olhar.

Princípio de cartografia: O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para a sua abertura máxima sobre um plano de consistência [...]. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede,

concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como meditação. (Deleuze e Guattari, 1995, p. 109)

Segundo Virgínia Kastrup (2012), a cartografia é um método que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção. De saída, a ideia de desenvolver o método cartográfico para utilização em pesquisas de campo no estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas. Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim.

Cartografar é sempre a busca pela capacidade de composição de um ambiente, lugar, território existencial através da inserção ou imersão do pesquisador. É menos descrição de estados de coisas de que o acompanhamento de processos é um mergulho na experiência. A

cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação, tem sentido no acompanhamento de percursos, implicações em processos de produção ou conexão de redes. “*Pois não*

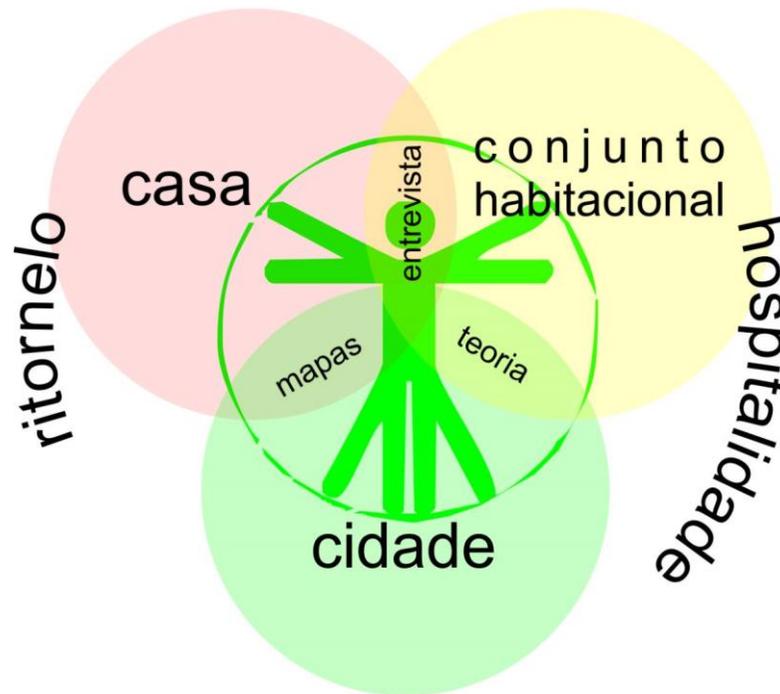


Figura 8: Representação dos elementos que compõem o estudo

Fonte: desenho da autora

é um ou outro, fixidez ou variabilidade, mas certos motivos ou pontos só são fixos se outros são variáveis, ou eles só são fixados numa ocasião para serem variáveis numa outra” (Deleuze e Guattari, 1997).

Construir o conhecimento com e não sobre o campo pesquisado. Isto é, entrar nas casas das pessoas não apenas para compilar dados e sim para compor um território existencial, criando uma descrição própria e particular de cada casa, não apenas pelo número que a identifica, mas sim através da possibilidade de encontrar algo que não se procurava, entendendo assim seus processos, seus anseios e devires.

O desafio do cartógrafo é esse entrelaçar-se com o objeto de seu estudo. É deixar-se aberto aos encontros que vão ocorrer. É o encontrar-se com surpresas. Descartar a busca pela informação e perder-se nas entrelinhas. Não significando uma atitude de relaxamento ou falta de controle sob o objeto estudado. É ir além do que se procura.

Segundo Eduardo Passos (2012) a cartografia surge quando não mais nos contentamos em apenas representar um objeto, quando apostamos que nosso conhecimento seja capaz de transformar alguma realidade a nossa volta, por isso o processo de pesquisa cartográfica é tão complexo, pois nos obriga a romper nossas barreiras, a mudar os limites a criar controvérsias, revertendo todo o sentido de ser chegar a um fim, mas na verdade se quer o reconhecimento dos caminhos.

(...) a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. (Passos, Kastrup e Escóssia, 2012, p. 57)

Ao ultrapassar a portaria do Condomínio Terra Nova, objeto deste estudo, que vai ser melhor detalhado no capítulo 3, o que vai desafiar esta pesquisadora-cartógrafa é o tomar para si aquela realidade. Entrando

nas casas, deixar-se tocar por suas realidades, e quando volta para o texto, volta com essa carga que já a faz diferente do que era na página anterior, antes de cada visita ao seu objeto – parte – processo.

A metodologia cartográfica não coloca de lados opostos a teoria e a prática, a pesquisa e a intervenção, a partir dela o que se pode é deixar que o campo de estudo adentrasse o território do pesquisarcartógrafo, fazendo com que este se deixe compartilhar e também seja objeto de sua pesquisa.



Figura 9: Acesso Principal e Único do Conjunto Residencial Terra Nova
Fonte: GoogleMaps

A cartografia está ligada diretamente aos efeitos que causa no corpo. Corpo do pesquisador, do pesquisado, do corpo conjunto habitacional e em todos os atravessamentos e funcionamentos. Todos esses não se calam. E esse mapa palimpsesto é criado.

Conexões, não só entre as subjetividades humanas, mas entre todo o tipo de intensidade existente. Dessa maneira, existe um corpo de sentido – arquitetura – que não é algo corpóreo, semelhante ao corpo humano, mas que diz respeito aos incorporais, ou seja, aos efeitos, aos acontecimentos, os quais têm sua origem na relação entre os corpos e não possuem identidade plena e imutável. Cada encontro e cada situação possuem efeitos que emergem nas relações estabelecidas e nas conexões que os compõem. Essas conexões se dão entre as intensidades, corporificadas ou não, criando e recriando incessantemente o que é e o que está por vir.

Para Suely Rolnik (2006), a cartografia, diferentemente do mapa – representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. Neste caso, o cartografar é acompanhar a construção de realidades ao mesmo tempo em que certos mundos se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos.

2.2.1 Os Procedimentos metodológicos:

É sempre um movimento singular e provisório. É o tecer de uma rede, com linhas que são tramadas daqui e dali e que se tecem no próprio acontecer do cotidiano. Quando o cartógrafo traça um desenho – um

esboço da realidade, procura estar o mais atento possível aos processos invisíveis (mas reais) que buscam compor uma realidade. Um desenho que acompanha os movimentos de transformação de uma paisagem.

Não existe cartografia sem o contato direto com o objeto pesquisado, para tanto os procedimentos metodológicos adotados para que seja possível cartografar a subjetiva realidade neste percurso pelo Condomínio Terra Nova serão:

1. Pesquisa de campo, visitando o local e percebendo suas características e peculiaridades;
2. Levantamento fotográfico para registro de detalhes que os olhos e as entrevistas podem deixar escapar;
3. Conversas (entrevistas) com os moradores solicitando a estes que, se possível, construam mapas mentais considerando seus trajetos, suas rotinas intramuros e extramuros;
4. Revisão bibliográfica, o embasamento para este trabalho passou pela arquitetura, pela cidade, questões relativas aos Conjuntos habitacionais e também foram revisados os conceitos da filosofia da diferença que agenciam com os demais dados para compor o ritornelo de informações desta pesquisa;
5. Plantas e informações técnicas em relação ao Conjunto Residencial Terra Nova, que foram coletadas junto à Construtora responsável pelo empreendimento.

Um sistema de redes foi o procedimento para a escolha dos entrevistados, ou seja, construir uma rede na qual seja possível reunir as informações a respeito do segmento que possa mapear o campo investigado. A partir da indicação de um próximo ponto, de um novo contato, através dos inter-relacionamentos, foi-se tecendo a malha de *affectos* para compor esse vasto território subjetivo. A escolha esteve vinculada

diretamente ao contato anterior, suas inter-relações, e a possibilidade de abertura destas frestas para que a pesquisadora pudesse adentrar nas indefinições dos contornos íntimos das casas e das vidas, por esse pequeno instante no tempo-espaço. Segundo Elisabeth Bott (1976) “*a rede é definida com todas ou algumas unidades sociais com as quais um indivíduo particular ou um grupo está em contato*”. As pessoas indicadas sugeriram outras pessoas e, assim sucessivamente, novas frestas foram surgindo.

Esta metodologia foi aplicada com o intuito de através das indicações dos moradores do conjunto habitacional Terra Nova, fosse mais potente as informações fornecidas, uma vez que eles estão inseridos completamente nesse local, enquanto a pesquisadora, por mais que adentre neste espaço, não está completamente inserida e, quase sempre terá uma visão de alguém que observa.

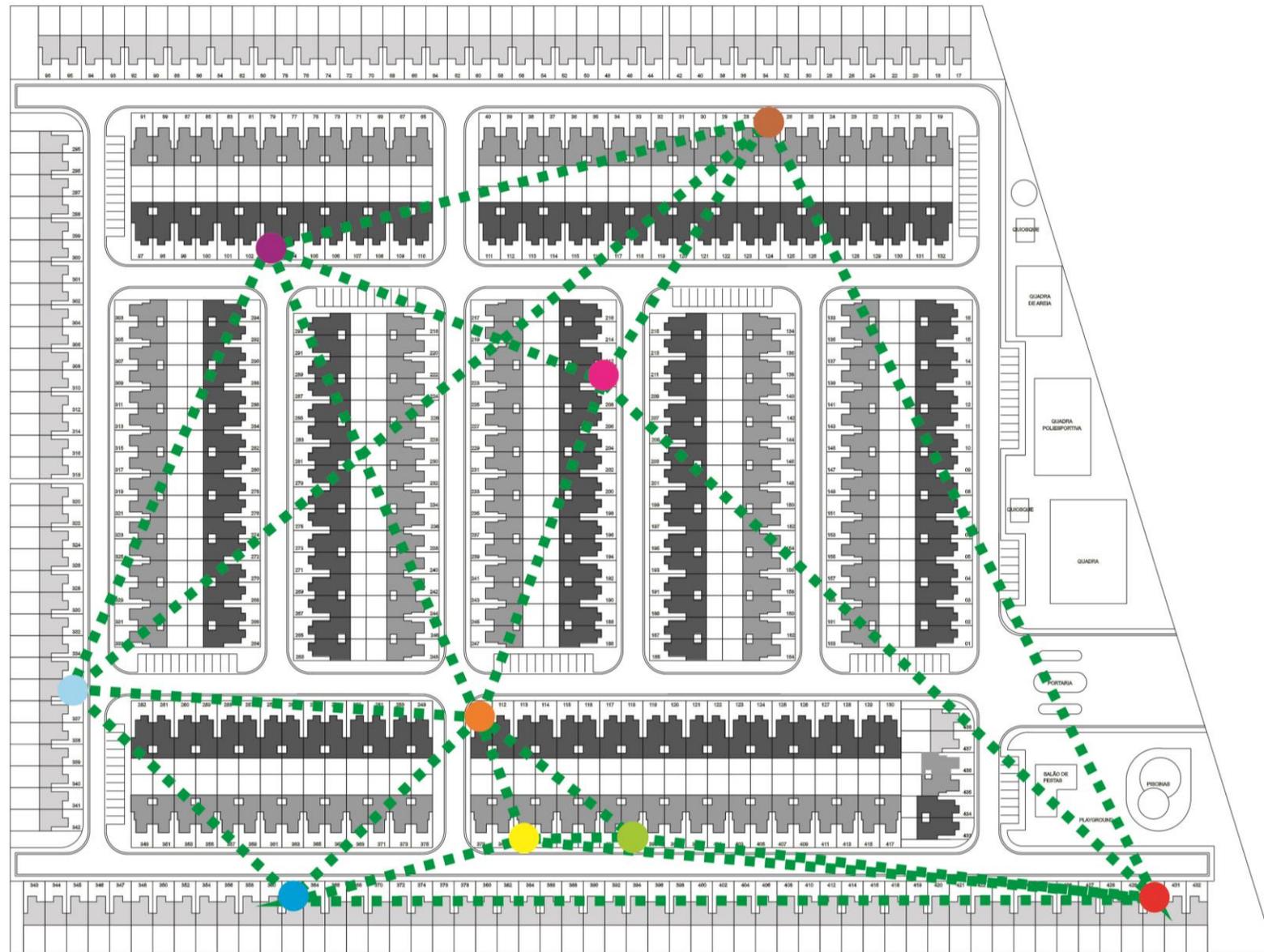


Figura 10: Rede das entrevistas. Intervenção da autora sobre implantação geral do condomínio Terra Nova.
Fonte: desenho da autora

Na página anterior, o mapa tecido, produzido pelos dados compilados no local. Cada ponto colorido no mapa, representa uma família, um entrevistado, as redes que os interligam, partem das indicações, por parte do entrevistado, para que chegássemos ao próximo ponto. O ponto de parada deu-se no momento em que os contatos ou voltavam para um ponto já visto – indicação de uma mesma pessoa – ou pela falta de indicação.

O material humano e gráfico que se produziu em nove entrevistas, foi rico para se compreender as rotinas e tipos de família que ali se agrupam. A metodologia cartográfica não pré-determina números e sim processos, padrões simbólicos, práticas. Logo, chamou-se ponto de saturação, neste pequeno grande grupo de entrevistados, ficando sempre um convite para retornar e esclarecer mais e mais ritornelos.

Durante as entrevistas, foi solicitado aos moradores que produzissem um mapa⁴, onde primeiro era pedido que apontassem a partir de 4 modelos em planta baixa (desenhados a partir das plantas de venda, fornecidas pela Construtora), que era seu modelo interno de casa e também as formas de adaptação, caso existissem, em sua moradia, podendo assim vislumbrar suas necessidade e anseios de como morar. E gerando algumas explicações dos porquês das adaptações feitas, para que fosse possível fazer um comparativo com as plantas originais do empreendimento, a forma como estavam distribuídos os cômodos e a forma como estes foram adaptados à realidade de cada família.

Num segundo mapa foi solicitado que marcassem seus principais deslocamentos, para que através dele fosse possível analisar a rotina dessas pessoas, suas distâncias percorridas para chegar ao trabalho,

⁴ Os mapas produzidos pelos entrevistados, foram transcritos e compilados no capítulo 6 – Percurso entre a casa e a cidade. E a transcrição das entrevistas, na íntegra, encontra-se no corpo de anexos.

escola, etc. Se as pessoas se adaptam a morar em lugar longe de suas atividades ou se foram para este local pelas facilidades que ali encontram – serviços, proximidade com suas atividades.

Baseado no cruzamento desses dados, mapas, entrevistas e referencial teórico, a pesquisa vem se desenvolvendo e avaliando as formas de morar, de acordo com os aspectos de ocupação das unidades: seus habitantes e suas formas de apropriação do espaço.

Fazendo a sobreposição destes aspectos será possível entender as formas de morar e suas relações com a cidade, a partir de suas histórias de vida e características que vão formar cada uma das células de morar. Veremos que cada célula tem uma forma de organização espacial e, que as pessoas – a família, é um dos determinantes que influencia esta organização, não é o principal, mas tem seu potencial.

No capítulo seguinte, estão compilados as relações políticas, a história dos conjuntos habitacionais e os conceitos filosóficos que embasam esse trabalho. Dentro da caixa de ferramentas conceituais, dando o subsídio para que as engrenagens do pensamento sobre a casa possam seguir funcionando.

“Temos agora menos necessidade de descobrir coisas do que descobrir ideias.

A experiência se divide.

A simplicidade muda de campo:

O que é simples é o maciço, o uniforme.

O que é composto é o elemento.

*A forma elementar se revela poliforma e cambiante
no momento mesmo em que a forma maciça tende para o amorfo.*

E de repente a unidade cintila.

O que é preciso sacrificar?

Nossas grosseiras seguranças pragmáticas, ou bem os novos conhecimentos aleatórios e inúteis?

*Nada de hesitações: é preciso passar para o lado em que se pensa a mais,
em que se experimenta o mais artificialmente,
em que as ideias são o menos viscosas, em que a razão gosta de estar em perigo.*

*Se, numa experiência,
não pomos em jogo nossa razão, essa experiência não vale a pena ser tentada.”*

Gaston Bachelard





*Caixa de Ferramentas
Conceituais*

3.1 Breve histórico dos Programas de Habitação Popular no Brasil

Para desenvolver os objetivos desta pesquisa, neste capítulo será necessário revisitar alguns pontos importantes para o entendimento da atual história das moradias coletivas conformadas na tipologia dos conjuntos habitacionais. A crescente observação para esta tipologia não é apenas um modelo arquitetônico da contemporaneidade, replicado de forma – aparentemente – desordenada em escala nacional, sem cuidar muitas vezes das diferenças climáticas, culturais e de obtenção de matérias-primas. Também cabe observar que, mais uma vez na história, faz-se o uso da ferramenta ‘moradia coletiva’ como modo de recuperar o desenvolvimento nacional e assim, a expansão urbana das cidades.

3.1.1 - *A primeira ilusão da casa com o Banco Nacional de Habitação (BNH)*

Após o ano de 1964, ocorre no Brasil um grande processo de reforma em seu sistema financeiro, definindo assim novas demandas para as instituições distribuidoras de crédito. O ícone desta importante reforma surge com a sigla BNH⁵ – Banco Nacional da Habitação – amparado por recursos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e que tinha como objetivo alavancar o setor da construção civil, através do ciclo crédito e débito: famílias, construtoras e incorporadoras, entremeadas por instituições financeiras privadas e estatais.

Foi desta forma criada um programa de habitação popular, em âmbito nacional, que contemplaria o desenvolvimento da construção civil, a geração de frentes de trabalho e ainda a consolidação de novas formas de morar.

O planejamento urbano responsabilizado pela tentativa de uma urbanização retardatária, buscando modificar a grande desorganização urbana brasileira, ou seja, o espaço urbano é produzido sem estrutura e planejamento, os conjuntos residenciais são implantados de forma desordenada e, após a sua implantação é que são pensados meios de melhorias na infraestrutura urbana.

⁵ O BNH – Banco Nacional de Habitação – sempre teve o papel de incentivo à atividade da indústria da construção, que aparecia enquanto geração de novos e de maior quantidade de empregos. (...) Em 1973 é instituído o Plano Nacional de Habitação Popular – Planhap – que reafirma a prioridade da habitação popular, sob a promoção das Companhias de Habitação, envolvendo a participação dos estados e municípios, no financiamento dos conjuntos habitacionais. (DAMIANI, 1999, p.123)

Neste período ocorre a expansão da criação dos Planos Diretores e das leis de uso e ocupação do solo, visando inicialmente, conduzir o crescimento das cidades, muitas vezes pautados pela dupla formada pela especulação imobiliária e planejamento urbano.

Considerando que este sistema dotado de um grande esforço, buscando resgatar o desenvolvimento urbano nas cidades brasileiras foi o BNH o modelo para os demais aparatos financeiros que se estendem até os dias atuais. Com o BNH, inaugura-se a adoção dos conjuntos habitacionais como tipologia arquiteto-urbanística de moradia no Brasil. A partir desse modelo o país passou por diversas experiências de expansão imobiliária, o BNH estende até meados de 1980, nos anos 90 tem-se o PAR⁶ (Programa de Arrendamento Residencial), culminando no modelo Minha Casa, Minha Vida que hoje comporta de muitas delas fixadas na tipologia dos conjuntos habitacionais.

3.1.2 - O Programa Minha Casa Minha Vida – MCMV

O programa Minha Casa, Minha Vida é, na origem um programa econômico que dialoga com os setores da construção civil e imobiliário; sem críticas político-governamentais, o seu objetivo principal não era erradicar o problema da falta de moradias para a população, mas sim, alavancar muitos outros produtos

⁶ O Programa de Arrendamento Residencial (PAR) é promovido pelo Ministério das Cidades, tendo a CAIXA como agente executor e o FAR – Fundo de Arrendamento Residencial – como financiador. Foi criado para ajudar municípios e estados a atenderem à necessidade de moradia da população que recebe até R\$ 1.800,00 e que vive em centros urbanos.

O PAR é desenvolvido em duas fases distintas. A primeira delas é a de compra de terreno e contratação de uma empresa privada do ramo da construção, responsável por construir as unidades habitacionais. Depois de prontas, as unidades são arrendadas com opção de compra do imóvel ao final do período contratado. Extraído do site

<http://www1.caixa.gov.br/gov/gov_social/municipal/programa_des_urbano/programas_habitacao/par/index.asp> , acessado em 04 de maio de 2015.

que dele se desencadearam, bem como impulsionar que o dinheiro circulasse na construção civil. Foi lançado em 2009, como uma medida provisória, apresentado como a nova forma de minimizar crises financeiras e habitacionais.

O programa trazia em sua apresentação uma leitura bem simplista para solucionar o problema habitacional brasileiro, baseando-se em faixas de rendas (1, 2 e 3), recursos dos FGTS. Segundo informações colhidas nas páginas da internet do Ministério das Cidades, Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e Caixa Econômica Federal, os fundos para a obtenção do acesso à casa própria ficaram mobilizados em grupos – de acordo com as faixas de renda. Sem entrar no mérito desta questão, atentando aqui para o recorte que interessa à este trabalho, desta forma a indústria da construção trabalho “organizando” e separando as pessoas de acordo com as demandas do programa. Assim, o que vemos em nossa cidade e, nas demais cidades atendidas em todo o Brasil, são grandes áreas, tentando agrupar homogêneos – de acordo com as faixas de renda, tornando a cidade não uma diversidade e assim viva, mas algo onde as pessoas são agrupadas em castas, de acordo com seu poder aquisitivo. A cidade medieval contemporânea busca agrupar os iguais de acordo com o tamanho de seus feudos.

Desta forma, o que se observa é que nas periferias, onde o valor do terreno não é tão valorizado, as famílias que possuem menor renda são ‘convidadas’ a se deslocar para estas áreas onde não existe infraestrutura. Os vazios urbanos que podem ser preenchidos por habitações de interesse social, trazendo assim a diversidade e a vida para as cidades, são descartados pelos construtores, pois estas áreas onde existe infraestrutura em volta, são área que tem maior valorização pelo mercado imobiliário.

Então assim sendo, o MCMV, cria compartimentos para agrupar as pessoas de acordo não com a latente necessidade de morar, mas sim, a partir da visão capitalista de que quem mais tem, melhor vive. Assim,

após visitas ao Conjunto Habitacional Terra Nova – que segundo o Programa, deveria acolher as faixas 2 e 3 da população – o que se pode observar é que há ali um grande incentivo ao uso de carros, devido a sua distância do centro da cidade, ou a qualquer outro serviço necessário ao desenvolvimento diário da vida urbana. A frente de cada unidade encontra-se estacionado (ao menos) um carro, devido ainda, a pouca demanda de transporte público que possa acolher essa população.

Em entrevista ao site *Amigos de Pelotas*, no ano de 2013, a

então secretária de Cidades e Mobilidade, Joseane Almeida, constatou: “*O Minha Casa, Minha Vida evoluiu. Se no começo o governo facilitou crédito e injetou muito dinheiro na construção com a finalidade*



Figura 12: Monotonia ou tranquilidade. Fonte: Imagem da autora

social, percebeu que não basta oferecer moradia, é preciso também garantir infraestrutura aos empreendimentos. Do contrário, os residenciais tendem a se tornar ilhas de marginalidade em áreas ermas apartadas do núcleo da cidade”.

Seguindo, em outro trecho nesta mesma entrevista, a então secretária fala da necessidade de que a cidade esteja preparada para receber novos empreendimentos, diz que a habitação social não gera polos de atração como a construção de um aeroporto ou um shopping Center. A infraestrutura necessária para que a vida se desenvolva precisa ser pensada antes de colocar as pessoas fechadas em seus muros bem pintados e com algumas palmeiras à frente do pórtico de entrada. É necessário pensar em conjunto: governo, construtores e moradores, fazendo com que surjam formas de ‘bem-estar’.

Os que podem, vivem em ‘condomínios’, planejados como se fosse uma ermida: fisicamente dentro, mas social e espiritualmente fora da cidade. Supõe-se que as comunidades fechadas sejam mundos distintos. (Bauman, 2000)

O conceito de bem-estar no imaginário urbano ultrapassa uma mera análise mensurável, pois inclui uma dimensão social e uma construção coletiva baseada nas necessidades humanas. Observando o crescimento urbano acelerado e muito focado nas liberdades individuais, temos como resultado centros urbanos lotados de carros, poucos espaços públicos de qualidade e uma escassa atenção à escala humana. Nesse eixo, precisamos refletir a relação entre a sociedade e o espaço, bem como bons exemplos de projetos e estudos de caso que devem repertoriar as novas perspectivas de planejamento urbano e as diretrizes (ou pontos importantes) para um projeto de bem-estar na cidade.

3.2 Agenciamentos conceituais

Necessário conceituar o espaço, ou a sobreposição dos territórios que aqui vamos observar. Para Henri Lefèbvre o espaço é o todo que abriga as condições da realidade e, na visão da cidade, vai refletir as relações de poder, projetando-as territorialmente como práticas sócio-espaciais que podem programar e condicionar os hábitos.

Entre diversos outros conceitos, podemos destacar os seguintes: espaço público e privado, dentro e fora, perto e longe, global e local, moradia e trabalho, real e virtual, pessoa e cidade. Há, portanto, multifuncionalidade, polimorfismo, passagem e reversibilidade nas formas urbanas. É caminho, também, para demonstrar que não existe “fora” nesse raciocínio que “eu” e “cidade” são partes do mesmo conceito. (Araújo, 2011, p. 29)

3.2.1 - A cerca que cerca o ritornelo:

O conceito de Ritornelo criado por Gilles Deleuze e Félix Guattari diz que *“o ritornelo vai em direção ao agenciamento territorial, ali se instala ou dali sai. Num sentido genérico, chama-se ritornelo todo o conjunto de matérias de expressão que traça um território, e que se desenvolve em motivos territoriais, em paisagens territoriais. (...) O grande ritornelo ergue-se a medida que nos afastamos de casa, mesmo que*

seja para ali voltar, uma vez que ninguém nos reconhecerá mais quando voltarmos. (...)” (Deleuze e Guattari, 1997, p. 139)

Portanto, o ritornelo vai existir na coexistência da tríade desterritorializar – procurar um novo lugar, sair do seu território de origem, partir; territorializar – tomar consciência de um território – território aqui é lugar de passagem, transitório, varia de acordo com os agenciamentos que são instaurados a cada nova necessidade; reterritorializar – retornar a sua origem, dar novo sentido ao seu território. Para tanto, esse conceito vai gerar potência para o que está sendo tratado. Onde a partir de um território – o em casa, para se chegar ao “em casa” foi necessário passar por essas três etapas de movimento.

Sair de um local inicial, reconhecer algo novo como seu território e tornar esse novo lugar como seu lugar de origem, uma nova origem, um novo recorte no tempo espaço.

Agenciando com o objeto deste estudo, o ritornelo para o Terra Nova é a chegada dos moradores às suas novas casa, quando da entrega das unidades residenciais, é o deparar-se com essa nova realidade, adaptar-se a ela, reconhecer esse espaço como seu território, impor seus limites e limitações.

Desterritorializar-se com suas bagagens – materiais e subjetivas, mudar seu cotidiano através de novas realidades. Tornar esse novo espaço tempo o seu território, adaptar-se a ele. E reterritorializar-se, ou seja, dar um novo sentido ao morar a partir dessa nova realidade que se apresenta. Tornar as diferentes possibilidades ou impossibilidades impostas pela arquitetura do local, como algo que lhe pertence desfazendo-se de seus pragmatismos.

Ainda que os limites físicos do Residencial sejam os muros que o cercam, os limites do subjetivo de cada pessoa variam e, pode alargar os muros ou ainda encolher e estar apenas dentro de sua casa. Cada um

interage com o local onde vive de uma maneira diferente, portanto o ritornelo da mulher que apenas faz uma volta em sua quadra com o carrinho do bebê, será muito menor do que de seu marido que diariamente, 'viaja' até o centro da cidade para trabalhar, conforme podemos observar no mapa que consta no próximo capítulo.

Dentro do conceito do ritornelo, será preciso desdobrar o conceito de Território também em Deleuze e Guattari (MP. Vol.4). Se o ritornelo é a soma dos movimentos territoriais, o território é "primeiramente a distância crítica entre dois seres de mesma espécie: marcar suas distâncias. (...) O território é, ele próprio, lugar de passagem. O território é o primeiro agenciamento, a primeira coisa que faz agenciamento, o agenciamento é antes territorial. (...) dois aspectos do território: ele não só assegura e regula a coexistência dos membros de uma mesma espécie, separando-os, mas torna possível a coexistência de um máximo de espécies diferentes num mesmo meio, especializando-os."

A concepção do espaço e a relação entre os territórios e suas funções. A ideia da aplicação no plano espacial remete ao velho problema, apesar da revelação ecológica, de se pensar o espaço como preexistente e como receptáculo neutro sobre o qual são rebatidas organizações espirituais que irão lhe atribuir qualidades/ propriedades. É chegar com suas tralhas em algum lugar, observá-lo, checar suas possibilidades e, tendo decidido que serve, fincar bandeira, fundar território, aplicando nesse espaço a organização multidimensional. Por outro lado, a mesma ideia de aplicação no plano espacial de uma organização multidimensional de vida remete também à preexistência dessa organização. Ora, as funções orgânicas, por exemplo, que são uma faceta dessa organização, segundo Deleuze e Guattari, não explicam o aparecimento do território.

Ao contrário, levam-nos a pensar que, ao menos para os animais com território, é o sistema território-casa que rege a vida, transforma funções (inclusive orgânicas) e possibilita a construção da própria expressividade.

A ideia do espaço urbano como referência essencialmente figurativa, como a soma dos caracteres definidos para definições formais, dá lugar, então, a evidência de um espaço mais aleatória e selvagem, articulou uma escala diferente, não a partir da continuidade tradicional do edifício, mas força e neutralidade das grandes redes e esses diferentes eventos autônomos, para garantir o seu desenvolvimento. (Gausa, 2002, p. 97)

Importa pensar o território com não unicamente o arranjo da esfera de atividades de um indivíduo, de um casal ou de um grupo, mas também a organização da relação com os outros o povo do outro território, os vizinhos – lindeiros e todos os que encontram-se dentro dos mesmos muros.



Figura 13: Cotidiano de uma noite infantil.

Fonte: Acervo da autora

3.2.2 – *Hospitalidade hospitaleira*

A lei da hospitalidade: o hospedeiro que recebe aquele que acolhe o hóspede, convidado ou recebido, o hospedeiro, que se acredita ser o proprietário do lugar, é na verdade um hospede em sua própria casa. Ele recebe, e a hospitalidade que ele oferece na sua própria casa, ela a recebe de sua casa – que no fundo não lhe pertence. O hospede casa, o sem si da casa não se apresenta com um sentido, mas apenas como representação. A habitação se abre a ela mesma, a sua ‘essência’ sem essência, como terra de asilo.” A hospitalidade é esse deslocamento dos corpos, por uma outra ótica, na que será possível descrever quando e o quanto uma casa, uma morada será ou não hospitaleira. Quando e quando será acolhedora, será lugar ou não lugar.

A hospitalidade é construída de antagonismos. É imprescindível um hospedeiro para que exista um hóspede, assim como é necessária a diferença para que se conheça o princípio mais próximo de nós mesmos. Além da própria hospitalidade que só é possível se “coexistir” a hostilidade. O conceito de hospitalidade pode ser anunciado como incondicional, verdadeiro, real ou como condicional, de direito. A hospitalidade incondicional seria aquela que oferece acolhida sem condições, sem limites, deveres ou imposições. Comparável a uma visita por ser inesperada e possuir reações surpreendentes. O encontro possibilita a troca, inversão (ou como sugere Derrida a substituição) de papéis, o hospedeiro que estava preso se liberta pelo hóspede que estava livre. Assim, a verdadeira hospitalidade não se detém somente em acolher, mas também a aventurar-se com o acolhido, a deixar-se levar, a viver o estranhamento intenso que essa relação da diferença provoca.

Conexões, não só entre as subjetividades humanas, mas entre todo o tipo de intensidade existente. Dessa maneira, existe um corpo de sentido – arquitetura – que não é algo corpóreo, semelhante ao corpo humano, mas que diz respeito aos incorporais, ou seja, aos efeitos, aos acontecimentos, os quais têm sua origem na relação entre os corpos e não possuem identidade plena e imutável. Cada encontro e cada situação possuem efeitos que emergem nas relações estabelecidas e nas conexões que os compõem. Essas conexões se dão entre as intensidades, corporificadas ou não, criando e recriando incessantemente o que é e o que está por vir.

O sentido da hospitalidade é o que funda as cidades, relaciona-se ao acolhimento, a relação entre hóspede e hospedeiro. O sentir-se acolhido vem da primeira morada. Fernando Fuão refere-se ao conceito de hospitalidade de Jacques Derrida (2003) no livro *Da Hospitalidade*: “*é esse dar lugar ao lugar, a hospitalidade nos faz entender a questão do lugar como sendo fundamental fundadora e impensada da história da cultura*”.

O que tem de hospitaleiro no Residencial Terra Nova? Existe algo além da necessidade de morar, ou o sonho da casa própria que vai gerar essa hospitalidade. A proximidade entre as casas, o espaço entre as portas, o barulho do vizinho é hospitaleiro? Como muito bem lembra Dirce Eleonora Solis (2005), “A arquitetura se dispõe a propiciar a hospitalidade, onde o conforto seria a medida da hospitalidade, porém o conforto de morar está muito mais no cérebro do que nas costas”.

Este estudo leva em consideração que cada pessoa é única e sua história particular, seu DNA, suas conexões, os acontecimentos que marcaram a sua vida, suas paixões, suas repulsas, sua época, a geografia que habita, suas fantasias, enfim tudo que a compõe constitui uma visão de mundo particular e a cidade que ela é. Leva também em consideração a transformação geral de que somos contemporâneos.

Isso diz respeito a qualquer pessoa, seja por interesse profissional – porque precisa de informações para elaborar projetos urbanos – seja por interesse pessoal – porque quer entender a sua época.

Nessa lógica, as dicotomias perdem o sentido, uma vez que não há lugar para oposição em uma forma de pensamento que defende a multiplicidade e a heterogeneidade. Não há lugar, também, para as hierarquias, já que há um descentramento, permitindo infinitas ligações e religações de quaisquer partes dos ritornelos, sem privilégio de umas sob as outras. Cabe ressaltar que a filosofia da diferença sustentada pelo raciocínio de imanência, propõe outro modo de conceber a vida. Rompemos com a forma de pensar o que são essas “qualidades”, no sentido da representação clássica, bem como tudo que está impregnado nela. Combatendo a moral, as ideias de transcendência e de verdade absoluta para que a vida possa fluir, sem que fique aprisionada a conceitos transcendentais, superiores.

Construções da diferença, as quais buscam conhecer a diferença em si, o singular. Singularidade não como sinônimo de particularidade, mas no sentido de combinações de forças originais, inéditas e provisórias, que só podem ser conhecidas após sua composição e antes de serem novamente capturadas. Assim, o singular não se refere ao individual, mas ao original, pois as combinações de forças, que inauguram constantemente o singular são dinâmicas e produzidas nos agenciamentos e nas conexões com outras forças provenientes da exterioridade. Toda essa forma de pensar é que sustenta nossa análise de encontro e das forças e dos *affectos* que nelas circulam.





© Bairros: pois nenhuma casa é uma ilha

4.1 O estudo do Caso do Condomínio Terra Nova

Nenhuma casa é uma ilha, não se vive na cidade, isolado, sem contato com os demais, ainda assim foi necessário espacializar um recorte, onde fosse possível observar e analisar suas características e os conceitos que aqui se pretendem agenciar. Considerando que os conjuntos habitacionais, modelo de intervenção generalizado por todo o território nacional brasileiro, não apresentam diferenças significativas? Sendo assim, adotou-se esta tipologia como proposta para analisar as formas de morar, suas adaptações e contradições.

Aqui vai se apresentar o recorte, ícone desta análise o Conjunto Habitacional Terra Nova, para que assim seja possível fazer a colagem dos conceitos e das inquietações que esta pesquisa visa responder.

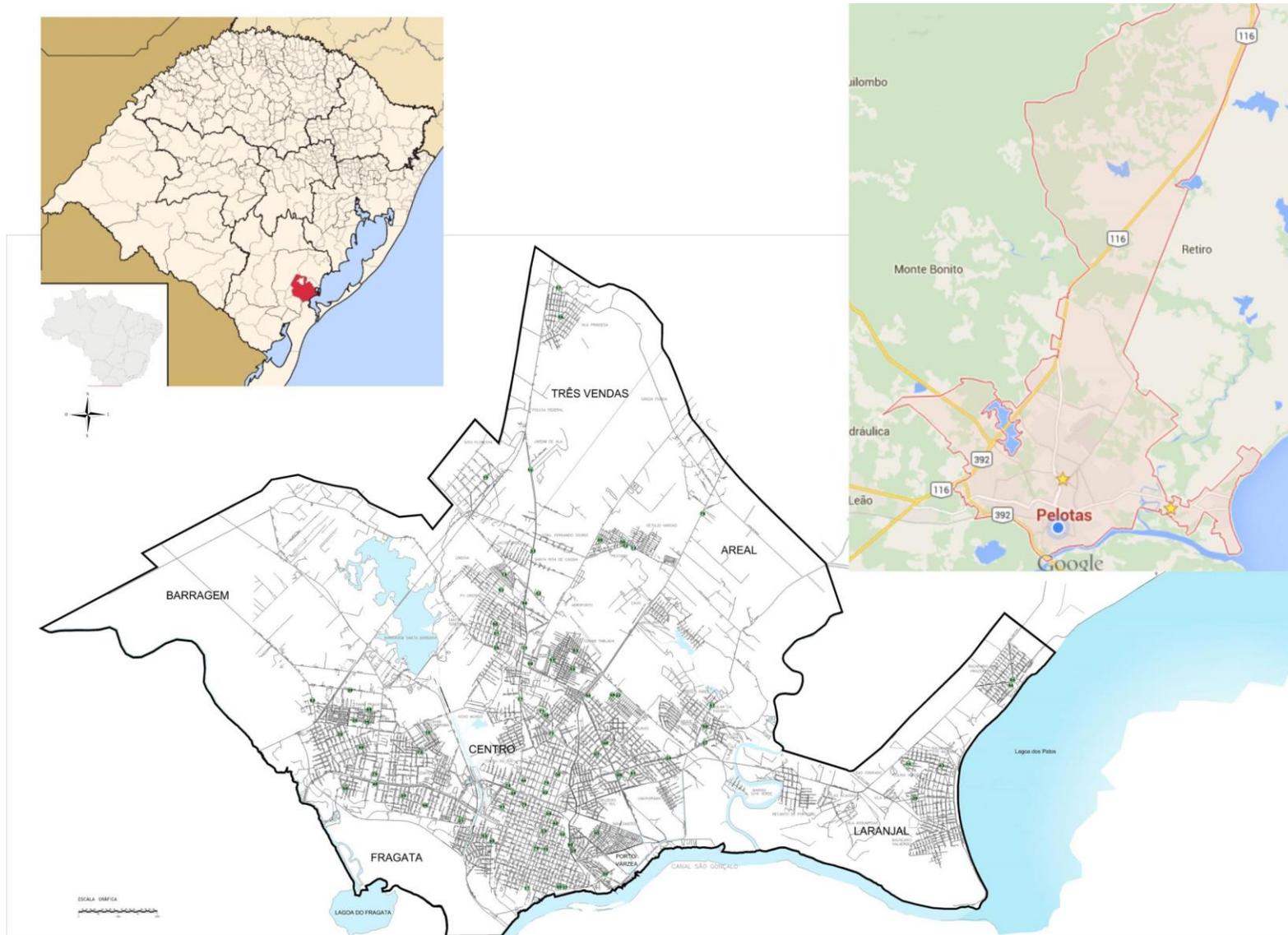


Figura 15: A) Localização de Pelotas no mapa do Estado do Rio Grande do Sul B) Mapa da Cidade de Pelotas com limites gerais C) Mapa da zona urbana de Pelotas, segundo o III Plano Diretor.Vista
 Fonte: site da Prefeitura de Pelotas e GoogleMaps

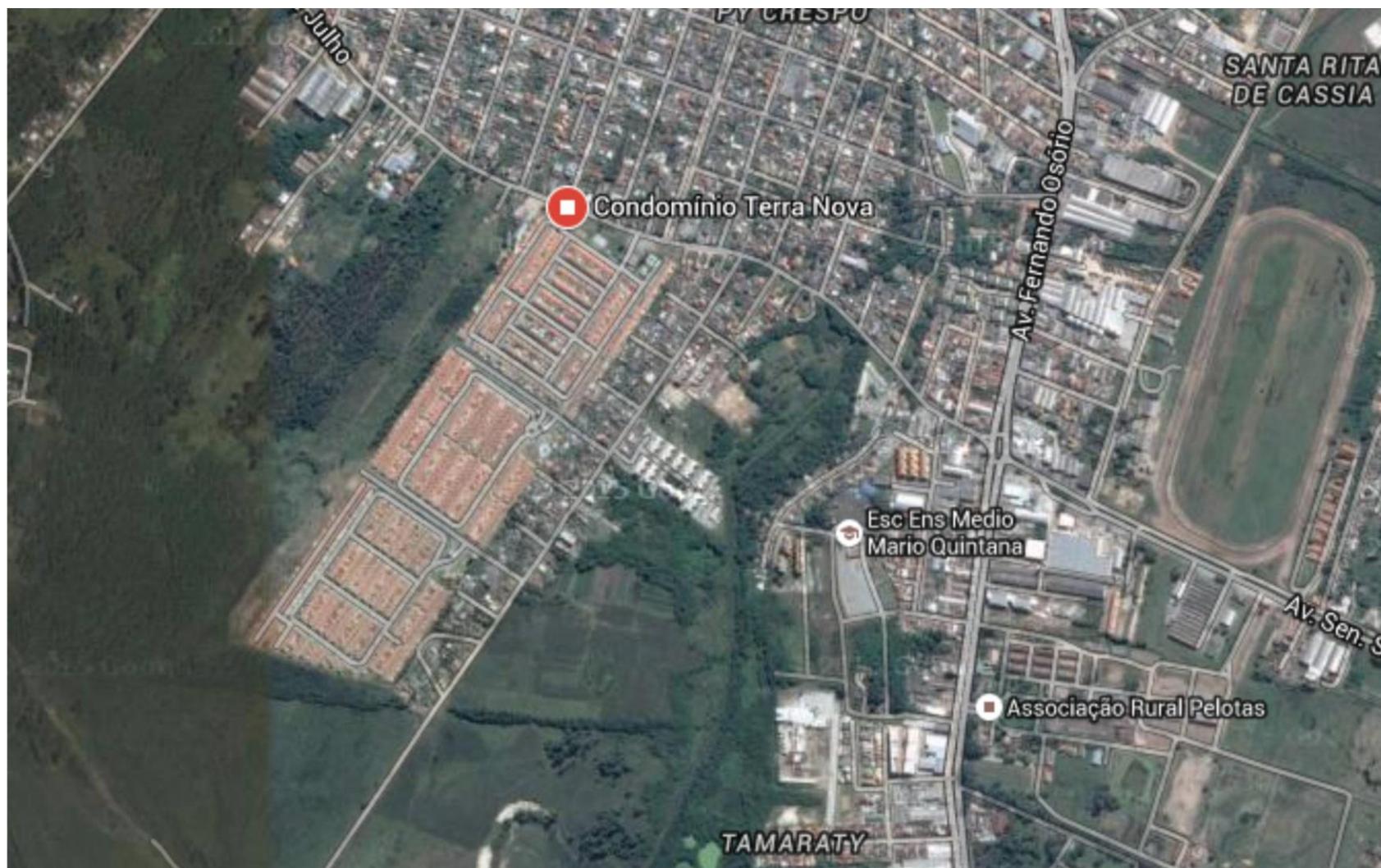


Figura 16: Vista geral do Conjunto Residencial Terra Nova
Fonte: GoogleMaps

4.1.1 – Características físico – arquitetônicas do Conjunto Habitacional:

Como dados gerais do empreendimento, para ambientar nosso recorte podemos iniciar dizendo que o Condomínio Residencial Terra Nova Pelotas é um conjunto habitacional fechado, de unidades autônomas – composto exclusivamente por residências unifamiliares de um pavimento e por áreas de uso comum do condomínio.

De acordo com o Terceiro Plano Diretor de Pelotas, o loteamento está localizado na Zona Norte da cidade, na microrregião Vila Silveira, na Avenida Vinte e Cinco de Julho sob o número 755.

A gleba onde está inserido o residencial possui uma área de 96.598,66m², segundo constam nos projetos aprovados junto a Prefeitura de Pelotas. Formado por 10 ruas internas em uma configuração de quadras retangulares, todas com a mesma leitura, não tendo marcos ou nós que possam diferenciá-las entre si. O conjunto habitacional é composto por 438 unidades residenciais, sendo que cada lote possui uma área de aproximadamente 143m².

Especificidades dispostas no III PDMP:

Art. 186 - São admitidas as seguintes formas de parcelamento do solo:

VI - Conjuntos habitacionais: considerado aquele destinado à construção de mais de uma edificação para o uso multifamiliar, sem a criação ou modificação do sistema viário;

VII - Condomínio urbanístico: a divisão de imóvel, em unidades autônomas destinadas à edificação, às quais correspondem frações ideais das áreas de uso comum dos condôminos, sendo admitida a abertura de vias de circulação interna de domínio privado e vedada a de logradouros públicos, internamente ao perímetro do condomínio, com a conformação da gleba respeitando a malha viária;" (Lei 5502, 2008, p. 28).

Conjuntos habitacionais fechados são hiatos urbanos, pois geram impasses e contradições no desenho da cidade. Na imagem seguinte é possível verificar essa premissa: a estrutura da malha viária existente foi rompida, ou seja, todas as vias que paralelamente à Avenida 25 de Julho seguiam, hoje, se encontram com o muro do Conjunto Terra Nova. Não podendo transitar por outra rua que não a rua lateral ao muro do Conjunto. A conformação de quadras com lotes individuais foi abruptamente quebrada pelos muros.



Figura 17: Vista geral do Conjunto Residencial Terra Nova. Observe-se a falta de conexão com as vias urbanas que chegam de encontro aos muros
Fonte: GoogleMaps.

E esta área intramuros que somente se comunica com o seu entorno, através de um único ponto de entrada e saída, atualizando a visão do panóptico de Jeremy Bentham, na qual, na contemporaneidade *“o individuo sempre é vigiado, deixando de se relacionar com o espaço físico e passou ao espaço virtual das câmeras de vigilância”* (Montaner, 2014, p.37). As câmeras, os muros que estão instalados com o intuito de proteger as pessoas, são na verdade meios de conter e controlar as pessoas.



Figura 18: Implantação geral do Conjunto Residencial Terra Nova. Desenho da autora

Fonte: Planta original da Construtora

Josep Maria Montaner (2014) vai ainda dizer que uma grande parcela das cidades, atualmente, são definidas pelos conjuntos habitacionais residenciais fechados, que adotam suas implantações e tipologias rigidamente definidas, e que são a replicação dos tradicionais subúrbios do pós-guerra. Para o autor, uma parte da população das cidades, geralmente daqueles países que não entendem a necessidade de valorizar a memória urbana,

não são capazes de compreender que a essência, a vida das cidades está na diversidade.

A questão dos conjuntos habitacionais trata da criação de cenários para a vida acontecer, não se preocupam com a memória, com a morfologia dos bairros existentes a sua volta, espaços de acesso restrito, limpos e higienizados de qualquer diferença de comportamento, vendendo a ideia de uma vida extremamente feliz, utópica, onde não existe espaço para o imprevisível ou incerto.

Na implantação, vemos ainda a segregação: a cisão dentro dos muros. As casas foram agrupadas de acordo com seu modelo, ou seja, quem mora numa casa de três dormitórios, vai ter apenas ao seu lado, na verdade em toda a extensão de sua quadra, vizinhos que também moram em casas de três dormitórios. Assim sucessivamente, acontece com os demais modelos de casas. Não que seja um elemento de grande relevância para este estudo, mas vale ressaltar esta informação, uma vez que foi descoberta ao mapear a implantação do conjunto. A Diversidade se dá pelas paralelas, ou seja, em um quarteirão de uma lado temos casas com plantas do modelo B, de outro temos casas, por exemplo do modelo C.

4.1.2 – Das unidades habitacionais

As unidades autônomas – residências – são de uso privado do condômino, constituindo uma propriedade com matrícula individualizada no registro de imóveis. Cada unidade tem um terreno de utilização exclusiva, que compõe áreas destinadas a ajardinamento, vagas para dois carros e pátio ao fundo de cada unidade. Foram projetadas em quatro modelos básicos de plantas, com opções de conter 2 ou 3 dormitórios adaptados dentro deste mesmo lote de 143m².

Para desenvolver essa pesquisa, pensou-se inicialmente em analisar as diferentes formas de morar, nos diferentes grupos familiares. Tendo em vista as imensas possibilidades e que talvez não se chegasse a um resultado satisfatório, pois são muitas as variantes que compõe o “morar”, então se chegou à primeira conclusão deste projeto: seria preciso analisar um padrão, onde fosse possível verificar se a arquitetura de conjuntos habitacionais, que foram aqui “replicadas”, considerando que estes mesmos conjuntos se repete Brasil a fora, vão influenciam na forma de morar das pessoas.

(...) o papel do arquiteto residiria na tentativa de promover uma interação-articulação entre o definido e o não definido, o desenho e o não desenho, as macro-organizações e setorizações espaciais (...). Em busca da constante definição dos espaços, de seus conteúdos programáticos e, conseqüentemente, de formas precisas, acabam sendo criados, pela repetição modelos e rotinas de usos para esses espaços, levando a certo grau de condicionamento quanto à utilização, movimentação e apropriação por parte dos usuários.” (Guatelli, 2012, p. 33)

Para observar, plantas baixas, que os modelos não variam muito em suas possibilidades de adaptação. Apenas uma ou outra parede é deslocada para transformar uma unidade de 2 para 3 quartos. Não pressupõe grandes variações.

Colocadas lado a lado, as plantas baixas demonstram as pequenas possibilidades de variações arquitetônicas. Sendo que na planta do modelo chamado A, temos uma casa com dois dormitórios e demais dependências, com uma área construída de 45 metros quadrados aproximadamente.

Nas plantas do modelo B, com área de 60 metros quadrados, apresentam a possibilidade de se ter dois dormitórios – suítes ou com a mesma área ainda, a possibilidade de três dormitórios. Apenas abrindo ou fechando alguma porta, retirando ou incluindo um banheiro.

O modelo C, apresenta a unidade maior área construída, 65 metros quadrados, possuindo três dormitórios e dois banheiros. Esta é a maior conformação das casas. Todas as unidades, tem uma área de pátio interno, que de acordo com as necessidades dos moradores poderiam ampliar as áreas originais das casas.

Portanto, denominou-se como células de morar, pois essas unidades habitacionais, as quais foram visitadas, formam um grande tecido e, a partir dos agenciamentos com os moradores do Terra Nova, verificou-se este “tecido”, este novo organismo social, esta nova forma de morar é um tecido bom ou doente.

As tipologias não possuem muitas variáveis, o que vai diferir são as pessoas que delas se ocupam, para tanto, no próximo capítulo – A Ilusão da casa – vai desenvolver-se no espaço interior (privado) de cada célula de morar.



Figura 19: Planta baixa das unidades habitacionais. A) Planta baixa do Modelo A; B) Planta baixa do modelo B, com duas suítes; C) Planta baixa do modelo B com três dormitórios; D) Planta baixa do modelo C com três dormitórios.
Fonte: desenhos da autora, reprodução sobre plantas orginais.

“As imagens descem como folhas
No chão da sala
Folhas que o luar acende
Folhas que o vento espalha
Eu plantado no alto em mim
Contemplo a ilusão da casa
As imagens descem como folhas
Enquanto falo
Eu sei
O tempo é o meu lugar
O tempo é minha casa
A casa é onde quero estar
Eu sei
As imagens se acumulam
Rolam no pó da sala
São pequenas folhas secas
Folhas de pura prata
Eu plantado no alto em mim
Contemplo a ilusão da casa
As imagens se acumulam
Rolam enquanto falo
Eu sei
O tempo é o meu lugar
O tempo é minha casa
A casa é onde quero estar
Eu sei
As imagens enchem tudo
Vivem do ar da sala
São montanhas secas
São montanhas enluaradas
Eu plantado no alto em mim
Contemplo a ilusão da casa
As imagens enchem tudo
Vivem enquanto falo
Eu sei
O tempo é o meu lugar
O tempo é minha casa
A casa é onde quero estar
Eu sei”

A Ilusão da Casa Vitor Ramil – TAMBONG ANO 2000





A Ilusão da casa

5.1 Território de subjetividades

A Ilusão da casa. Realmente o que se apresenta externamente é passível de iludir ou entrega literalmente o que existe dentro? O que se vê de fora, o que existe realmente dentro? Existe hospitalidade no morar? Qual o ritmo desses corpos que habitam essas unidades? Externamente tão iguais, internamente tão necessárias de adaptar-se as vidas que ali vivem. Ou ainda essa ilusão da casa se refere a expectativa depositada por cada pessoa que adquire seu imóvel?

Casa não é apenas a edificação, o conjunto arquitetônico, ainda que possa ser tomado como tal, até porque o que a define, em arquitetura, não é a configuração espacial, mas o seu uso. Grosso modo, a casa seria resultante de uma modalidade de uso de um espaço construído, ou seja, quando atendesse às funções previstas para operar como “uma casa”. É um ser complexo de sensações, um composto de *perceptos*⁷ e *afectos* que emerge da bricolagem material e imaterial, dessa conjunção de elementos heterogêneos de toda ordem, que a todo o momento se resume num só enunciado: estou em casa!

⁷ Percepto, conceito criado por Gilles Deleuze e Félix Guatarri, é a capacidade de construir sensações e percepções que vão além daquele que as sentem. Que ultrapassa o corpo. Diferente de percepção que pode ser feita à distância, o percepto é àquele que se envolve com a cena, a percebe, sente e depois a deixa livre, para que outros dela tomem partido. O percepto é o cartógrafo, aquele que se deixa tocar, que se deixa invadir pela cena que o cerca. “(...) o conceito, creio eu, comporta duas outras dimensões, as do percepto e do afecto. (...) Os perceptos não são percepções, são pactotes de sensações e de relações que sobrevivem àqueles que o vivenciam. (DELEUZE, Conversações, Ed. 34, 2004: 171)

Parafrazeando o cantor Vítor Ramiíl “a casa é onde eu quero estar.” (RAMIL, A ilusão da casa – Tambong, 2000)



Figura 21: Olhos para uma rua deserta
Fonte: imagens da autora

O espaço arquitetônico, a célula de morar, está definido por qualidades objetivas, e o habitar implica na inserção da subjetividade de quem o utiliza. Se falarmos de qualidades objetivas (boa insolação, transporte público de qualidade, segurança, etc.), e nos referirmos ao espaço construído que é dado ao habitante não estaremos falando de qualidade do ambiente construído e sim das ferramentas para que isso possa se desenvolver.

Porém a arquitetura é algo mais do que apenas um suporte neutro da vida: a arquitetura propõe maneiras de habitar cada espaço, cada “planta”, cada programa e é em si mesmo, um entretenimento sobre o habitar, o que não necessariamente determinará a forma como será habitado. Na singeleza dos detalhes, tão da intimidade do dia a dia, que está embasada nossa cartografia. É preciso vivenciar o interno, para ultrapassar as portas e olhar para o externo, entendendo que este último tem influência e parte no primeiro.

Como bem diz Montaner (2014), *“a cidade é pensada para um homem (gênero, não sexo masculino apenas) de idade média, em plenas condições físicas, com um trabalho estável que lhe permite ter carro privado e com uma esposa que lhe aguarde em casa com tudo feito e preparado”*.

Parece que a construção de uma casa, se por um lado exige muito menos do que se imagina do ponto de vista material e até econômico, por outro lado é essa complexidade, este ritornelo⁸ de sensações e concretudes, do ponto de vista da construção desse ser de sensações. É preciso trabalhar um pensamento arquitetônico que crie novas possibilidades, não repensar a roda, mas sim, ter em mente que se faz uma arquitetura que precisa ser atemporal. Que precisa estar voltada para seus usuários e as necessidades destes. Não somente voltada para construir atrações mercantilistas. Não pode ser uma

⁸ Ritornelo, conceito elaborado por Gilles Deleuze e Felix Guattari (1997), vai ser melhor explicitado no capítulo seguinte, onde se encontram as ferramentas conceituais que se aproximam neste trabalho.

arquitetura do imediato, e sim algo pensado para criar uma nova cidade, sempre buscando ler o que já existe e os impactos que serão gerados.

O movimento de uma concepção de vida essencialmente simples e disciplinada para uma concepção de vida complexa e irônica é aquele que por cada indivíduo passa ao tornar-se maduro. Mas certas épocas encorajam esse desenvolvimento nelas, a perspectiva paradoxal ou dramática dá colorido a toda cena intelectual. (Venturi, 2004, p.12)

Cada indivíduo deveria ser o protagonista de sua história, de sua arquitetura também, por que não dizer. Necessário pensar nas pessoas, nos que vivem, nos que dão sentido ao ato de morar. Na complexidade de *afectos* que estes seres produzem.

Um homem que se encontra 'em casa', ocorra o que ocorra, leva as suas raízes sempre com ele. Ele mesmo é a sua própria casa, habita seu próprio espaço interior e seu tempo. Assim, ele também é capaz de habitar, simultaneamente, todos os lugares a que estão ligados a ele emocionalmente. Entretanto, para isso é necessário uma estrutura mental bastante diferente das que nos foi imposta por nossas respectivas sociedades. E, também requer um tipo de comportamento ambiental e social distinto, no qual cada um deve apoiar o outro, considerando que o mundo habitável é aquele que temos em nossa mente. (Fuão, 2012, p.1)

A casa habitada é a casa formada pela construção que abriga e também pelas memórias, histórias e bagagens que ali se acumulam. Não é apenas um quarto de hotel, onde se chega e se sai com a sua

mala, ainda que dali se leve algo novo. A casa é a cosmologia, a conformação, o abrigo potente das complexidades de casa indivíduo. É abstrato, interno e intenso.

5.1.1 - Casas iguais e famílias diferentes.

Como pessoas, famílias, em suas diferentes estruturas e conformações se relacionam com sua “célula de morar”. Sem entrar na questão mais polêmica da contemporaneidade: gênero e sexo. Mas o que se quer é discutir sobre habitação, entender porque quando os arquitetos projetam uma residência, o programa de necessidade sempre (ou quase sempre) exprime as exigências de uma família padrão formada, por exemplo, um pai, uma mãe, filhos felizes e um cachorro. Talvez o cachorro não entre nesses planos em função que muitos condomínios não aceitem animais. Mas o que precisamos aqui é extrapolar os termos formais, sair da exatidão e visualizar o cliente, o morador – a pessoa – aquele que vai habitar neste invólucro como alguém que tem sim, necessidades específicas e, para isso, é necessário que exista um programa para esta pessoa e sua família, neste espaço-tempo.

Em busca da constante definição dos espaços, de seus conteúdos programáticos e, conseqüentemente, de formas precisas, acabam sendo criados, pela repetição, modelos e rotinas de usos para esses espaços, levando a certo grau de condicionamento quando a utilização, movimentação e apropriação por parte dos usuários. Dirigidas por espaços com utilização predeterminada, aceita como natural e inexorável pelo processo histórico, às atitudes, gradativamente, foram sendo incorporadas e tratadas como intrínsecas a esses espaços; os acontecimentos inesperados, o que Derrida denomina de ‘eventos’, o rompimento com o natural e com

o previsto para aquele local representariam justamente uma tentativa de afirmação, de 'vontade e poder' (...) Seria na arquitetura, o momento da invenção, que se configuraria como um local fértil para o excesso, o prazer de ir além do 'natural' ou do estipulado, para o exercício de conflito, em que nos distanciáramos daquilo que somos e abriríamos espaço para o advento do outro, do porvir. (Guatelli, 2012, p.34)

Abrir espaço para o que é subjetivo, para tudo que não está concretamente estipulado. Pensar nos eventos, em algo que pulsa e acontece entre a concretude das paredes. Talvez, seja desta arquitetura que fala Igor Guatelli, da invenção, do cotidiano. É a potência do rompimento de algumas barreiras que engessam as formas de criar arquitetura, não existe um único modelo de família, em nossa sociedade contemporânea. A moradia precisa ser projetada de maneira não preconceituosa. Estamos até hoje criando espaços que não perguntam as pessoas quais os seus programas de necessidades. Os, arquitetos errônea e tradicionalmente, nos bancos das graduações definem que projetar uma 'casa' é criar espaços para abrigar uma sala de estar, uma cozinha, um quarto para o casal e outro para os filhos – isso em uma crítica bem simplista. Mas ao sair para o mundo 'real' vemos que não se deve projetar desta forma, as potências são outras: são pessoas que moram sós, casais sem filhos, idosos, pessoas com limitações físicas. Como anteriormente citado o trecho de Montaner: a casa, a cidade, vislumbram uma pessoa de meia idade, saudável, que dirige seu carro, que tem um trabalho, pouco se pensa, nas margens desta ideia.

Em suma é muito urgente pensar a casa, a cidade para todos aqueles que não vivem em uma estrutura familiar convencional, é preciso que se criem abrigos para todos os tipos de convivência, seja convencional ou não. Afinal o que é convencional?

A vida precisa ser o centro dos programas de necessidades. Talvez esse seja o desejo mais utópico, conseguir que a vida, as pessoas tenham rostos, desejos e que a cidade seja projetada a partir da necessidade de ser uma “*Felizidade*” e não apenas um objeto de compra e venda. É preciso que a arquitetura das cidades seja plural, unindo vários pontos de vista que sejam capazes de criar uma cidade mais humana.

Este conceito de casa para as pessoas que vivem no Residencial Terra Nova pode ser entre os muros que o cercam, e sua intimidade está em sua casa, mesmo que a intimidade do vizinho ao lado esteja bem próxima a do primeiro.

Observar as rotinas e se esta arquitetura de larga escala é eficaz, ou seja, se podemos “globalizar” a arquitetura e os usuários que se adaptem à ela ou se o ideal é criarmos um local onde as pessoas possam fazer parte do processo, pensando como são suas famílias, suas casas?

Uma casa é muito mais que uma casa, é uma cosmologia e um encontro não fortuito, é construção de um jogo de impulsos e de conhecimentos, rede de ícones vivificados, virtualidades que se articulam, circulação de afetos, medida do mundo. (Brandão, 2008, p.13).

E Francis D. K. Ching, vai complementar que as “*qualidades de um espaço arquitetônico, entretanto, são muito mais ricas que os diagramas são capazes de retratar*” (Ching, 1998, p.166). As qualidades espaciais de forma, escala, textura, luz e som dependem, em última análise, das propriedades de delimitação de um espaço. Nossa percepção dessas qualidades constitui frequentemente uma resposta aos efeitos

combinados das propriedades encontradas, e é condicionada pela cultura, por experiências anteriores, interesses e inclinação pessoal.

Logo, qual o impacto desta arquitetura de massas produzida pelos condomínios fechados? O que esta arquitetura impacta nas nossas vidas? É contraditória a homogeneidade?



Figura 22: Com e sem vida...
Fonte: imagens da autora

5.1.2 - A condição “entre”

A morada deve promover o encontro do mundo interior com o exterior. É necessário que a casa seja um espaço híbrido onde seja possível que a vida se produza e reproduza.

É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói duas margens e adquire velocidade no meio. (Deleuze e Guatarri, 1995, p. 49).

“O meio não é uma média”, onde tudo se modifica, onde o sentido se inverte, onde se adquire velocidade, potência. A porta da casa, quando aberta, permite esse adentrar no receptáculo, na intimidade da casa, enquanto que os muros não dão possibilidade a esta relação, apenas cegam, fecham e permitem somente que se imagine o que ocorre dentro ou fora deles. A condição entre se apresenta no paradoxo espaço interior e exterior, que encontra o seu limitante na porta de entrada de cada casa; e na escala da cidade, o elemento entre conjunto habitacional e entorno é simbolizado pelo muro.

O que estamos aqui sugerindo é um pensamento poético-reflexivo na condição ‘entre’, algo que nos mobilize nas várias facetas inerentes a esta porta que se abre ou se fecha. É a condição entre o que é privado - resguardado - e o que é público; entre o concreto e o abstrato – sensações.

Como afirma Igor Guatelli (2012) “o princípio do entre na arquitetura, um espaço em condições de assimilar as constantes e diferentes interrogações e requisições que eventualmente possam surgir a partir

dos usuários". A condição entre ou estar-entre é um modo de produzir complexidade, um modo de manter a dualidade como diferença, fugindo do dualismo opositivo do ou dentro, ou fora. Não é abstrata, é potência de acontecimentos.

Esta é mais uma questão a ser debatida por este estudo. A arquitetura que vem sendo produzida, no caso dos conjuntos habitacionais fechados, especificamente, é capaz de promover encontro com o exterior ou não? É capaz de se ligar à cidade ou rompe com ela?

Circundar, segregar grandes áreas por muros, juntar um grande número de pessoas em uma determinada área, o que gera para a cidade? Fragmenta ou apenas organiza de acordo com características específicas, por programas sociais, por renda per capita? Qual o impacto dessa arquitetura. Esses organismos que estão sendo implantados na cidade são capazes de gerar vida para o todo?

Fernando Fuão (2013) constata que na contemporaneidade, *"agora, é a rua dentro de casa, e a cidade esvaziada de qualquer sentido, por que já é uma cidade fantasma espectral, há espectros de violência por todos os lados, sufocando o sentido de beleza pública, de felicidade. Da felicidade. (...) não existe casa ou interioridade sem porta"*.



Figura 23: A condição entre: fora do muro, alimenta dentro do muro.
Fonte: imagens da autora

5.1.3 - Público – o que extrapola os muros

Existe aqui um conceito potente para pensar a arquitetura da cidade: a delimitação dos espaços, estes limites territoriais são uma relação sempre dialética, complementar e mutável de acordo com as necessidades da cidade. As questões de público e privado são uma bagagem histórica na arquitetura e na esfera política das cidades, Montaner (2014) cita Hanna Arendt para explicar essa dualidade entre política e arquitetura.

(...) o social se desenvolveu durante a modernidade nas sociedades maduras, a partir da nova relação entre as esferas privadas e públicas, que vão se diluindo ao se inserir na esfera do social. (...) A esfera do público se refere ao comum, àquilo que se expressa e que se propaganda em um amplo mundo compartilhado. Em suma, na esfera pública 'comunica-se' o privado. Arendt afirma que, na esfera pública, as coisas surgem da obscura e abrigada existência do privado. O mundo público, comum, depende completamente da permanência, é algo que encontramos ao nascermos e que deixamos ao morrer.” (Montaner, 2014, p.28-29)

Na contemporaneidade não cabe mais que a cidade se deixe reduzir à aplicação dos conceitos mecânicos – tratar o tema da casa, da moradia como um processo industrial, repetitivo e padronizador, repetição e separação de funções urbanas, zoneamentos rígidos e massificação das soluções, entre outros – já foram devidamente criticados. Francois Ascher (2001) fez questão, inclusive, de contrapor a cada uma dessas concepções o que estaria mais de acordo com nossa época, anunciando um novo urbanismo com

características reflexivas, multifuncional, com soluções de equipamentos e serviços individualizados e uma economia de variedade.

A produção da arquitetura e do urbanismo na cidade, quando é pensada de forma puramente objetiva ou paliativa, gera sobras espaciais, normalmente na contramão dos próprios objetivos originais dos projetos. Lotes vagos, lugares embaixo de viadutos, empenas cegas e as grandes ilhas formadas pelos conjuntos habitacionais, vão fragmentando e compartimentando a cidade. Na observação aos conjuntos habitacionais, vastas áreas de muros deturpam a paisagem da cidade.

A relação exterior e interior deixa de fazer parte de um raciocínio calcado na ideia de totalidade e conduzido pela lógica de uma composição dentro e fora. Passa a configurar como suporte de suposições ainda por vir, um suporte que se coloca sob, que apoia à montagem de situações e a apropriações dinâmicas, instáveis, sempre *in process*; um espaço aberto a livres e permanentes interrogações. (Guatelli, 2012, p. 22)

Pelotas caminha a passos largos para se tornar uma cidade *intramuros* ou como melhor coube dizer, neste trabalho, a nova cidade medieval. Este é mais um ponto nesta discussão: é preciso impor novas regras, novas maneiras de analisar e agir, dar novos sentidos e relações entre os espaços privados e públicos e novas formas de apropriação destes espaços.

O urbanismo atual não pode mais ignorar ou incentivar a criação, a divisão da cidade por agrupamentos, por castas, onde as pessoas são agrupadas de acordo com seu poder aquisitivo (ou falta dele), ainda com o aval dos órgãos públicos, os quais não devem incentivar e tentar incorporar no pensamento da cidade

esta forma de morar como algo plenamente positivo. Citando Zigmund Bauman, “*São Paulo é hoje uma cidade de muros. Barreiras físicas foram construídas em toda a parte – em torno de casas, prédios, parques, praças, escolas e complexos empresariais... uma nova estética de segurança modela todos os tipos de construções e impõe uma nova lógica de vigilância à distância*”.

Esta cidade medieval que vive entre os muros, as cercas, grades e portarias e câmeras dos condomínios fechados, não tem, além dos muros, outra relação com as cidades medievais da antiguidade. Nesta última, os serviços básicos, as necessidades do cotidiano podiam ser supridas dentro dos muros (o alfaiate, o padeiro, a cabeleireira, etc.).

Hoje, na nova concepção de cidade medieval, esta se tornou um hotel entre muros, aonde se vai para dormir, comer e, até para desfrutar de alguma forma de lazer. Não se tem acesso a nenhum serviço a não ser que se ultrapassem as grades das portarias. A diversidade de usos e serviços não tem voz ou vez.

O ícone da cidade medieval contemporânea é o carro. Pouco se faz sem este ícone da modernidade ou até de liberdade. A prisão de quatro rodas, se faz necessária para resolver os menores problemas do cotidiano das pessoas. Talvez esse seja um ponto caótico desta forma de conceber os espaços e as relações com a cidade.

A seguir, os percursos entre a casa e a cidade, a construção do objeto de análise. A composição deste labirinto *intramuros*, formado pelos entrevistados, suas realidades e fragmentos.

*“Eu escrevo, pois, como um arquiteto que emprega a crítica, mais do que
como um crítico que opta pela arquitetura.”*

(Robert Venturi, 2004)





*Percorrendo o
Território de Subjetividades*

Percorrendo o território de subjetividades

Percorrer o território sensível da subjetividade. Tudo o que deixa de ser concreto, é subjetivo. Mas tudo o que é concreto dá espaço para o subjetivo. É nas entrelinhas da concretude das paredes, das ruas, entre muros que a vida vai acontecendo, subjetivamente. Viver na contemporaneidade tornou-se um somatório de complexidades que de acordo com a bagagem de cada indivíduo vai oferecer diferentes experiências que devem servir-nos para considerar uma série de questões durante o processo de concepção de um novo projeto, logo, depois de delimitar os conceitos fundamentais e os princípios estabelecidos de avaliação de uma casa, a metodologia de análise do projeto consiste principalmente no planejamento e formulação de perguntas: os edifícios que habitamos oferecem outros usos que complementem as funções puramente residenciais? Os espaços têm relações com o exterior ou com vizinhos? Os espaços respondem adequadamente às necessidades de tecnologia atuais da vida diária?

Desde meados do século XIX, acerca do modo de relação com a cidade, Benjamin dissertava sobre da mudança do contato das pessoas com o espaço urbano atual advindo de um futuro de transformações que chegou rápido demais. Walter Benjamin escrevia acerca do *flâneur*, personagem criado pelo poeta Charles Baudelaire, em sua relação com a cidade de Paris, como um “observador apaixonado” pela cidade e pelos

seus milhares de habitantes, que a veem e a entendem sem seus disfarces, como uma mulher despida de suas roupas. A proposta surge como a arte de vagar pela cidade, para entender os sentidos da cidade, esta que representa “*seu templo, seu local de culto (...) o verdadeiro lugar sagrado da flânerie*”.

Em contraponto à ideia do *flâneur*, o cidadão atual, por sua vez, seduzido pelo bombardeio de informações relacionadas ao consumo, se torna relapso em relação à observação da sua cidade, bairro e rua. Os meios de transporte, cada vez mais, equivocadamente, individualizados também contribuem para tal alienação. A observação deu lugar a outras formas de convivência com a cidade, passando a ser impessoal e individualista, com pouco ou mesmo nenhuma integração do espaço urbano com o usuário. E desta maneira, a cada instante que passa, o transeunte se deixa passar, sem notar a paisagem urbana e seus valores, sustentando e relacionando com o consumo e o enfraquecendo as relações com o meio em que se vive.

O “gostar” ou “não gostar” deixa de ser criterioso diante da efemeridade da atualidade, que com o acúmulo de imagens sobrepostas faz com que o habitante julgue rapidamente o cenário como um todo, sem ao menos identificar as causas ou motivos de tal percepção. Uma criação arquitetônica participativa, onde além dos que criam as ideias, àqueles que vão se utilizar delas, também sejam parte responsável pelo processo.

6.1 Mapeando as observações

O território de sensibilidades, buscando questionar tanto os usos e funções do programa, como a definição construtiva e formal da proposta. Ao mesmo tempo, levantar uma série de dispositivos que oferecem à essa complexidade os critérios a considerar.

O território sensível dos moradores do Terra Nova ultrapassa as unidades habitacionais, percorre as ruas internas do condomínio e invade a cidade. Através das entrevistas, podem-se entender essas relações, as observações por vezes concretas de suas casas, de suas relações com o entorno e os vizinhos e, ainda seus percursos com a cidade.

No grupo de entrevistados⁹ foi potente o grande número de deslocamentos para o centro da cidade ou outros bairros, percorrendo assim, diariamente grandes deslocamentos para desempenhar suas atividades. Quais as motivações para que desta forma se adaptem a morar tão longe de suas atividades e, nas mesmas perguntas essas respostas são sanadas pela afirmação simples e constante de que *“Aqui é um lugar para se viver. Lugar para se viver bem”* (Família Quaresmeira – entrevista dois). A cada entrevistado, de acordo com algo que por ele foi dito, se criou uma denominação nova para esta família. Alguma palavra dita pelo entrevistado, algum anseio que este tem para o seu território. Nesse ritornelo de palavras e lugares subjetivos, optou-se por manter o sigilo, em respeito aos moradores e suas respostas, bem como criar um ambiente mais convidativo para o leitor, onde através das denominações das famílias, este também pode, de alguma forma adentrar na íntima subjetividade de cada casa, sendo assim convidado a caminhar neste

⁹ As respostas das entrevistas foram transcritas e estão em anexo ao final deste trabalho, bem como os originais estão em uma mídia (cd) para que possam ser consultados a qualquer momento da pesquisa, bem como depois dela.

novo tempo-espaço que se faz, através da descrição de cada entrevistado, dos mapas por eles gerados e ainda de algumas percepções que a pesquisadora sentiu-se à vontade para partilhar.

Para o pesquisador cartógrafo, como anteriormente especificado no capítulo 2 – Delimitando o Território, não existe um número fechado para desenvolver as entrevistas. O que existe é processo e potência de material coletado. Tudo o que é conversado, vira mapa e, a busca por melhor entender e vivenciar esse lugar e essas pessoas, fez que a um certo momento do trabalho de pesquisa fosse necessário contatar os entrevistados por meio virtual. Ou seja, nem todos os entrevistados se dispuseram a serem visitados, por seus motivos específicos, mas partindo da vontade de participar deste processo, criaram uma nova dimensão de trabalho, uma nova perspectiva. Um outro mapa, que aparentemente, poderia ser empobrecido, por não ocorrer o encontro vivo. Mas se tornou uma aba tão rica de subjetividades, na escrita dessas pessoas se deu algo novo, passível de ser cartografado, pois estes também fazem parte da cidade e dos muros que recortamos para este estudo. Pela ruptura que criou-se no trabalho, foi possível vislumbrar algo diferente através dessa fenda que se formou.

De acordo com as indicações, os entrevistados foram tecendo esta rede de indicações. A cada um deles, solicitou-se que, se possível que indicassem outro vizinho que pudesse contribuir com este projeto e assim, sucessivamente. A rede que se formou está representada no mapa a seguir.

É possível observar neste mapa a posição de cada casa dentro do conjunto. O número e a cor dada a cada localização refere-se a família entrevistada e a ordem em que foram produzidas essas entrevistas. As diferentes tonalidades de cinza, representando a implantação das casas, dizem respeito a tipologia interna de cada unidade. Como observou-se anteriormente, a segregação dentro do conjunto ocorre por dividir as pessoas em vias onde só tenham vizinhança direta de casas iguais – em número de dormitórios. A cada face de rua, uma mesma tipologia. Os entrevistados receberam um nome fictício, para preservar sua intimidade,

6.1.1 Panorama das entrevistas



**Família
Sossego**

Os primeiros entrevistados, foram renomeados como Família Sossego: três pessoas. Um casal e seu bebê, hoje com um ano de idade e eles com idades em torno dos trinta e poucos anos.

Bem, um casal com temperamentos e rotinas diferentes, ela, a esposa, psicóloga por formação, que cedeu a entrevista, não trabalha fora, no momento, se dedica aos cuidados maternos, ele advogado, sai diariamente de casa para o trabalho no centro da cidade. Um dos principais deslocamentos, da entrevistada e do bebê, é visitar à família no bairro Laranjal e, também apontou suas idas ao centro da cidade para rotinas do bebê. Conforme foi apontado no mapa de percurso pela cidade. Muito pelo seu momento de vida, onde sair de casa com um bebê pequeno, por muitas vezes torna-se uma tarefa complicada. Apontou sua falta de relação com a vizinhança, não interage com os vizinhos, nem os mais próximos e, diz não sentir falta dessa relação. Gosta do local onde mora, sente-se segura em sua casa.

Na primeira entrevista que realizei, adentro a casa numa tarde calorosa de sexta feira. Estava ansiosa por esse momento do trabalho. Levei meus mapas organizados, câmera, gravador, canetas coloridas, tudo “cartesianamente” organizado.

Ainda não havia me deixado cartografar, por óbvio, pois estava apenas imbuída de meu referencial teórico, longe dos muros que cercam meu objeto de pesquisa.

Ao ultrapassar a cancela da portaria, vejo um local muito tranquilo, silencioso, casas quietas com seus carros a porta. Quase ninguém pelas ruas. Penso, é sexta, as pessoas trabalham. Mas não existiriam crianças fora da escola nesta hora? Penso que talvez no final de semana as pessoas estejam por essas ruas.

Naquela tarde, sou recebida na sala de estar, uma televisão resmungua sua programação da tarde, a sala não possui janela para a rua, sinto um certo desconforto, pela falta dela.

Transita pouco pelo condomínio, circula apenas em volta de sua quadra próxima, passeando com o bebê no carrinho, nos dias mais quentes. Uma das poucas relações que cultiva é com uma prestadora de serviços, que informalmente, oferece serviço de depilação.

Ela relatou que vai até a depiladora, mas não conseguiu identificar em qual casa a prestadora morava. Outro percurso apontado é o necessário para depositar o lixo no reservatório destinado à coleta que se encontra junto à portaria do Terra Nova. Já o marido, como subsíndico do conjunto habitacional, circula por todas as áreas, conhece quase todos os moradores, tem vários contatos. Faz parte do time de futebol, da equipe do vôlei, interage e aproveita os espaços de lazer oferecidos pelo Condomínio. No mapa de percurso interno, a entrevistada não conseguiu com precisão identificar a casa onde se encontra a prestadora de serviço, na planta, ressaltou que somente sabe qual a casa pela pintura que ela tem. Ponto a ressaltar, a importante busca por uma identidade, por uma leitura mais facilitada, uma vez que todas as unidades tem fachadas iguais.

A casa, segundo a construtora, modelo B, sofreu algumas adaptações como podemos observar na planta baixa da

A dona da casa me recebe com um bebê aos braços, vejo a alegria e o cansaço em seu olhar. Alegria de mãe, cansaço de mãe. Pela sala, com sua mobília de casa recém-montada, se encontra toda a intimidade e realidade do momento. Em meio aos sofás, brinquedos e objetos de um bebê com poucos meses de idade. Em meio ao desconforto de minha invasão concedida, inicio minhas perguntas e ali sou acolhida por uma xícara de chá. O bebê chora, a mãe cumpre suas tarefas e eu invasora me ocupo do acalento da xícara de chá. Para além dos mapas gerados em meio ao cotidiano daquela casa, para além também das questões que eu queria entender.

Vi naquela sala sem janela para a rua, um momento tão sublime entre mãe e filho que nem as fotografias conseguem descrever. Aquela mãe que constatou que da janela de sua casa apenas vê a casa em frente, disse que poderia ver árvores e verdes se fosse em outro lugar, disse que não se importa, pois ali dentro encontra tudo o que a faz feliz.

Fui tocada, não sei se pela minha realidade de mãe, ou exatamente por sentir o quanto a felicidade é um estado

unidade. Composta por uma sala de estar, cozinha, dois dormitórios (suítes), dois banheiros, uma área que em planta foi denominada *closet*, mas que para a família foi transformada em escritório, a cozinha que inicialmente tinha uma porta de acesso à sala de estar, perdeu esse acesso, conforme indicação em planta (hachura em vermelho), ampliando assim tanto o estar quanto a cozinha, e ainda uma área de serviços. Fizeram ainda, uma ampliação ao fundo da casa, como sugerido na planta de venda, onde colocaram a sala de jantar e churrasqueira. Ficando desta forma com apenas uma pequena área aberta, donde provem a iluminação natural e a ventilação do ambiente. Nesta área se concentram as atividades familiares, seja pela proximidade com a cozinha, por ser a área mais ampla da casa, seja pela churrasqueira, conforme pode ser observado na planta baixa.

interno e não um concreto com ou sem janelas.



Família Quaresmeira

Família Quaresmeira, segunda família de entrevistados. Assim foram nomeados por contemplarem a pequena árvore que se encontra em frente a sua janela, ao serem perguntados sobre o que viam da janela, sem titubear, fizeram referência à árvore.

Nesta casa, um casal de aposentados, com idades por volta de seus sessenta anos. Como eles mesmos apontaram, sozinhos, filhos já adultos, fora de casa. Ali tem na sua casa o lugar para reunir a família. Um casal maduro e cheio de vida!

Ele o síndico do condomínio, cheio de demandas do dia a dia do condomínio com 438 casas para administrar. Ela uma senhora muito doce, dona de casa, cuidadosa com as tarefas do lar. Sendo síndico do Condomínio Terra Nova, foi capaz de relatar na entrevista, além de suas informações como morador, pode ainda falar bastante sobre as demandas do Terra Nova. Os pontos positivos e as peculiaridades que ele por muitas vezes pontuou. Devido a esta atribuição, conhece cada recôncavo do conjunto habitacional, transita por todas as ruas, sabe

Uma tarde de outono, previsão de uma grande chuva, expectativa de uma grande quantidade de material, pois o entrevistado era o síndico e, este com certeza, tinha muito a contar. Misto de expectativa e tensão por adentrar talvez nas mazelas do lugar e, por saber o quanto é difícil, às vezes, falar-se sobre o que não é tão bom.

Mas chego a uma casa muito acolhedora, por volta das duas da tarde, sou recebida pela esposa, aflita me abre a porta se desculpando, pois ainda não haviam almoçado. Fico constrangida por invadir a privacidade e quebrar a rotina desta casa, mas como preciso cartografar esses detalhes, esse entalhes, me deixei invadir por essa casa.

Chega ao meu encontro o síndico, um senhor de cabelos e barba brancos, cara de bom Vô, muito agitado, cheio de tarefas por cumprir naquela segunda-feira, pois, segundo ele as chuvas do final de semana havia colocado água em algumas casas.

O paradoxo daqueles dois, ela rotineira, regrada, aguardando com a mesa posta, ele, desregrado, respondendo emails, ainda sem almoçar foi desenhando um

apontar todos os prós e contras, dificuldades, rotinas e pontos positivos desta pequena cidade.

Como pode ser observado no mapa de percurso interno, ele circula por todas as ruas internas do condomínio, na produção do seu mapa foi interessante observar essa marcação de alguém que circula por todas as vias.

Sua esposa, faz suas caminhadas, interage com os vizinhos, gosta muito e se sente muito abrigada morando ali. Considera que a casa atende as suas necessidades plenamente. Conta que após fazerem a ampliação ao fundo casa, ali colocaram uma churrasqueira, uma lareira e ainda assim, tornaram esse espaço o coração da casa. Espaço para partilhar o chimarrão, as refeições e acolher a família nos finais de semana. Se dizem 99% satisfeitos com o lugar onde vivem. A família Quaresmeira vive em uma unidade residencial modelo B, na mesma rua que a família anterior, então sua unidade também é composta por uma sala de estar, cozinha, dois dormitórios (suítes), logo os dois banheiros encontram-se junto aos dormitórios, uma área que em planta foi denominada *closet*, mas que para eles é o escritório, a cozinha e uma área de serviços.

mapa muito subjetivo para as minhas bagagens.

Início minhas perguntas e, durante nossa conversa, percebo quantas vezes as respostas vem do síndico e quantas outras, vem do morador, do pai de família, do aposentado, do avô.

Fui recebida no coração da casa, na ampliação feita por eles, onde o bom gaúcho reúne a churrasqueira, as facas para o assado de domingo e, ali toda a família em torno do chimarrão de domingo.

Ouço desses dois que ali, naquela casa, no sofá perto da lareira eles encontram o aconchego que supri a síndrome do ninho vazio. Os filhos, já adultos, saíram de casa e onde eles viviam a casa tinha muito espaço e muitas saudades. Nesta nova casa, um terço da anterior em tamanho, eles acomodaram a vida, se reformularam, e acolhem aos filhos e suas famílias para confraternizar.

Fizeram a ampliação ao fundo da casa, como sugerido na planta de venda, onde colocaram a sala de jantar, uma lareira e churrasqueira. Neste espaço ficam concentradas as atividades familiares.

De acordo com os mapas a seguir, podemos observar os deslocamentos do casal Quaresmeira pelo condomínio, como anteriormente citados. Também, em uma planta baixa da unidade residencial, se pode observar – em escala de cinzas – a área que o anexo à casa foi executado e sua conformação original, também como acima descrita.

Já no mapa de percursos, marcamos os principais trajetos da família, sendo apontado por eles, como seus principais deslocamentos: buscar os netos na escola, levando para isso um tempo considerável, pois a escola encontra-se no bairro Porto, quase na outra extremidade da cidade. Também apontaram a visita à casa dos filhos, que fica também na zona portuária da cidade. E, como terceiro percurso rotineiro, o senhor Quaresmeira apontou as constantes idas ao centro da cidade, em função de reunião na administradora do condomínio.

Casa de vó, uma cesta repleta de frutas maduras, se oferece bem próxima de nós. Ao lado de uma lareira que espera o primeiro frio para começar seu trabalho. Fico por ali mais de uma hora, apreendendo a rotina do condomínio, daquela casa, daquela família. Vez por outra, a esposa, após cruzar seus talheres, pois sim, ela foi almoçar enquanto do sofá o marido me respondia, ela intervinha com algum ponto.

Ele após uma pausa me diz que ali é um lugar para se viver. Ela, sentada já, num pequeno banco ao lado dele, com um prato de frutas picadas ao colo, me diz que ali é um lugar para se viver bem. Uma voz tão suave e tranquila ao dizer isso que, ao início da chuva, dava vontade de ficar o restante da tarde naquele sofá.

Quando digo que minhas perguntas estão encerradas, os dois em alvoroço, quase de criança, correm para preparar um café. Cheios de afeto me trazem um café quente, oferecem diversos petiscos e se desculpam pela falta de algum que me agrada – casa de avós – quem os teve sabe como é.

Durante o café, e com a chuva forte batendo pela janela, ele se lembra de mais uns pontos que ainda não havia me falado e, lá vamos para mais meia hora de gravações e conversas.

Me impressiono pela sua memória em relatar os nomes dos moradores, as suas casas, com o número exato, na rua tal. Acho que ele sabe quem são os moradores das 438 casas do condomínio, mas não me atrevi a perguntar.

Quando solicito se poderia fazer umas imagens, ela num salto diz que sim, mas no mesmo instante, diz que ainda não teve tempo de organizar tudo e, que acha que não ficaria bem. Digo que me atenho apenas aos detalhes, que as imagens, na sequência do meu estudo, vão apenas ressignificar essa casa.

E iniciando pelo cesto das frutas, passando pelas facas de churrasco que ele, orgulhosamente pede que eu fotografe, pegando mais alguns detalhes, chego à quaresmeira, a pequena árvore florida na frente da casa, que para eles representa tudo o que eles vem pela janela: flores, verde, vida.

No acalmar da chuva, me despeço. Saiu mais uma vez, cheia de material, talvez não para dissertar, mas material humano para cartografar essa arquiteta, pessoa, urbanista, humana.



Família Pôr do Sol

Família Pôr do Sol, terceiros entrevistados. Nomeados pela surpreendente resposta ao se referir ao momento que consegue observar pela janela o sol se pôr ao longe no horizonte. Uma casa onde vivem um casal e seus dois filhos. Eles com idades por volta dos quarenta, quarenta e cinco anos e os filhos, um adolescente e um menino de seus sete anos. Uma família sossegada, muito reservada, que não interage com os vizinhos e não costuma receber visitas, pois entendem que em sua casa é o espaço da sua privacidade. O marido empresário, a esposa arquiteta e bailarina. Ela concedeu a entrevista e, próximo a sala o menino brincava. Apontou suas necessidades em mudar para uma casa maior, pois estavam sentindo-se confinados na casa. Frisou que gosta muito das instalações do condomínio, mas sentem a necessidade de mais espaço para a família. Apontou como principais trajetos internos, aproveitar a tranquilidade do condomínio para fazer suas caminhadas, os filhos andam de bicicleta tranquilamente pelas ruas pouco movimentadas do conjunto.

Sábado, muito calor, sol imenso, horário combinado para mais uma entrevista. Desta vez, chego a uma casa na esquina, pela rua central do condomínio.

Uma senhora me recebe e me encaminha para a sala de estar, em desordem por uma faxina. Na parede em frente ao sofá, vários espelhos com molduras antigas, me observam. Penso o que será que eles refletem?

Chega à dona da casa, saída de um banho, invejei o momento, pois realmente o calor era imenso.

Muito desconfortável, responde as minhas perguntas e aponta meus mapas. Essa situação de invasor de casas, de rotinas não é simples.

Ninguém gosta de ser invadido em seu território – isso é o mais certo até aqui. Pelo canto da porta, um menino me espia silenciosamente. Deve pensar quem é esta que vem à minha casa, num sábado e enche a minha mãe de perguntas? Ou não, talvez apenas pudesse estar gostando dessa quebra no silêncio rotineiro daquele sábado.

Apontou o uso da piscina como um grande atrativo para os dias de calor e, como não poderia ficar de fora, como atribuição dos moradores, também apontou o deslocamento para depositar o lixo.

Sua unidade é o modelo C, na rua central do condomínio, apontado por ela, como uma via onde existe um fluxo mais intenso de veículos. As casas denominadas modelo C são compostas por uma sala de estar, a cozinha, três dormitórios, sendo um suíte, um banheiro que atende aos outros dois dormitórios, a cozinha e uma área de serviços. Assim como os entrevistados anteriores, na Família Pôr do Sol, a ampliação ao fundo da casa, também foi executada, onde colocaram a sala de estar e jantar, uma lareira e churrasqueira. Neste espaço, pela entrevistada, denominado multiuso, a família concentra as suas atividades. A sala de estar original da casa, serve como *hall* de entrada, ou seja, apenas como um elemento de transição entre o exterior e a intimidade resguardada da família.

Rapidamente ela responde as minhas perguntas, ao som de um aspirador de pó, que faz um fundo e dá o compasso da nossa conversa.

Cada casa que visito, percebo que como somos complexos, pessoas muito diferentes a cada visita. Jeitos de viver, gestos, gostos.

Nesta casa, não se cozinha. "Não gosto." Me diz a entrevistada. Também aqui não reunimos a família, não por falta de espaço, mas sim por que não gostam.

Quatro pessoas em uma casa, que se complementam e fim.

Mas o engraçado é que ao final das minhas perguntas, após desligar meu gravador, eis que chega uma visita. E, fiquei eu pensando se era bom ou ruim mais esta invasão ao território daquela casa.

Nesta casa ouvi também que querem se mudar, que precisam de uma casa maior, mas não para receber mais gente, frisou novamente. Mas sim, por que sim, por que precisam de mais espaço para eles.

De acordo com os mapas a seguir, podemos observar os principais deslocamentos da entrevistada pela cidade: levar e buscar os filhos na escola, no centro da cidade. Praticar seu ballet também na zona central de Pelotas. E semanalmente, assiste disciplinas neste programa de Mestrado – PROGRAU/ UFPel. Mais uma vez, esse somatório de linhas serviu para potencializar quais as escolhas por determinados percursos. Também, em uma planta baixa da unidade residencial, se pode observar – em escala de cinzas – a área que o anexo à casa foi executado e sua conformação original, também como acima descrita.

Vou encerrando com a sensação de que aquela casa seria uma ostra, bem fechadinha em seus quatro moradores, quando a minha interlocutora me presenteia com a pérola desta ostra. Ela me diz que o que lhe agrada é assistir, pela janela do quarto, ao sol se pôr. Pronto, era o acalento que eu esperava desta tarde. Me tocou. Atravessei os muros desta conversa. Deixou cartografar-se pelos meus apelos de subjetivar a vida cotidiana. Fotografei os espelhos, os detalhes e saí dali desejando vislumbrar aquele pôr do sol pela janela do quarto que ela me disse existir ali. Embora a mim parecesse fechado, naquele território existe também algo que se volta para a rua, ou a rua, pela janela do quarto, invade aquela casa. E esta invasão, é esperada, é querida.

Ponto de ruptura... Inércia... (In)construção.

Dificuldade, barreira e, a cartógrafa quase sai de cena. Perceber, apreender na distância, na frieza do mundo virtual, empobrece as relações, falta olho no olho. Mas as imposições sociais, burocráticas, temporais nos transmutam para essa possibilidade em meio a falta de possibilidades.

As entrevistas a partir deste ponto foram realizadas via bate-papo em meio virtual. Faltou o contato físico, o olhar, o cheiro, o adentrar.

Barreira, receio, indisponibilidade em parte. Ser recebida pelo computador, não teve a troca, o café, a permissão de invadir, mas veio algo de subjetivo pelos fios, pelos sinais invisíveis, pelas palavras.

Tive aqui que apreender nas entrelinhas da escrita o que passava do outro lado, na outra tela.

Entender que alguém, numa tarde, no intervalo para o café, respondia as minhas questões, se reportando a sua morada. Dias frios, onde talvez, ao pensar em sua casa, se tivesse a vontade de nela estar.

Alguns retornam com respostas superficiais, talvez para de mim se livrarem rapidamente. Em contraponto, outros me presentearam com um grau de detalhamento, onde apareceu até nome científico da grama que foi colocada em seu jardim. Delicadeza de alma.

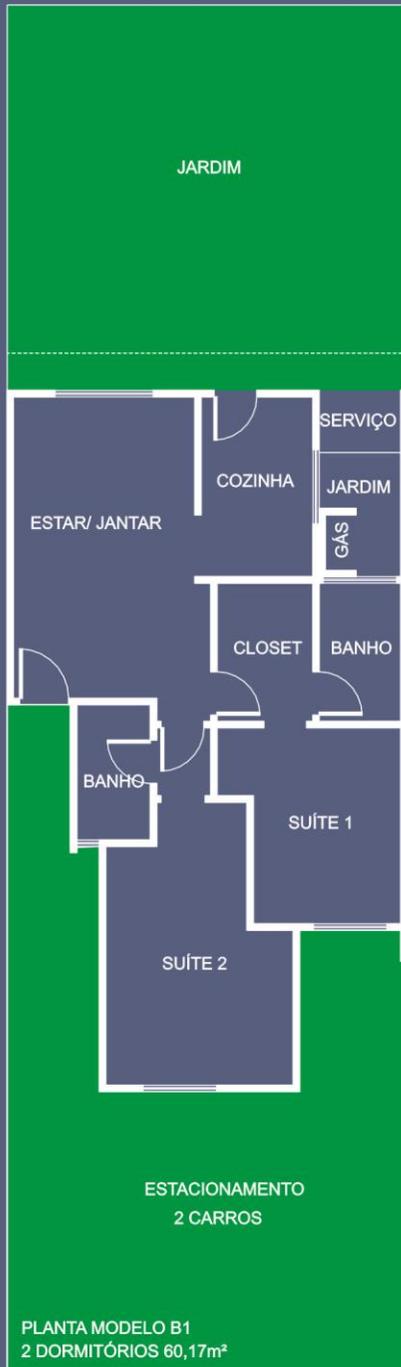


4. A família Simplicidade abre o grupo de entrevistados que nos atenderam via bate-papo em rede social. Uma conversa mais dura, mas que ainda assim, foi capaz de fornecer subsídios ricos para respaldar o trabalho. Um casal jovem, com seu filho de um ano de idade. As atividades principais da família Simplicidade são representadas pelo marido corretor de imóveis e a esposa fisioterapeuta. Na simplicidade de sua primeira morada, antes viviam nas suas casas paternas. Assim surgiu a denominação desta entrevistada.

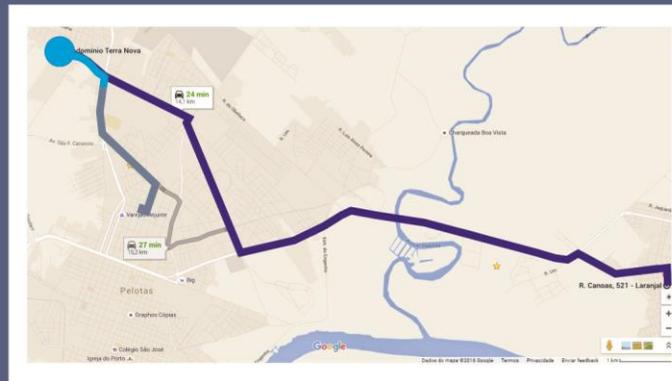
As respostas muito simples, deram a dimensão desta conversa, onde o casal que aluga a sua unidade, ocupa o espaço original da casa, não tendo nestas modificações que ampliem o espaço físico.

Esta unidade é o modelo B sua unidade também é composta por uma sala de estar, cozinha, dois dormitórios (suítes), logo os dois banheiros encontram-se junto aos dormitórios, e um *closet*, a cozinha e uma área de serviços. O espaço de reunião da família é a sala de estar, onde fazem as refeições, têm seus momentos de lazer.

Nos mapas a seguir, podemos observar os principais deslocamentos da entrevistada pela cidade: chegar até sua universidade, relativamente próximo a sua casa, ir ao trabalho, próximo à Avenida Dom Joaquim, trazendo para nosso grupo percursos dentro da mesma zona urbana, pela primeira vez em nosso estudo. E, para contrapor, ela aponta idas, quase diárias ao bairro Laranjal, onde se encontra com sua família e também deixa seu filho com a cuidadora. Esse somatório de linhas serviu para potencializar quais as escolhas por determinados percursos.



planta baixa residência



mapa de percurso pela cidade



«A decoração é simples, mas acolhedora. Tem a nossa cara e isso me deixa feliz. Minha casa é simples, mas aconchegante, não temos luxo, mas temos o que precisamos.».

Família Simplicidade



mapa de percurso interno

família simplicidade

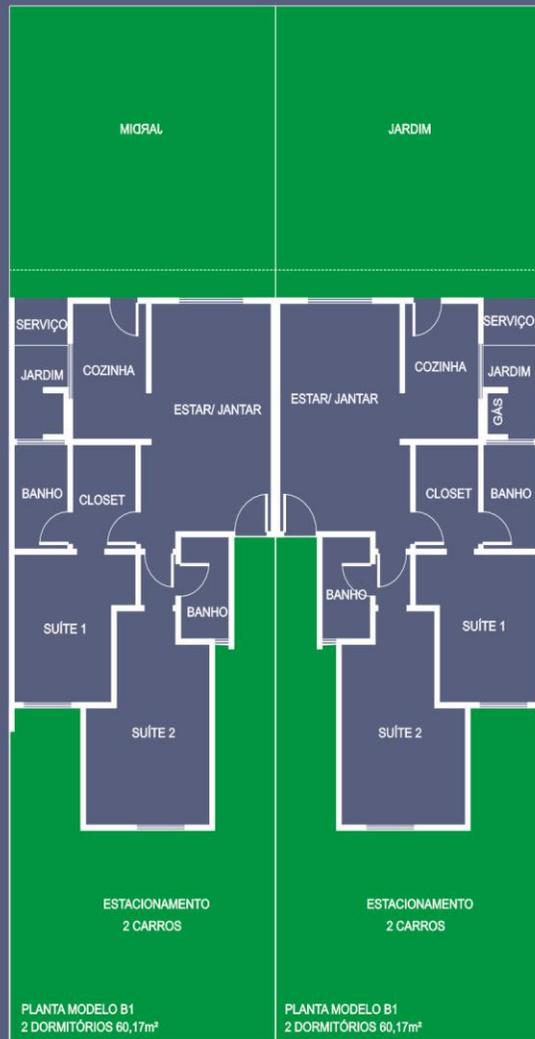


Família Tranquilidade

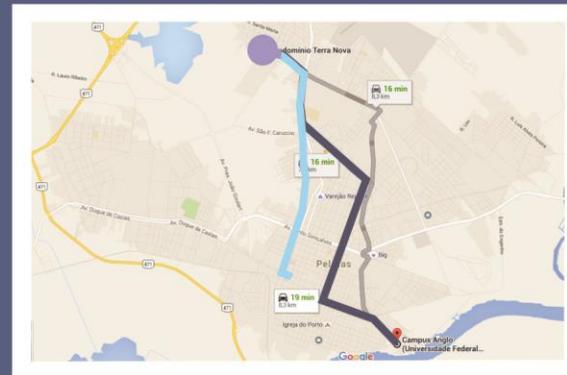
5. Família Tranquilidade, diferente das demais, nesta família formada por dois irmãos, traz alguns pontos diferentes para compor nosso grupo. Dois rapazes, jovens, estudantes universitários, dividem a casa. Dividem, na verdade não seria a palavra mais apropriada, pois estes dois, uniram duas unidades habitacionais.

Duas casas, para duas pessoas. Dois jovens que adotaram Pelotas como local

de moradia e estudo e, longe de sua família, ocupam estes espaços como abrigo e morada, mantendo assim espaço para as visitas dos familiares. O entrevistado da família Tranquilidade, foi o primeiro a apontar como um de seus percursos, a utilização do restaurante próximo ao condomínio. Até esta entrevista, todos os percursos apontados foram efetuados sempre dependendo de um carro. Nenhum deslocamento até aqui, foi apontado como um lugar a se chegar caminhando. A família Tranquilidade possui duas unidades do modelo B. As residências do modelo B como anteriormente descritas, são compostas por uma sala de estar e jantar, cozinha, dois dormitórios (suítes), logo os dois banheiros encontram-se junto aos dormitórios, e um *closet*, a cozinha e uma área de serviços. As unidades são independentes, servindo uma para uso diário e a outra como depósito e quarto de hóspedes. O entrevistado citou a sua vontade de unir as duas unidades e também criar uma área de churrasqueira no fundo dos pátios, mas não o fez, devido à problemas no sistema de escoamento de águas pluviais de sua rua. A casa por mais de uma vez ficou alagada, devido ao mau dimensionamento das instalações de esgotamento pluvial. Nos mapas a seguir, podemos observar os principais deslocamentos do entrevistado, segundo nos disse hoje utiliza apenas o acesso pela Avenida Fernando Osório, uma vez que o acesso pela Av. Vinte e Cinco de Julho, no sentido da BR-116, encontra-se bloqueado por obras. Fazendo assim com que todo o trânsito flua apenas por uma via. Criando congestionamentos nos horários de pique. Por esta via então, ele se desloca pela cidade, vai até o centro, em função de suas atividades de trabalho, Utiliza a Avenida Dom Joaquim como espaço para lazer e também ao bairro Porto.



planta baixa residência

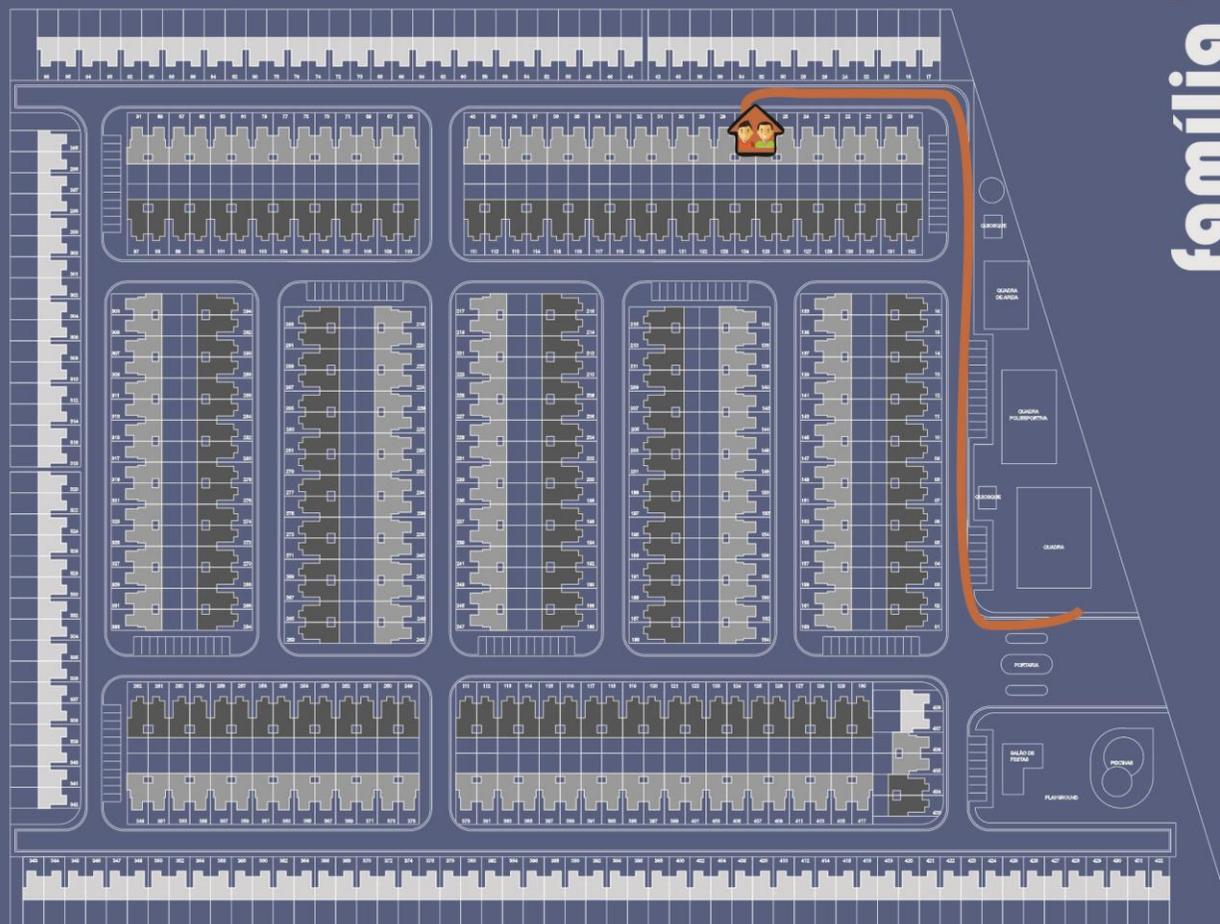


mapa de percurso pela cidade



«Da janela do meu quarto vejo a rua do condomínio. Vejo uma pequena árvore que a minha avó plantou, algumas casas que ficam na frente, e o céu. Das outras janelas vejo o pátio de casa, apenas.»

Família Tranquilidade



mapa de percurso interno

família Tranquilidade



6. Família Aconchego, formada por um casal de namorados, que a pouco se mudaram para o Condomínio. Escolheram o local pela proximidade com o trabalho dela e pela segurança que este oferece. Um casal com idade por volta de seus 30 anos, dividem a sua casa com seus dois cães. Gostam do local, sentem-se privilegiados pela vista que tem – moram na frente da piscina e próximos da portaria.

A entrevistada apontou como seus percursos próximos a ida à diversos serviços próximos ao condomínio, como açougue, padaria e outros serviços que ela pode executar sem a utilização de carro. Considera o seu imóvel, que por ser de aluguel, muito pequeno, gostaria que fosse mais amplo, mas devido ao inquilinato, não fez nenhuma modificação. Também por isto alegou não receber muitas visitas, pois sente-se desconfortável pela falta de espaço. Quando reúne a família, o faz na casa do irmão, que também mora no Terra Nova, pois, segundo ela, a casa do irmão é modelo C – a maior delas e ele fez a ampliação, sendo esta então dotada de uma boa área de convívio e ainda com churrasqueira. O modelo de casa da família Aconchego é o A, localizado na rua lateral, tendo os fundos voltados para o muro que cerca o condomínio. As casas do modelo A são compostas por uma sala de estar e jantar, junto a uma cozinha estilo americana, ou seja, o elemento que separa a cozinha da sala é uma mureta que serve de mesa de apoio. Dois dormitórios, um banheiro e uma área de serviços. De todos os quatro modelos padrão, o A é o menor deles em área construída. O espaço de reunião da família é a sala de estar, onde fazem as refeições, têm seus momentos de lazer. Nos mapas a seguir, podemos observar os principais deslocamentos da entrevistada pela cidade: chegar ao trabalho, que pela proximidade não ultrapassa cinco minutos. Seu outro deslocamento também é relativamente, próximo, na Avenida Dom Joaquim e, para contrapor, ela aponta idas, semanais ao bairro Laranjal.



7. Família Refúgio, também formada por um casal de namorados. Com idades em torno de 30 anos. A casa onde moram é bem ao fundo do conjunto residencial. Ambos educadores físicos, gostam do local pela tranquilidade com que podem praticar suas corridas e demais atividades físicas. Ela por morar a mais tempo no local, fez vários amigos e, além das atividades esportivas, cultivam uma vida social intensa pelas ruas seguras do Terra Nova.

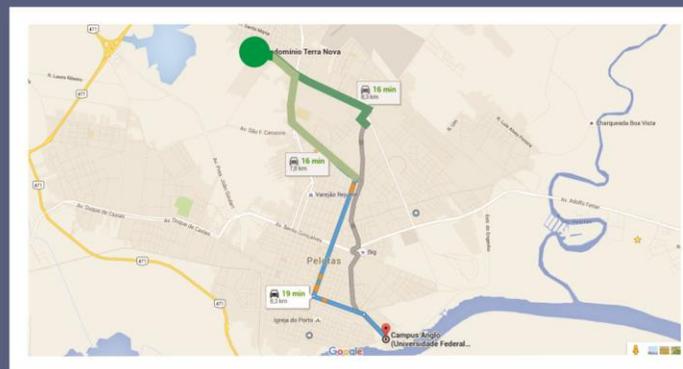
A entrevista, via bate-papo em meio digital rendeu um material muito robusto. Descrição detalhada de todos os cômodos, bem como das pinturas e ampliações que executou em sua casa. Diferente dos anteriores, na ampliação que fez, a entrevistada, construiu um quarto e um banheiro a mais na casa. Provavelmente, devido ao tamanho inicial de sua unidade. Por se tratar de um modelo tipo A, a casa não atendia aos requisitos para refugiar esta família.

Mais uma vez, descrevendo o modelo A, sendo que esta fica localizada no muro bem ao fundo do conjunto. Fazendo divisa com o próximo muro, do residencial que se encontra lindeiro ao Terra Nova. Portanto, no modelo A temos uma sala de estar e jantar, junto a uma cozinha estilo americana. Dois dormitórios, um banheiro e uma área de serviços. De todos os quatro modelos padrão, o A é o menor deles em área construída. O espaço de reunião da família é a sala de estar, onde fazem as refeições, têm seus momentos de lazer. Apontou também as possibilidades que a casa lhe traz, os anseios por fazer novas modificações no corpo da casa, tornando-a mais adaptada as suas necessidades.

Nos mapas a seguir, podemos observar os principais deslocamentos da entrevistada pela cidade.



planta baixa residência



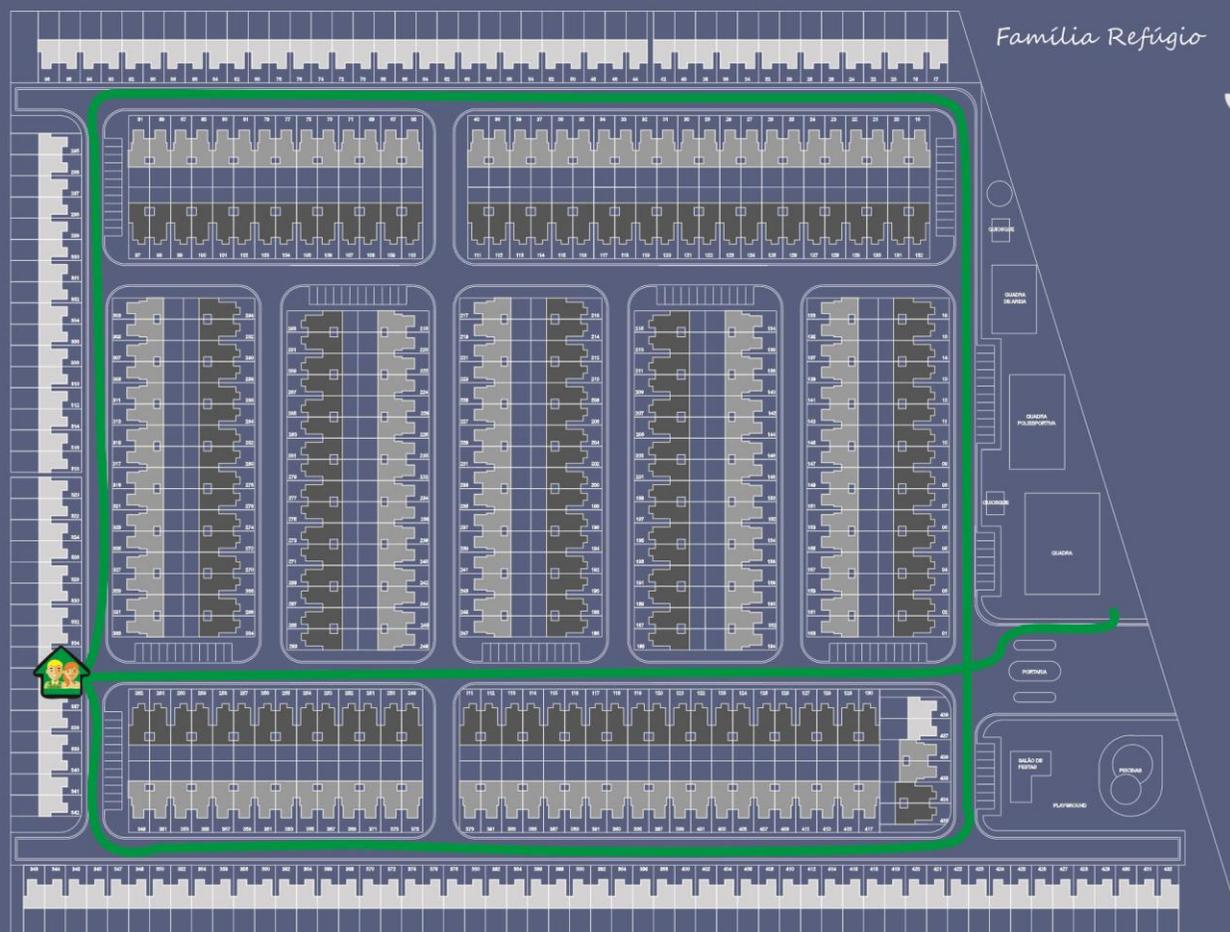
mapa de percurso pela cidade



«Meu lar, meu refúgio da correria,
lugar de paz e de alegria para mim e
desejo que seja agradável e alegre para
quem eu recebo.»

Família Refúgio

família Refúgio



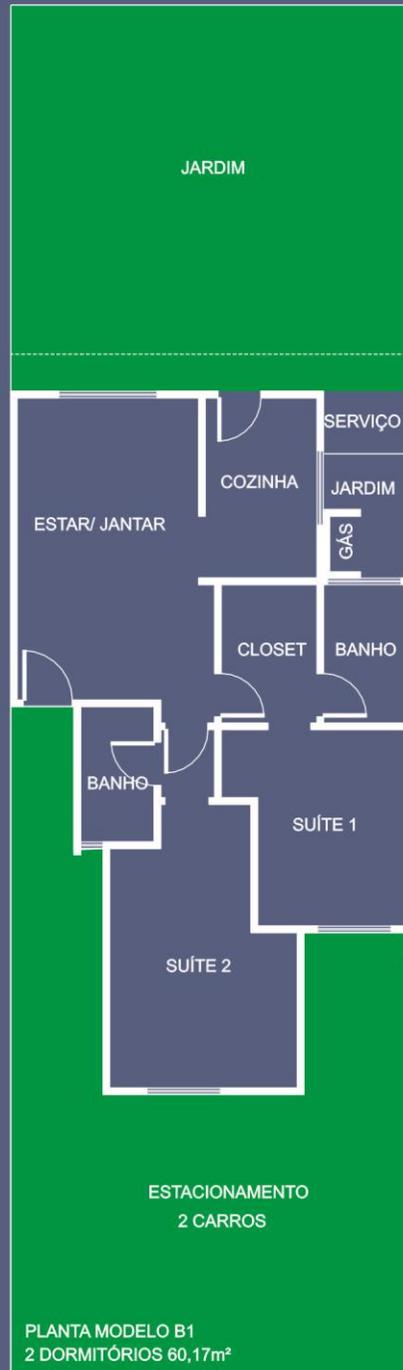
mapa de percurso interno



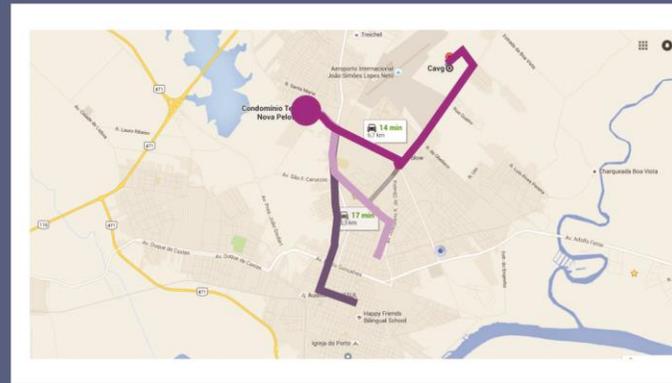
Família Elegante formada por uma pessoa, que na maior parte do tempo vive só. Escolheu este lugar para morar por causa da segurança e tranquilidade que ele oferece. Está um pouco insatisfeita com o Condomínio, por questões que não quis comentar. Mas ainda assim, sente que o lugar, diferente da dureza da cidade tem muito a oferecer. Gosta das áreas verdes, da sensação agradável de circular pelo local com seu cãozinho.

A entrevistado da família Elegante, foi assim batizada pela forma como descreve a sua casa, um lugar onde ela conseguiu imprimir as suas características pessoais, no local. Embora more só, a maior parte do tempo, como ela mesma pontou em suas respostas, sua casa é modelo C, localizada em uma rua paralela à portaria do Terra Nova. As casas denominadas modelo C são compostas por uma sala de estar, a cozinha, três dormitórios, sendo um suíte, um banheiro que atende aos outros dois dormitórios, a cozinha e uma área de serviços. Assim como os entrevistados anteriores, na Família Elegante, a ampliação ao fundo da casa foi executada, onde colocou a sala de estar e jantar, uma lareira e churrasqueira. Neste espaço, segundo a entrevistada, denominado multiuso, ela concentra as suas atividades, pois é o espaço mais aconchegante da casa.

Nos mapas a seguir, podemos observar os principais deslocamentos da entrevistada pela cidade: alguns dos seus percursos, trouxe uma diversidade maior para agregar ao nosso mapa. Um trajeto até o campus IFSul/CAVG, localizado na zona norte da cidade de Pelotas, tendo seu acesso facilitado pela ligação entre as Avenidas Vinte e Cinco de Julho e Senador Salgado Filho, onde, segundo ela o trânsito flui em melhores condições se comparado à necessidade de se deslocar até o centro da cidade. Com estes apontamentos, reiterou a sua escolha por morar no Terra Nova.



planta baixa residência

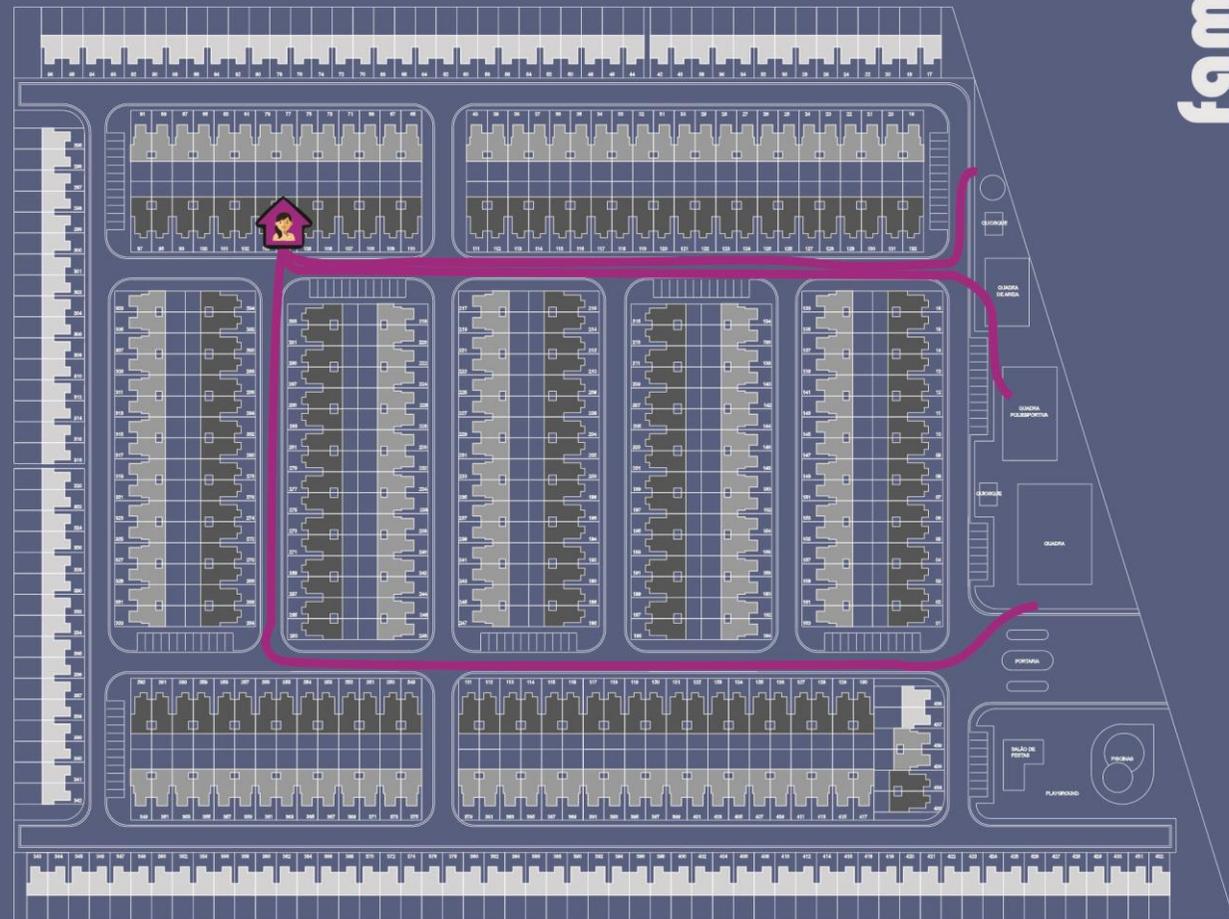


mapa de percurso pela cidade



«Olha, atualmente não tenho tido para caminhar com um ostar mais sensível sobre o condomínio mas ainda gosto do que vejo»

Família Elegante



mapa de percurso interno

família Elegante

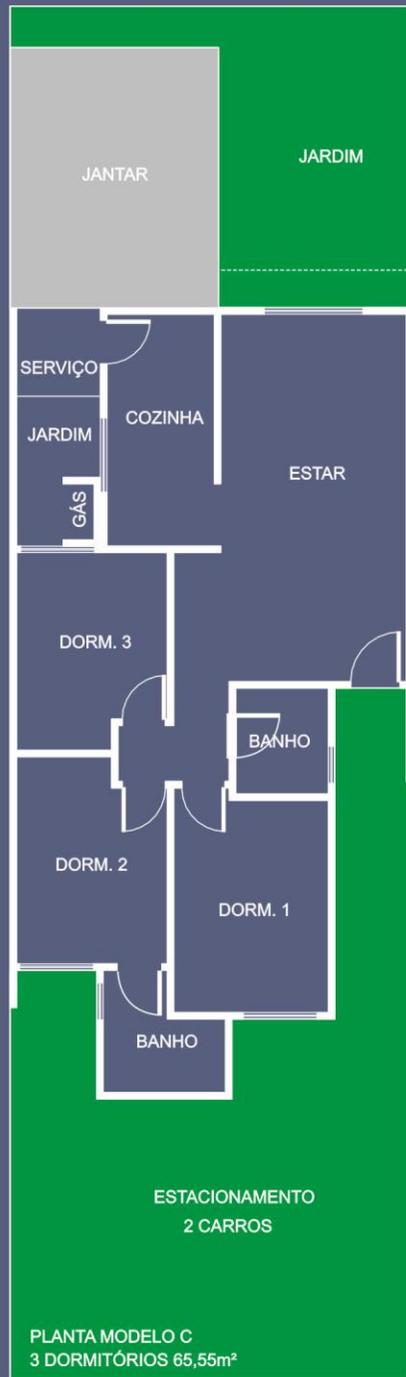


Família Amizade, mais uma das nossa famílias, composta por um casal e seus filhos. Tivemos algumas dificuldades em nos encontrar para realizar esta conversa, pois o casal tem uma bebê pequena e, como trabalham fora o dia todo, receber alguém de fora, nos horários que eles tem para estar em família, não estava muito em seus planos. Descrevendo-os, um casal com seus 35, 40 anos, dois filhos, um menino de quatro anos e uma menina de ainda alguns meses.

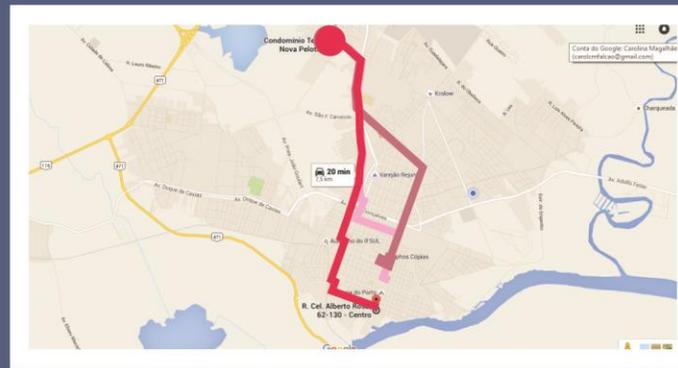
Ambos trabalham fora o dia todo e as crianças ficam na escolinha um período e no outro na casa dos avós que moram no outro extremo da cidade, no bairro porto, logo já podemos apontar que este casal se desloca por um grande percurso diariamente.

A entrevistada da família Amizade, conta-nos que sua casa é modelo C, composta por uma sala de estar, a cozinha, três dormitórios, sendo um suíte, um banheiro que atende aos outros dois dormitórios, a cozinha e uma área de serviços. Executaram a ampliação ao fundo da casa, criando uma área para a sala de jantar, na continuação da cozinha. Indicou que anseia por mais espaço, pois as crianças não tem muitos locais para brincar dentro da casa, gostaria de ter uma sala maior, para que a família e os amigos, que recebem com frequência tivessem mais conforto. Pontou também que sente-se muito segura em morar no Terra Nova e, uma das principais características é a possibilidade de ver os filhos crescerem brincando na rua, como antigamente. Segundo a entrevistada, hoje na cidade formal, não se tem essa possibilidade que o condomínio oferece. As crianças brincam na rua com segurança e tranquilidade, por estar em uma rua transversal a entrada, o trânsito é somente dos moradores da sua rua.

Os mapas produzidos pela entrevistada da família Amizade, encontram-se na próxima página, neles é possível entender o que foi dito por ela e seus principais deslocamentos pela cidade.



planta baixa residência



mapa de percurso pela cidade



mapa de percurso interno



«As crianças brincam na rua como antigamente, é muito tranquilo, não tem quase barulho, sem trânsito, os meus vizinhos são ótimos e acima de tudo, é um lugar de muita segurança»

Família Amizade.

família Amizade

6.2 Colhendo memórias

Coletar as memórias e adentrar as casas, cartografar os processos, entender as dinâmicas e permear através das entranhas íntimas dos territórios subjetivos. Não foi simples a tarefa de adentrar as casas, a percepção inicial de que para responder a um grupo de perguntas seria necessário abrir por algum tempo a intimidade da sua casa, as pessoas, muitas delas, recuaram e aqui se teve o potente ponto de ruptura e principal empecilho para dificultar a conclusão desta etapa.

Para o pesquisador cartógrafo a amostragem não tem o cunho de chegar a uma verdade absoluta, tem sim, a busca pela possibilidade de entender as dinâmicas. Diversidade de percursos, algumas semelhanças. Questões que pulsam para qualquer pessoa fora dos muros do condomínio são as mesmas que ali dentro, naquele ritornelo, organizado e diagramado de sensações. Necessidade de segurança, busca por um local para se viver limpo e ordenado foram os pontos mais citados pelos entrevistados.

O desenho dos condomínios, como vem sendo desenhado em nossa cidade, interrompendo o tecido urbano convencional, criando quarteirões isolados e grandes extensões de cercas e muros, obriga que o deslocamento das pessoas seja apenas por carros, reforçando a individualização do transporte, sobrecarregando a cidade e assim dificultando as trocas interpessoais e com a cidade.

Para que fosse possível entender, apreender o que os olhos veem é que a proposta de criar mapas foi aplicada. Junto às entrevistas foi solicitado aos moradores apontarem de forma simples seus principais trajetos pela cidade, seus marcos e caminhos e também intramuros, demarcando suas errâncias no Residencial Terra Nova.

Em conjunto com cada entrevista foi apresentado um mapa da cidade, onde a solicitação era que demarcassem os seus principais trajetos, com o intuito de vislumbrar como se dá a saída do condomínio, uma vez que este possui apenas um ponto de ligação interior - exterior. Também foi apresentada uma planta do conjunto habitacional, onde se solicitou a demarcação dos principais caminhos percorridos.

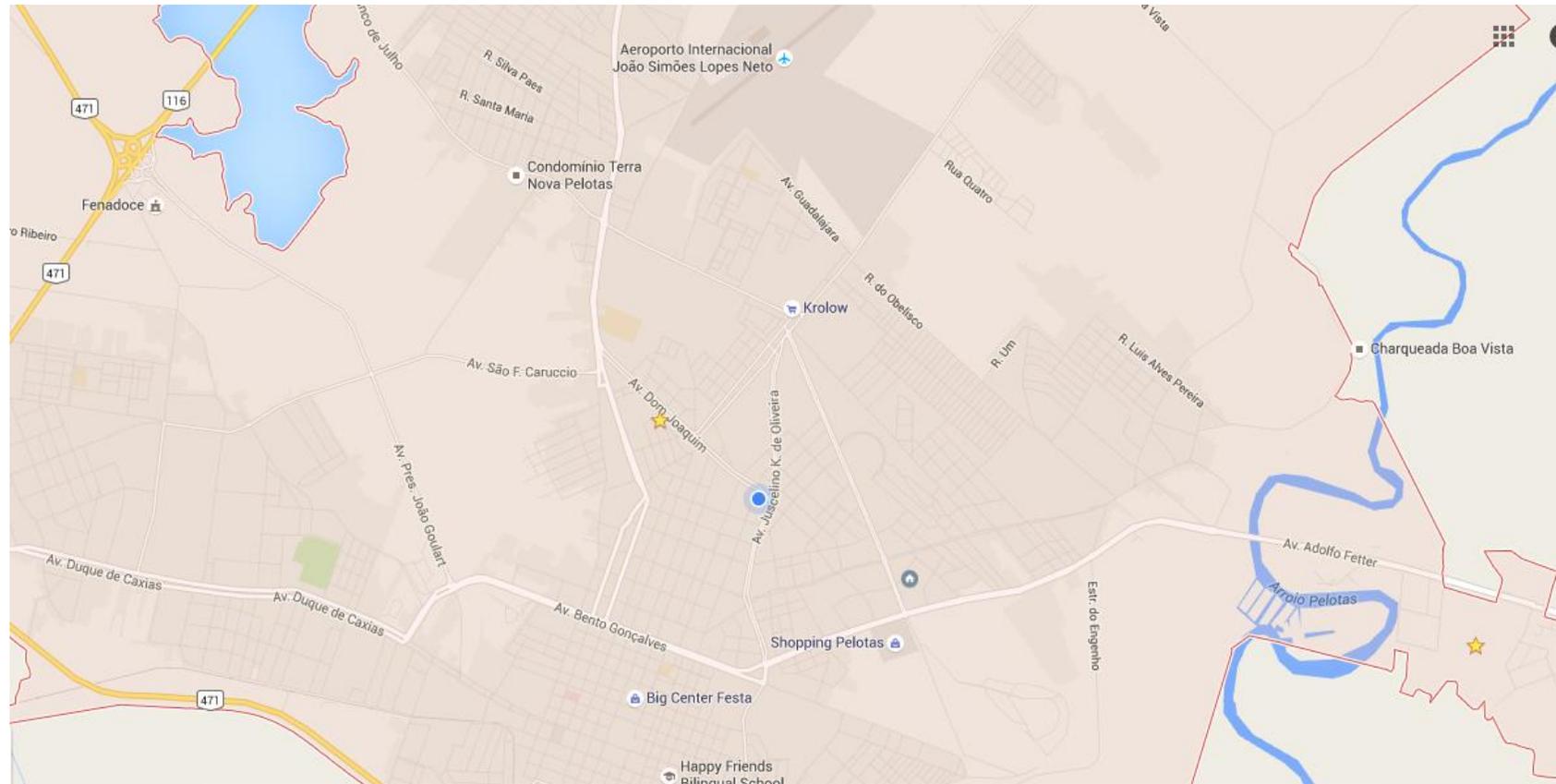


Figura 35: Recorte do Mapa da cidade de Pelotas
Fonte: Google Maps

De acordo com as respostas dos entrevistados, gerou-se um mapa para cada família, como pode ser observado nos mapas anteriormente. Após, para significar a potência desses percursos, fez-se uma sobreposição dessas linhas, buscando responder vários anseios. Viu-se que a maioria dos entrevistados mora longe dos seus locais de trabalho e/ou estudo, percorrendo diariamente longas distâncias.

E ainda, foi-lhes apresentada uma cópia de cada planta baixa original, uma vez que no projeto inicial existiam 4 modelos de casas, solicitando se conheceriam essas diferenças e qual haveriam escolhido e também o motivo desta escolha. Ainda nesta planta foi solicitado que apontassem e, se possível desenhassem as intervenções (adaptações) que haveriam feito na planta original. Para que fosse possível desta forma fosse possível mapear os percursos, os interesses e de as demandas oferecidas pelo condomínio são ou não utilizadas pelas pessoas. Viu-se assim que a maioria das pessoas percorre apenas a distância da portaria até a sua casa; só transita pelo condomínio para levar o lixo.

Os que tem crianças em casa, passeiam mais, utilizam as áreas de lazer e, enfatizam que as crianças tem a oportunidade de vivenciar uma infância muito boa, pois na tranquilidade das ruas do conjunto, estas podem brincar com segurança, comparando muitas vezes, as brincadeiras de rua que antigamente davam vida as ruas de nossa cidade. Experiência que atualmente, vemos pouco pela cidade, pelo apelo da insegurança, pela falta de incentivo por parte dos adultos, ou talvez, por culpa das crianças que preferem estar à frente da televisão ou dos jogos eletrônicos e não sabem o que é brincar na rua.



Figura 36: Entrelaçamento dos percursos íntimos
 Fonte: Desenho da autora sobre implantação original.

Como as pessoas se deslocam pela cidade, por onde transitam, de que formas se valem para desbravar os mundos de Pelotas? Anseios a serem respondidos. Quais os motivos que levam as pessoas a morar em um local tão distante de seus afazeres diários?

Ou não, escolheram morar no Terra Nova, pela facilidade de acesso as suas rotinas. Gerou-se um mapa que contém as relações das rotinas de vida dos moradores e seus percursos pela cidade, assim ao final desta etapa, foram sobrepostos os percursos indicados pelos entrevistados. Questionamento que surgiu desta imagem final: qual seria o real motivo, para que estas pessoas, diariamente percorressem tais percursos? Pessoas confinadas no mesmo espaço, percorrem o mesmo trajeto para sair de casa e, assim, se dirigir aos seus diferentes destinos. Como responder a algumas questões: infraestrutura da cidade, planejamento do sistema de vias, entendimento da necessidade de centros de bairros equipados com serviços e trabalhos mais diversos? A observação desta imagem final, traz à tona todas essas inquietações: grandes deslocamentos diários. Apenas um acesso para ir e vir, tornando os trajetos mais longos e cansativos. A necessidade de um lugar para se morar, que atenda outras necessidades que não a proximidade com as rotinas diárias, na maioria das vezes. O apelo constante ao uso do carro, pois como não há diversidade de usos na área interna e, externamente, foram apontados alguns serviços, porém distantes, fazendo com que se faça sempre necessário utilizar veículo para as mais simples tarefas do cotidiano.

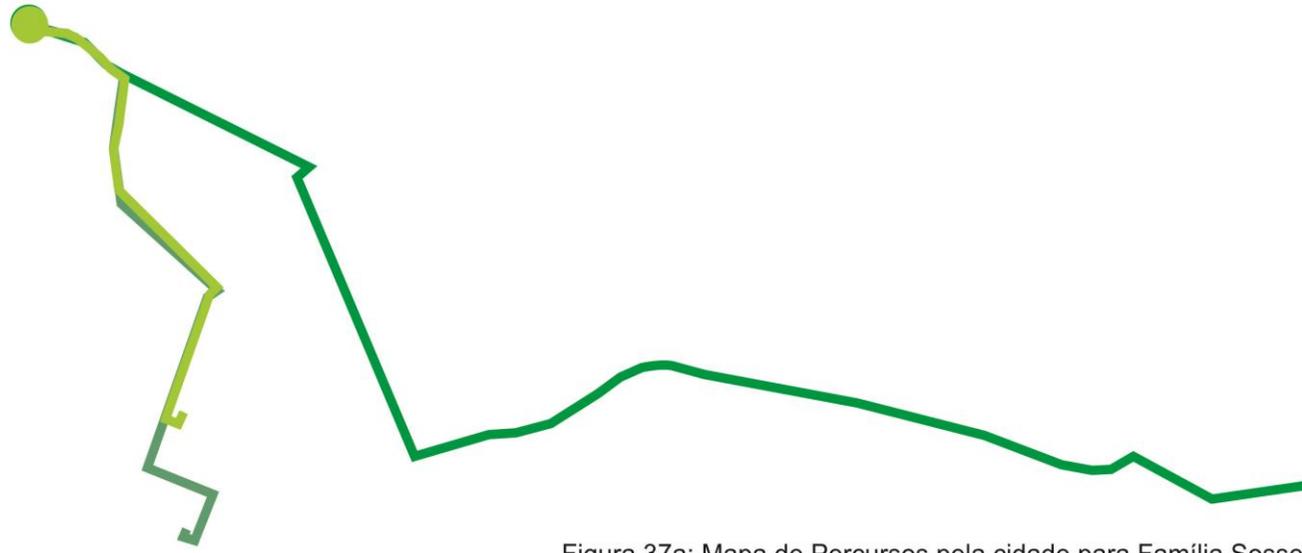


Figura 37a: Mapa de Percursos pela cidade para Família Sossego

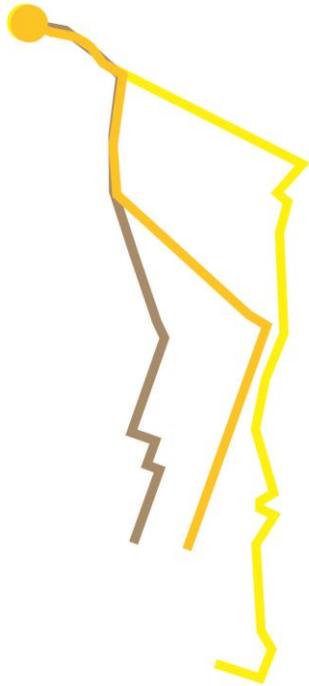


Figura 37b: Mapa de Percursos pela cidade para Família Quaresmeira



Figura 37c: Mapa de Percursos pela cidade para Família Pôr do Sol



Figura 37d: Mapa de Percursos pela cidade para Família Simplicidade

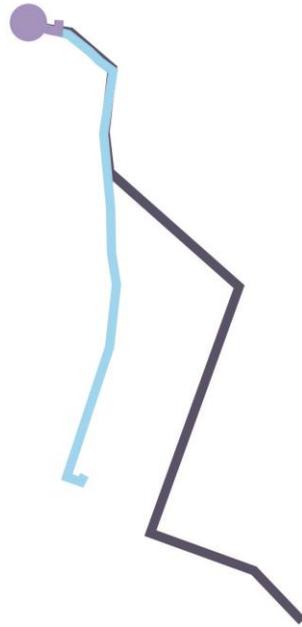


Figura 37e: Mapa de Percursos pela cidade para Família Tranquilidade

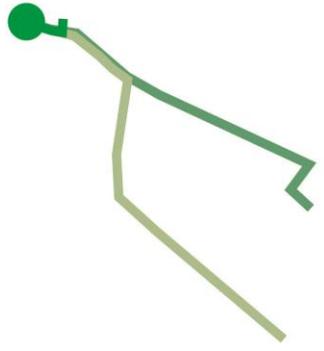


Figura 37g: Mapa de Percursos pela cidade para Família Refúgio

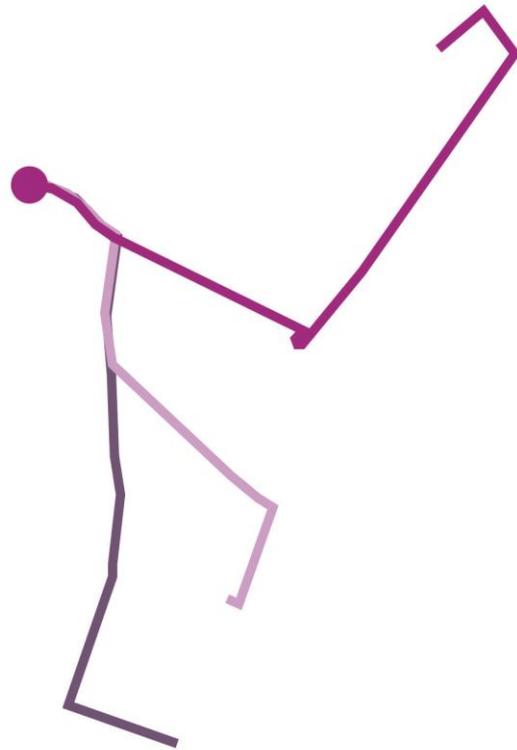


Figura 37h: Mapa de Percursos pela cidade para Família Elegante

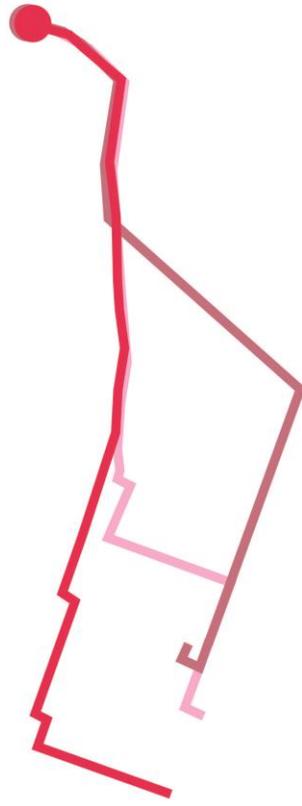
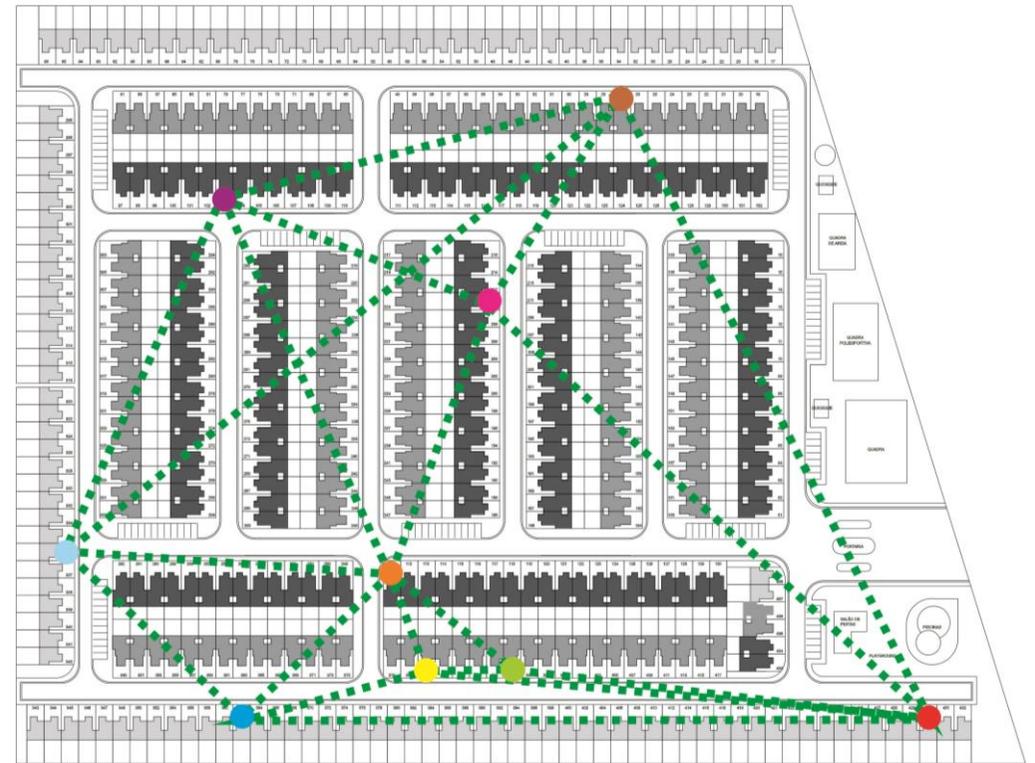


Figura 37i: Mapa de Percursos pela cidade para Família Amizade

Aproximando do complexo de sensações, adentrar na subjetividade das casas, a cartografia nos convida a adentrar no cotidiano das casas. Olhar nos olhos, atravessar as portas e contemplar a sensibilidade de identificar características, *afectos* e defeitos.

Esse foi um ponto muito complexo do trabalho, conseguir adentrar o complexo, a intimidade das casas. A sensação de ser um invasor, um estrangeiro em terra proibida foi a potência destas entrevistas. Ninguém, ninguém mesmo, permite a um

estranho adentrar a sua morada, mesmo que seja simplesmente para uma simples entrevista, que vai tomar alguns minutos de seu tempo. Dentro da sua intimidade? Muito difícil. Foram mais de quarenta tentativas, mais de quarenta contatos e, a solicitação de “você poderia responder a minha entrevista, vai auxiliar no meu trabalho de mestrado?” Até aqui perfeito, contatos via Facebook®, tranquilidade... seria muito fácil. Mas quando a conversa seguia e, as pessoas eram informadas de que seria preciso receber em sua casa, abrir as portas, permitir sentar no sofá e, com um gravador e uma câmera, fazer as tais perguntas. Mudou muita



Fonte: Desenho da autora sobre implantação original.

coisa. O desconforto dos que cederam a esta invasão, provavelmente seja o mesmo daqueles que não cederam, e deixaram este trabalho sem resposta.

Apenas nove respondentes, completaram esta missão e, tão bonita esta troca, este ritornelo que gerou, na dureza dos mapas a subjetividade das entrelinhas, dos detalhes de cada um. Aquele que recebe e mantém sempre as portas da casa aberta, que faz amizade com os vizinhos ao lado, como aquele que não sabe e não quer saber como se chama o seu vizinho, para não dar espaço. Como somos complexos, pessoas. Parece que ao permitir entrar em suas casas, cada pessoa se vê nua, despida de suas certezas e, no íntimo do seu cosmos, na sua casa, no aconchego ou não daquele espaço, se mostra realmente.

Interessante ver as respostas, *“reformei, para ampliar a casa e receber mais gente”* ou *“ampliei a sala para ter mais espaço para ficar, com mais privacidade com a minha família”*. Ou ainda *“cozinho diariamente, a cozinha me atende super bem”* ou *“detesto cozinhar, então não me afeta o tamanho da cozinha”*. Diferenças? Adaptações? Cotidiano. Território infinito de subjetividades.

Muitos dos entrevistados que cederam as respostas para que este trabalho pudesse existir, não dispuseram de tempo ou vontade para nos receber. Solicitaram, após agendar um horário para a visita, se seria possível conversarmos através da internet, não era a ideia inicial, mas devido a prazos e demais possibilidades para tornar o trabalho possível, fugindo da proposta cartográfica, tomou-se como viável essa hipótese. Uma vez que foram enviados os mapas e ainda um pedido de que ao retornar, alguma imagem de um detalhe que lhe toque em sua casa, retornasse junto as respostas.

As entrevistas foram gravadas e transcritas, foram conduzidas de maneira que as histórias, as entrelinhas pudessem transparecer. As perguntas, numa primeira etapa, era mais duras, formais e, não representavam subjetivamente o que era necessário ser dito, logo mesmas foram revistas e modificadas, para que

atendessem os anseios do trabalho, isto na etapa de qualificação do mesmo. Assim buscou-se através delas, não somente gerar respostas e mapas, mas sim adentrar de alguma forma, mesmo singela, no subjetivo de cada território.

“Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados.”

(Dele





(In)conclusões

(In)conclusões

(In)conclusões pois a cartografia pressupõe desenvolver uma atividade crítica permanente ou ainda por uma brecha de espaço tempo. É processo de subjetividade, ou seja, experiência de experimentar o que está próximo. Tem um tempo-espaço para acontecer, mas ainda assim, segue se refazendo a cada instante. É companhia constante, adere, fica na pele daqueles que se deixam tocar por seu experimento. Refletir sobre os acontecimentos que se vivenciou nesta fresta torna tudo inconcluso, pois é movimento, são corpos, percursos e *affectos*.

Para tanto esta reflexão final volta sua visão aos três planos, as três camadas, que inicialmente se propôs entender, no entrelaçamento das relações: casa, muros e cidade. Ao cruzar referencial teórico e a vida cotidiana, viu-se que algo que academicamente está inserido em nós, arquitetos e urbanista, pensadores da cidade, segue tendo sua verdade, mão nunca poderá ser absoluta. Os mapas gerados servem para dialogar, seguem sendo construídos e demolidos, conforme àqueles que se valem deles, de acordo com seus processos. A busca por informações, através dos mapas, na cartografia, não será mais forte do que o caminho percorrido para se chegar até eles, sempre se fala do processo e não apenas de um mapa, estes são a representação social do que acontece no dia a dia.

Ao observar ou desenhar cidades, nenhuma conclusão será pontual ou rápida, para a cartografia todo o acontecimento, seja construir ou demolir, tem um impacto diferente, de acordo com a adaptação que cada indivíduo. Somos seres adaptáveis. A boa ou má arquitetura é algo tão subjetivo muitas vezes que rompe os muros da academia e se adapta as necessidades da vida.

Na primeira camada – casa – se buscou entender o habitar doméstico, entender quais as motivações das pessoas que moram neste local têm para ali viver. Pertencimento subjetivo, encontro com famílias em sua maioria satisfeitas com suas casas, suas adaptações e, seu dia a dia. Como disse o poeta Vinícius de Moraes, “São casas simples, com cadeiras na calçada” cada vez que eu circulei por aquelas ruas, me vinha esse trecho da canção. Na simplicidade da vida, a tranquilidade de sentir-se abrigado. A complexidade de vidas agrupadas ali, talvez a pequena fresta que foi vislumbrada ainda seja apenas uma fresta, um ponto, um furo.

É importante que cada vez mais se busque desacomodar e aproveitar a imensidão de cenários que a cidade nos oferece para que a vida aconteça diariamente. Quase todos os entrevistados diziam-se satisfeitos com suas casas, poucos reclamaram da falta de espaço, mas que outras questões como tranquilidade e segurança, compensavam esse aperto.

E ao abrir as portas de suas casas, olhar para uma paisagem, como esses habitantes reconhecem o território – entre muros – que os cerca, como se integram, como vivem conforme os mapas pudemos perceber que muitos não se utilizam dos espaços que muito provavelmente foram fatores importantes na hora da escolha por ali morar, ou seja, poucos disseram que utilizam as áreas de esporte, a piscina, foi citada apenas por uma pessoa que ainda frisou “é ótimo, pois está sempre vazia, ninguém usa”, outra citou que gosta de abrir a janela e se deparar com a piscina na sua

paisagem. Trajeto feito por todos: levar o lixo até a portaria. Outros se valendo da segurança do local, do trânsito pouco intenso, caminham, se exercitam pelas ruas do conjunto. Aqui um detalhe, as ruas não foram pensadas para as pessoas. Foram pensadas para os carros, pois não tem espaço para as pessoas caminharem, tem somente o espaço destinado aos carros e suas rampas. Toda a circulação das pessoas é junto ao meio fio, compartilhando o espaço com os carros que circulam.

E por fim, quando cruzam os limites territoriais dos muros, como se relacionam e reconhecem a cidade. Quando saem pela cancela, vigiada, controlada, pela única fresta no muro da cidade medieval contemporânea, os moradores se enfileiram em seus carros e percorrem para seus destinos. Muitos trajetos de carro, pouco caminhar. Muitas distâncias a percorrer, muito tempo dentro dos carros. O vislumbrar a cidade fica na tentativa de buscar a via que escoe o fluxo de carros mais rapidamente e, assim faça se chegar em menos tempo aos seus destinos. E por que não morar mais perto de suas atividades? Bem, por imposição imobiliária, muitos moram no Terra Nova, pois os custos são menores e a contrapartida da segurança de se deixar a sua casa todos os dias e voltar com tudo intacto é um fator muito potente. Todos os entrevistados citaram a questão segurança, tão faltante no nossos dias, pela cidade. Outros apontam que esse deslocamento, não é um problema, pois voltar para a sua casa, passear com o cachorro e, ver s filhos brincar na rua, compensam os trajetos. Mais uma vez, vida adaptada as precariedades do dia a dia.

O objetivo que havíamos proposto lá no início deste percurso de mestrado, se cumpriu. Entrou pelas portas da universidade, uma arquiteta urbanista, vinda do mercado imobiliário, quase sem bagagem teórica, que queria entender os anseios de morar das pessoas. Sai hoje, uma cartógrafa, arquiteta, professora, urbanista e principalmente, curiosa por entender o mundo e seus cruzamentos

arquitetônicos-vivenciais. A pesquisa não se extingue aqui. A vontade por replicar esses mapas por outros pontos da cidade, por mapear as aglomerações de pessoas e saber mais e mais os seus porquês, está agora enraizada nesta pesquisadora.

A hospitalidade de que fala Derrida é potente, pois adentrar e hospedar-se, mesmo que por poucos minutos gera um desconforto, o estrangeiro que fui ao ultrapassar a cancela do Terra Nova, me remeteu ao *panóptico*, por todos os olhares que se depositaram sobre meus ombros, pelas câmeras, pelas janelas. Quem seria aquela pessoa, invadindo o território íntimo daqueles muros? Esse cenário que os condomínios fechados impõem onde tudo parece naturalmente formal e organizado, onde o aspecto de prisão, de celas organizadas, de espaços cartesianamente organizados, onde a vida não tem espaço para acontecer, onde nada parece que sai do lugar. As conexões subjetivas que se formam entre pessoas e suas casas, pessoas e muros e ainda com a cidade tornam as trocas hospitaleiras ou não. Ao entrar na sensível intimidade das casas e perceber o cotidiano dos moradores pude perceber o quanto de hospitalidade havia em cada encontro, cada encontro não se deteve apenas no recebimento e nas trocas oportunizadas pelas entrevistas. Mas neste estranhamento em se deixar levar por alguém novo, diferente, com a provocação de ser invadido e permitir esse ato. Ou não permitir, pois tantos não permitiram que esse evento acontecesse – antagonismo da hospitalidade: hostilidade, incapacidade de se abrir ao desconhecido. Potência da contemporaneidade, essa incapacidade de troca, de receber, olhar para o lado e perceber que existe outro, com suas necessidades e carências.



O ritornelo invólucro de paredes, muros e cidade. Estranho pensar que para nos sentirmos aconchegados, tranquilos, sossegados e contemplar o pôr do sol, a piscina ou a pequena

Quaresmeira são necessárias tantas caixas-refúgio para nos conter. A subjetividade que assim vive, está abrigada nas paredes de concreto, nos muros que cercam as cercas do Ritornelo. Ainda que os limites dos muros do condomínio estejam visíveis, os limites subjetivos extrapolam esses muros. Nesse ritornelo, nesse percurso de sair, modificar e voltar ficou marcado pelas linhas traçadas no mapa de percursos, onde as sobreposições desses caminhos percorridos. Gerou-se uma imagem onde, o Terra Nova é o território de onde partem e retornam os indivíduos e, neste percurso se espalham pela cidade. Na construção destes mapas, onde agora, limpos do mapa da cidade, foram indicados os principais deslocamentos de cada indivíduo, assim, pode-se visualizar quais as formas de contato com a cidade que estes indivíduos intramuros tem com a cidade.

Os entrevistados foram muito objetivos ao apontar seus deslocamentos. No mapa acima, vale observar que todos se deslocam pela mesma via, um único acesso para chegadas e saídas, causando assim, um sufocamento das vias de transporte. Em sua maioria, os deslocamentos são feitos de carro, uma vez que a saída dos muros, por vezes, dependendo da localização da unidade pode ser um longo trajeto até a portaria, apenas uns poucos serviços são utilizados no entorno do condomínio, dentro do bairro que eles moram. Essa falta de contato com o entorno, esse ilhar-se dentro da cidade é um dos grandes males dos conjuntos residenciais fechados geram em nossas cidades. Geram desigualdade, geram castas, criam cidades medievais ou pior que isto, pois nem serviços primários para atender as pessoas, essas ilhas possuem. Dividem a cidade em nichos fazendo com que cada vez mais o contato com o outro seja menor e por isso a intolerância e o diálogo cada vez mais escasso.

Os espaços circundados, criados pelos condomínios fechados são os novos subúrbios, onde as pessoas se deslocam em busca de tranquilidade, organização e na busca estética por um cenário mais aprazível e, passam a maior parte de seu dia se deslocando para cumprir suas atividades diárias.

O resultado principal que este trabalho anseia produzir é um pensamento arquitetônico-urbanístico que se volte para as pessoas, ou seja, onde o sentido de produzir arquitetura não esteja no espaço – da cidade ou na própria arquitetura, mas sim nas pessoas, nas suas ligações afetivas, e suas relações com o que as cerca.

Chegar à uma forma de projetar, de pensar arquitetura de uma maneira mais abstrata, sem perderem tudo o que é concreto no ato de morar. Seja uma casa com apenas quartos, pois ali vivem somente pessoas que necessitam apenas desta casa para dormir, ou uma casa italiana, com uma cozinha e uma sala conjuntas, pois tudo se resolve à volta do fogão, isso precisa estar no DNA dos arquitetos. Uma casa não é um somatório de linhas, com lugares estabelecidos, que depois viram tijolos e areia e pronto está feito. Não é somente o cenário para preencher as páginas das revistas, para que tenha sentido é preciso de gente. Uma casa é feita de vida! É preciso que alguém habite, deixe os sapatos na entrada, a cama desarrumada, molhe as plantas, perfume todos os cômodos com o cheiro do café passando. É necessário que se pense que alguém vai dormir e acordar ali, que as paredes vão segurar quadros e memórias, que cada casa tem e terá a sua identidade e história.



Figura 41: Recorte na paisagem.
Fonte: Imagem da autora

Voltando um pouco no tempo, a tão atual Jane Jacobs (JACOBS, 2000) foca a sua crítica aos pensadores, arquitetos e planejadores do desenho urbano, aqueles que seguem suas crenças e não desprezam conscientemente a importância de conhecer o funcionamento das coisas. A peça chave está em conhecer o funcionamento das coisas, conhecer o que se quer não construir e sim contribuir seria o termo correto.

É potente a necessidade de preocupação com a morfologia espontânea da cidade. A cidade não pode viver circundada por muros. A sua função é propiciar as pessoas espaços para a vida se desenvolver, mas cada pessoa tem o dever de ser protagonista desta cidade, de ser parte das lições aprendidas neste imenso laboratório de erros e acertos. Que só existe, pois a cidade não para de se transformar, não para de se refazer e desfazer. Onde hoje se criam quarteirões inteiros murados, o pedestre não tem motivos para circular, fazendo com que a rua esteja deserta, gerando assim o desconforto de se andar nas ruas da cidade, abrindo espaço para o que é inseguro.

As mudanças ocorrem infinitamente, muitas vezes sem regras pré-estabelecidas. A forma de morar e de viver vai sendo refeita a cada dia; a casa até o século XVIII era um espaço indiferenciado. Existiam peças: nelas se dormia, se comia, se recebia, pouco importava. Depois, pouco a pouco o espaço foi se especificando e tornam-se funcional.

O espaço será conceituado sistema de barreiras e permeabilidades que interfere em nossos movimentos sobre o chão. A 'sociedade' será sistema de encontros interpessoais. Importa quem se encontra com quem, para fazer o que, quando e onde. A relação espaço x sociedade será entre dois sistemas, sem propormos que o espaço e sociedade sejam exclusivamente isto. (Holanda, 2003, p. 14)

O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente, deve sim ser um espaço capaz de ser mensurado, refletido e útil. Capaz de ser um espaço vívido. Deve a imaginação estar descrita no modo de morar que cada um possui, diferente, autêntico e único, assim como a identidade.

Assim sendo, o que se propõe aqui é levar as pessoas a (re)descobrir novas formas de olhar e apreciar seu lugar, uma maneira de estimular entre os mesmos atitudes que contribuam para o seu desenvolvimento de forma sustentável é tarefa fundamental de todos aqueles que pretendem tecnicamente intervir na cidade, pois, somente assim, tem-se a real oportunidade de ações e responsabilidades compartilhadas, valores que devem ser cada vez mais assumidos pelos profissionais contemporâneos, frente às novas perspectivas colocadas pelo contexto atual.

Cada célula de morar é capaz de gerar e gestar seus cenários e itinerários particulares. E esta diversidade de individualidades é o que forma a sociedade. A expectativa é pensar arquitetura de uma maneira mais abstrata como a filosofia, sem perdem tudo o que é concreto no ato de morar. Ou seja, precisamos sair das pranchetas e pensar a cidade, pensar a arquitetura como algo que faz parte de nós, pois assim está. Precisamos correr os riscos de criar o que é diferente, de criar o que as pessoas necessitam.

Em síntese o que se buscou foi entender as relações pessoa-ambiente como subsídio para a prática projetual.

Esta proposta de investigação tem como objeto um projeto da arquitetura contemporânea local e seu objetivo é avaliar em que medida estes projetos de fato atendem aos princípios de uma boa arquitetura, no que concerne aos aspectos formais, funcionais, tecnológicos e paisagísticos, considerados segundo o meio físico e sociocultural em que estão inseridos. Para atingir tal objetivo, uma amostra desta produção será avaliada sob a ótica dos usuários dos ambientes construídos.

Não somos um aglomerado de seres humanos apenas, somos pessoas com anseios e necessidades diferentes, somos famílias diferentes, temos novas concepções de família, antes até, não aceitas pelos padrões da sociedade, mas que hoje não podemos mais dizer que não existem. Vivemos diferentemente, moramos diferentemente, então por que produzir uma arquitetura sempre igual, uma cidade sempre igual? Por que buscar a monotonia imposta pelos conjuntos habitacionais? Por que morar em casas, sempre iguais?

A estas indagações tão pulsantes em mim, a partir de minhas bagagens, bem como de encontro as referências que busquei para responder aos meus questionamentos e, melhor entender a cidades, através das pessoas e suas formas de morar, me deparei com os muros.

Os muros não só do condomínio, não somente das pessoas que não me receberam em suas casas, mas com um muro imperceptível que, nas minhas indagações parecia não existir por motivos óbvios para minha ignorância. Mas a cartografia, nos transforma, nos provoca a ultrapassar nossos próprios muros e, assim perceber que o que academicamente pareceu-me errôneo, essa cidade medieval contemporânea é para muitas pessoas o aconchego de um lar, é o seu cosmos, seu espaço neste mundo tão absurdo que vivemos na contemporaneidade.

O meu espanto, minha bandeira erguida para que não mais existam essas formas de construção em nossa cidade de Pelotas, teve a mesma pretensão, a mesma cegueira que eu vinha questionar no início. Tanto falou-se nas pessoas e, somente elas puderam derrubar os referenciais teóricos, que dizem veementemente que não se pode criar desta forma, mas provavelmente assim como esta arquiteta, urbanista, hoje cartógrafa, precisem sair detrás das telas dos computadores, precisem sair do aconchego dos escritórios bem decorados e, bater as portas, ouvir as pessoas e, entender o que

elas realmente anseiam para as suas formas de morar. Sensibilidade, esta palavra precisa estar na ponta dos nosso lápis, ao primeiro rabisco nos papéis.

Sempre tive uma ligação poética com as cidades em que vivi. Aliás, hoje eu diria que um arquiteto deve trabalhar tão próximo de um filósofo – ou de um poeta – quanto de um engenheiro. As soluções são mais criativas do que técnicas, sem detrimento para cálculos e estruturas. O bom arquiteto é aquele que tenta traduzir em imagens a beleza da poesia no caso, concreta, sem duplo sentido) e o pensamento condensado de um filósofo sobre conforto e vida prática. Devemos saber buscar a sensibilidade dos artistas, que têm uma epiderme especial e conseguem sentir a sociedade antes. (LERNER, 2011, p. 22)

O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente, deve sim ser um espaço capaz de ser mensurado, refletido e útil. Capaz de ser um espaço vívido. Deve a imaginação estar descrita no modo de morar que cada um possui, diferente, autêntico e único, assim como a identidade.

A casa sonhada deve ser tudo: uma moradia, um ninho, um cosmos, uma roupa. A casa é um estado de alma, como comprovam os testes psicológicos: quando a criança desenha a fumaça saindo da chaminé, é que existe calor em seu interior. Quando a casa é feliz, a fumaça brinca acima do telhado. Se a criança é infeliz, a casa traz a marca das angustias do desenhista: as construções são estreitas, frias e fechadas. Elas trazem a marca da rigidez e da imobilidade. As árvores ao redor são retas – estão vigiando a casa. Uma casa viva não é imóvel: existe um movimento no caminho que conduz à porta.

É preciso retornar a jiboia do Pequeno Príncipe e projetar como alguém que é capaz de ver além da moldura. Alguém que entende que dentro de uma jiboia existe um elefante e, não somente ver a capa exterior, ver somente o chapéu que muitas vezes, a vida nos apresenta.

Desta forma devem criar os arquitetos, na certeza de não ser o protagonista da vida, mas sim àquele que monta o cenário para que a vida aconteça. Àquele que coloca as prateleiras, para que a vida se encarregue de guardar ali seus livros.





Bibliografia

Livros

- ABBATE, Florencia. **Gilles Deleuze para principiantes**. Buenos Aires: Era Naciente, 2013.
- ACSELRAD, Henri [org.]. **A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas públicas**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- AGANBEM, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007
- AGANBEM, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Unochapecó, 2009.
- AGANBEM, Giorgio. **A potência do pensamento – Ensaios e Conferências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
- AGUIAR, Douglas Vieira de. **Alma espacial: o corpo e o movimento na arquitetura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.
- AMANN ALCOCCER, Atxu; **El Espácio Doméstico: la mujer e la casa**. Buenos Aires: Nobuco, 2011.
- AMORÉ, Caio Santo; SHIMBO, Lúcia Zanin; RUFINO, Maria Beatriz. [org.]. **Minha casa... e a cidade?** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.
- ARAÚJO, Rosane de Azevedo. **A cidade sou eu**. Rio de Janeiro: Novamente, 2011.
- ASCHER, François. **Os novos princípios do urbanismo**. São Paulo, Romano Guerra, 2010.
- AUGÉ, Marc. **Não lugares**. Campinas: Papyrus, 2012.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- BASFAO, Kacem. **Arquitetura e Civilização. Tradição e Modernidade no Magrebe**. Lisboa: Estampa, 1991.

- BRANDÃO, Carlos Antônio. **Território e desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços domésticos**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- CAMPOS FILHO, Candido Malta. **Reinvente seu bairro: caminhos para você participar do planejamento de sua cidade**. São Paulo: Editora 34, 2003.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CHING, Fancis D. K. **Arquitetura: forma, espaço e ordem**. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAMIANI, Amélia Luisa. A crise da cidade: os termos da urbanização. In: DAMIANI, Amélia Luisa [org.]. O espaço no fim de século. A nova raridade. São Paulo: Editora Contexto, 1999.
- DEL RIO, Vicente. **Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento**. São Paulo: Pini. 1990.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, volume 1**. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, volume 2**. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, volume 4**. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2004.
- DERRIDA, Jacques e DUFOURMANTELLE, Anne. **Da Hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.
- DERRIDA, Jacques. **Papel – máquina**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- DIEZ TETAMANTI, Juan Manuel; ESCUDERO, Beatriz [org.]. **Cartografia social. Investigación e intervención desde las ciencias sociales, métodos y experiencias de aplicación**. Comodoro Rivadavia: Universitaria de la Patagonia, 2012.

- EHMANN, Sven; BORGES, Sofia. **Our house in the city – new urban homes and architecture**. Berlim: Editora Gestalten, 2014.
- EXUPERY, Saint. **Cidadela**. Barcarena, Portugal: Presença, 1996.
- EXUPERY, Saint. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- FRENCH, Hilary. **Os mais importantes conjuntos habitacionais do século XX**. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- FUÃO, Fernando Freitas. A hospitalidade na arquitetura. In: ROCHA, Eduardo; BARROS, Carolina Mendonça; KUHLOFF, Ivan [orgs.]. **[Entre] Cruzamentos: ensaios sobre a cidade na contemporaneidade**. Pelotas: Ed. Universitária Ufpel, 2013.
- GALLAGHER, Winifred. **House thinking: a room-by-room look at how we live**. New York: HarperCollins Publishers, 2007,
- GHIRARDO, Diane Yvonne. **Arquitetura contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica – Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GUATELLI, Igor. **Arquitetura dos entre-lugares: sobre a importância do trabalho conceitual**. São Paulo: Editora Senac, 2012.
- GAUSA, Manuel; GUALLART, Vicente, MÜLLER, Willy [orgs.]. **Diccionario Metápolis Arquitectura Avanzada**. Barcelona: Actar, 2013
- GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- HALL, Peter. **Cidades do amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos do século XX**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- HERMETO, Carla; MARTINS, Ana Luisa [tradução]. **O livro da psicologia**. São Paulo: Globo, 2012.
- HOLANDA, Frederico [org.]. **Arquitetura e urbanidade**. São Paulo: Pro Editores, 2003.
- HOLANDA, Frederico [org.]. **Urbanidades**. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- KIM, Douglas [tradução]. **O livro da filosofia**. São Paulo: Globo, 2011.
- KOOLHAAS, Rem. **Três textos sobre a cidade**. Barcelona: Gustavo Gilli, 2010.
- KOOLHAAS, Rem. **La ciudad genérica**. Barcelona: Gustavo Gilli, 2011.
- LACAZE, Jean Paul. **Os métodos do urbanismo**. Campinas: Papirus, 1993.
- LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- LERNER, Jaime. **O que é ser urbanista (ou arquiteto de cidades)**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- LINCH, Kevin. **A boa forma da cidade**. Lisboa: Edições 70, 2010
- LINCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- MAGALHÃES, Sérgio. **Sobre a cidade: habitação e democracia no Rio de Janeiro**. São Paulo: Pro Editores, 2002.
- MARICATO, Ermínia. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias. In: ARANTES, Otília, VAINER, Carlos B., MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único. Desmanchando consensos**. Petrópolis: Ed. Vozes. 2000.
- MONTANER, Josep Maria. MUXI, Zaida. FALAGÁN, David H. **Herramientas para habitar el presente – La vivienda Del siglo XXI**. Barcelona: Máster Laboratorio de la vivienda del siglo XXI, 2010.
- MONTANER, Josep Maria. MUXI, Zaida. **Arquitectura y política: ensayos para mundos alternativos**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2014.
- MONTANER, Josep Maria. **Arquitectura e crítica na América Latina**. São Paulo: Romano Guerra, 2014.
- MONTANER, Josep Maria. **Del diagrama a las experiencias, hacia una arquitectura de la acción**. Barcelona: Gustavo Gilli, 2015.
- NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965 – 1995**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- NETTO, Vinicius M. **Cidade & Sociedade: as tramas da prática e seus espaços**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

- OREGGIONI, Luis: **Viviendo vivienda**. Montevideo: Mastergraf, 2010.
- PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia, ESCÓSSIA, Liliana da. [orgs.]. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção da subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia, TEDESCO, Sílvia [orgs.]. **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- PULS, Maurício Mattos. **Arquitetura e Filosofia**. São Paulo: Annablume, 2006.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2ª edição. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.
- ROWE, Colin; KOETTER, Fred. **Collage city**. Massachusetts: The Mit Press-id, 1984
- SOLIS, Dirce Eleonora. **Desconstrução e arquitetura, uma abordagem a partir de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: Uapê, 2009.
- SOLIS, Dirce Eleonora, FUÃO, Fernando Freitas [org.]. **Derrida e arquitetura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- SOUZA, Marcelo Lopes. **Mudar a Cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- SYKES, A. Kirska (org.). **O campo ampliado da arquitetura: antologia teórica 1993- 2009**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- TAMAKI, Teru. **Sujeito – objeto na arquitetura**. São Paulo: Editora Parma: 1997.
- TSCHUMI, B. **Even-cities 3**. Concept vs. Context VS. Content. Cambridge, Massachussets: MIT Press, 2004.
- VENTURI, Robert. **Complexidade e contradição em arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, Willian Seba Mallmann; ALVAREZ, José Maurício. **Vida urbana: a evolução do cotidiano da cidade brasileira**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- ZABALBEASCOA, Anatxu. **Tudo sobre a casa**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2013.
- ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZONNO, Fabíola do Valle. Lugares complexos, poéticas da complexidade: entre arquitetura, arte e paisagem. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

Vídeos

BOTTON, Alain. **Arquitetura da felicidade – Vida Simples**. Editora Abril, 2008.

Teses e dissertações

CARRASCO, André de Oliveira Torres. **Os Limites da Arquitetura, do Urbanismo e do Planejamento Urbano em um contexto de modernização retardatária. As particularidades desse impasse no caso brasileiro**. FAU – USP. São Paulo, 2011

MEDVEDOVSKI, Nirce. **A Vida sem Condomínio: Configuração e serviços públicos urbanos em Conjuntos Habitacionais de interesse Social**. FAU – USP. São Paulo, 1998

ROCHA, Eduardo. **Arquiteturas do Abandono [ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e da arte]**. PROPAR – UFRGS. Porto Alegre, 2010.

Artigos

DERRIDA, J. **Uma arquitetura onde o desejo pode morar**. Entrevista a Eva Meyer. In: NESBITT, K. (Org.). Uma Nova agenda para a arquitetura. São Paulo: Cosac Naify, 2006. P. 166.

DUARTE, Rosália. Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o campo o trabalho de campo. Rio de Janeiro: PUC/RJ: 2002. P. 139-154.

HEIDEGGER, M. **Construir, habitar, pensar**. [1951]. In: _____ Ensaios e conferências. Petrópolis: Vozes, 2002. P. 125-141.

MANSANO, Sandra Regina Vargas. **Sujeito, Subjetividade e modos de subjetivação contemporânea**. São Paulo: UNESP, 2009. P.109 – 125.

TSCHUMI, B. **Arquitetura e limites II** [1981]. In: NESBITT, K. Uma nova agenda para a arquitetura – antologia teórica 1965-95. São Paulo: Cosac Naify, 2006. P. 177-182.

Web

BAUMAN, Zygmund. Amor líquido em < https://www.youtube.com/watch?v=1Ud_3NMeY_E > acesso em maio de 2014.

BAUMAN, Zygmund. Fonteyras do pensamento, 2000

<https://www.youtube.com/results?search_query=fonteyras+do+pensamento+zygmund+bauman> acesso em julho de 2014.

DELEUZE, Gilles o Abecedário <https://www.youtube.com/watch?v=Q_f_Vc3oWJg&list=PL034389432AF168DB> acesso em abril de 2014.

FUÃO, Fernando de Freitas. O Sentido do espaço em <
<http://www.blogger.com/blogger.g?blogID=3564966719981596425#sdfootnote1sym> > acesso em dezembro de 2013

<http://www.iconoclasistas.net/> acesso em março 2015

http://www.amigosdepelotas.com.br/blog/como_preuiu_joseane_almeida_sem_infraestrutura_residenciais_do_minha_casa_foram_tomados_pela_marginalidade acesso em maio de 2015

<http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/224/modernas-referencias-bairro-habitacional-desenhado-pela-jirau-arquitetura-em-273187-1.aspx>





Anexos



Entrevista Piloto – *Família Sossego*¹⁰

Realizada em Agosto de 2015

Uma terça-feira, tarde fria e com pouco sol.

Carolina - Eu tenho três blocos de perguntas é um bloco cidade, um bloco condomínio e outro bloco casa. Onde morava antes de vir para Terra Nova?

Família Sossego - Laranjal

C - Laranjal, beleza.

Quantas pessoas moram na casa

FS – Três. Eu, meu marido e nosso filho.

C - Sabe me dizer quais os principais deslocamentos de vocês hoje? (trabalho escola)

FS - É trabalho do meu marido e no momento centro, médico, essas coisas assim.

C - E como é que é?

FS - São demorados

C - Tá e é carro, a pé...?

FS - É de carro. Sempre de carro.

C - Tá, vou te pedir isso no final, pra marcar mais ou menos esses percursos num mapinha que aí a gente passa pelas perguntas.

Num segundo bloco, porque vocês escolheram Terra Nova para morar?

FS - Primeiro pela segurança de ser condomínio e pelas condições financeiras também.

C - Uma pergunta mais, você precisaram, vocês usaram o subsídio de governo?

FS - Usamos.

C - Aqui dentro do condomínio você tem algumas formas de lazer? Vocês usam alguma coisa, quadra, piscina?

FS - Muito pouco, muito pouco. Não sei se tem...

C - Teria alguma coisa que ah se tivesse tal coisa eu ia usar ou não? Gostaria que tivesse alguma coisa mais específica?

FS - Não. Acredito que agora eu vá usar mais o parquinho né.

C - Maravilha! Tá me diz pontos positivos de morar aqui?

FS - Pontos positivos: eu vejo a segurança que eu acho que é o principal. Eu vejo a parte de lazer também.

C - Ok. Pontos negativos?

FS - Pontos negativos...

¹⁰ Família Sossego foi a denominação dada ao primeiro respondente, de acordo com suas respostas. Assim, adotou-se nas demais entrevistas, denominar as famílias destacando alguma palavra que elas utilizaram para definir o lugar onde moram. A Família Sossego é composta por um casal jovem com um bebê de quase 6 meses. Quem respondeu as questões foi a esposa, por volta de seus 30 anos, juntamente com o seu bebê.

C - Tem?

FS - Tem. Eu acho pelas casas muito próximas que às vezes não se tem, digamos, privacidade. (choro de bebê). Mais pelo barulho assim que às vezes dá pra escutar.

C - Tem algum serviço aqui dentro do condomínio? Essas coisas tipo costureiras, pão...

FS - Tem a minha depiladora é aqui.

C - Tem depilação?

FS - É a que eu me depilo aqui, manicure também, ela vem em casa

C - Que são coisas que não aparecem né?

FS - É, não. E não poderia ter. A gente sabe de boca a boca.

C - Tá. Depois vamos para o outro mapa. No bloco casa então o que tu vê da tua janela? E o que tu gostaria de ver da sua janela? Pode ser coisas bem subjetivas não precisa ser...

FS - Ah eu vejo a rua e, na frente tem a casa, já, do vizinho. Eu vejo pouco movimento, que isso me agrada, foi um dos motivos da gente ter escolhido mais no final assim, não são próximo da entrada. E eu tô satisfeita com o que eu vejo, assim, porque, claro que eu poderia ver verdes, essas coisas mas isso não me incomoda de não ter.

C - Como é que é a sua relação com a vizinhança próxima?

FS - Não tem relação (risos).

C - Não tem relação porquê?

FS - Ai, uma porque eu trabalhava, eu saia cedo, sempre saí cedo e voltava tarde. A única pessoa que eu conhecia melhor era a minha vizinha de porta, que se mudou.

E aí, agora eu não conheço o vizinho que veio. Eu não tenho costume de interagir muito, conheço só a depiladora, mas porque eu vou lá na casa dela me depilar e só.

Mas de amizade não tem. Isso porque tu tá perguntando pra mim pois se fosse perguntar para o Sr. Sossego (risos) ia ser totalmente diferente. Tu sabe.

C - Ele já fez amizade com todo condomínio?

FS - Já

C - Sim subsíndico

FS - É!

C - Era isso Senhora Sossego, agora só preciso que tu apontes umas coisas pra mim nos mapas.

FS - É bem rapidinho né?

C - Assim, aqui a gente tem um mapa geral, tá? Que aí que seriam os percursos Mas tu pode até me dizer pois esse aqui está. Já vi que isso é uma coisa, como essa aqui é um piloto já vi que é que eu vou ter vou precisar aumentar. Vocês estão, tu consegue te localizar?

FS - Não. Nem ideia.

C - Vocês estão aqui é Avenida Bento, o Pelotas, aqui é Catedral a gente está nesse buraco aqui, nesse aqui, desculpa, aqui é o Terra Nova. Como é que é os percursos de vocês?

FS - A gente sai e usa a Fernando Osório, pela 25, Fernando Osório, Dom Joaquim, aí Andrade Neves, eu não sei se é Andrade Neves, aquela que passa na frente do, do cinquentão? A Deodoro aí de lá a gente vai para o destino do centro assim, que o Guilherme vai pro escritório que ali na Félix. Eu no momento dali eu vou pro consultório da Andreia. Na Osório e pro Laranjal. É que daí eu pego reto a 25 e vou por aquela rua ali do Maxi passa lá pelo Krolow sabe?

C - Sei.

FS - Pego da Domingos de Almeida

Aqui e lá. Que tá aqui o Laranjal

Depois, porque que eu pedi pra tu me dizer isso? Depois eu vou juntar todos os mapas pra entender bom todo mundo sai daqui e tem que sair pelo mesmo, pela mesma saída, só tem uma saída né?

FS - Só

C - Tá e aí pra onde vai esse povo? Pra quê lugares da cidade vai esse povo? Tá, aí, aqui é o mapa do condomínio. A tua casa é essa aqui né, 371 certo?

FS - É.

C - Tá saindo daqui que tu faz aqui dentro?

FS - Por onde que eu vou? De carro?

C - Não tu vai na depiladora por onde tu vai?

FS - Eu vou sempre reto.

C - Aqui reto?

FS - Aonde que a entrada?

C - Aqui ó, aqui é a portaria.

FS - Aqui é o final do condomínio?

C - Isso.

FS - Eu venho pra cá ó. Ela é assim na entrada.

C - Tá então é isso aqui?

FS - Isso.

C - Beleza. Tá e se tu precisa colocar o lixo na rua?

FS - Aí eu faço esse mesmo caminho, aqui e vou pra cá que aqui que o é do lado do, aqui é a quadra né? É por aqui

C - Isso? É isso que tu faz aqui dentro? Em geral?

FS - É, em geral é. As vezes eu dou uma voltinha aí eu faço ou isso aqui, de carrinho com ele, ou isso aqui

C - Com o bebê.

Agora eu tenho quatro modelos aqui. Essas, essas são as plantas originais que eram as plantas de vendas. Tu sabe me dizer qual das 4 é a tua casa?

FS - É a B2 eu acho

C - É essa aqui? Entra tem uma sala, entra essa aqui tá rebatida, no caso da tua entra é a sala o banheiro aqui, a suíte o outro quarto que também tem um espacinho aqui

FS - Isso aí. É essa aí.

C - Tá, da planta original, quais as modificações que, claro, essa é a planta de vendas isso aqui não existia?

FS - Não, isso não existia.

C - Tá. Dessa planta original, quais as ...?

FS - A gente só fechou a entrada da cozinha, da sala pra cozinha que eu não sei ainda localizar onde que ... aqui ó

Isso. Mantivemos outra porta lá.

C - Tá isso aqui do fundo vocês fizeram não é?

FS - É, a gente fez isso.

C - Como esse? Tem um dente maior aqui?

FS - É tem um dente.

C - Ficou espaço aqui?

FS - Ficou exatamente como era o padrão.

C - Tá e aqui ficou a churrasqueira? Tá feito.

FS - Só isso é?

C - Vocês mantêm isso: um quarto do casal aqui?

FS - Isso.

C - Aqui é o quarto do bebê?

FS - Isso. E aqui seria o closet, nós fizemos um escritório.

C - Tá bem. Pronto.



Família Quaresmeira

C - Sim

Entrevista 2 - Família Quaresmeira¹¹

Realizada em Abril de 2016

Uma quarta-feira, tarde quente e chuvosa.

Carolina - Então senhor Quaresmeira gostaria que sua casa tivesse alguma diferença das demais? Assim de forma, como seria? E já existe alguma modificação? Pensando nessas modificações o senhor consegue me dizer qual é a sua planta inicial e quais as modificações que vocês precisaram fazer?

Família Quaresmeira 1 - A nossa casa é modelo B2, que ela é dois quartos, duas suítes. A gente escolheu essa por que acho que foi a melhor se acomodava em função dos filhos terem alçado voo.

FQ1 - Então a gente adaptou, entendemos que os quartos seriam suficientes para nós, mas o que nos motivou muito a vir para cá também foi a forma ajeitadinha da casa, digamos assim, né? Eu confesso que a primeira vez que vim em 2008, quando lançaram o projeto, em janeiro de 2008, eu gostei muito, eu fiquei apaixonado e foi também pela parte de ampliação que poderia ser feita no fundo, que é o que todo mundo chama de uma varanda e onde nós ampliamos essa varanda, colocamos aqui aquelas coisas que a gente... Bom, a gente vive aqui, dentro desta varanda praticamente. É aqui que a gente passa a maior parte do tempo da nossa vida, do dia e deixa a sala para eventualmente alguma visita.

¹¹ Família Quaresmeira foi a denominação dada ao respondente número 2. A Família Quaresmeira é composta por um casal, com idades entre 65 e 70 anos, cujos filhos, já adultos, não moram mais com eles. Os nomes são fictícios, também relacionados ao nome dado a cada família, para que a privacidade seja preservada. Esta entrevista foi cedida pelo marido, que também é o síndico do condomínio, com algumas intervenções da esposa. Por isso as respostas do Senhor Quaresmeira são as definidas como "Família Quaresmeira 1" e as inserções da Senhora Quaresmeira ficaram como "Família Quaresmeira 2", também foram colocadas em cores diferentes, então para o respondente "FQ1" o texto está em preto e para a respondente "FQ2" o texto está em verde.

C - Qual a sensação de caminhar pelo condomínio? É possível que o senhor aponte neste mapa para mim quais os principais trajetos que o senhor efetua por aí?

(risos)

FQ2 - Tu vai responder como síndico ou como morador? Hein? Como síndico não deixa de caminhar

FQ1 - É, o condomínio ele tem uma peculiaridade, né? Ih a gente percebe pelas pessoas que elas vieram pela questão de ele ser um condomínio fechado, né?

FQ2 - Segurança.

FQ1 - Segurança. E a gente consegue realmente ter um controle efetivo dos limites e para que essa segurança, ela se materialize, enfim, eu ando por todo o condomínio, mas a grande vantagem do condomínio é que tu tem 1 km de entorno onde tu pode caminhar. Então é a facilidade de tu caminhar, é a disponibilidade de algumas árvores, enfim, flores. Quaresmeira a gente tem muito aqui, então isso traz um pouco de beleza ao condomínio, traz um pouco de colorido ao condomínio, mas a gente caminha por todo o condomínio, mas principalmente pelo entorno que dá 1 km, que é aquela caminhada básica.

C – Senhor Quaresmeira, o senhor costuma ir ao centro da cidade, com que frequência e quais os seus lugares assim, saindo do Terra Nova, como é que se desloca?

FQ1 - Saindo do Terra Nova é basicamente para resolver assuntos do condomínio, ou fazer compras para o condomínio, ou alguma reunião na Fuhro Souto, ou consulta médica ou ao shopping, ao supermercado, buscar os meninos no colégio na terça-feira, enfim, hoje tá um pouco complicado porque, essa região aqui da Santa Terezinha e das Três Vendas, ela recebeu muitos empreendimentos imobiliários, então a hoje, a trafegabilidade está um pouco complicada, mas eu acho que com obras aí de acessibilidade vai melhorar um pouco mais. Mas tem que sair um pouco mais cedo, no retorno a gente consegue pegar um pouco de engarrafamento por causa das faculdades na volta da Fernando Osório, mas é dá para trafegar tranquilamente, não é ainda um congestionamento de 3 horas, mas dá uns 25, 30 minutos. Isso acontece.

C - Acho que essa o senhor já me respondeu até, mas, existe algumas diferenças entre circular pela cidade e circular dentro do condomínio?

FQ1 - Existe, esse condomínio tem, tem várias peculiaridades. Uma dessas é ser um condomínio fechado e uma que eu refuto assim muito importante é que nós estamos 7 metros e meio acima do nível do mar. Então aqui tu anda com um tipo de roupa e tu chega no centro é outra, pela peculiaridade da altura. Então a gente tem assim, um certo clima assim, um pouco de serra. Mas, a diferença é que aqui a gente percebe que ele é limpo, é cortada a grama, as casas são todas pintadinhas, tem os carros na frente, enfim. As pessoas passeiam com seus cães, alguns na guia. Enfim, é não tem muito aquele burburinho que tem, a gente passa, cumprimenta as pessoas, enfim, é uma coisa mais, seria assim, acho que, andar pelo condomínio é mais aconchegante que andar pelo centro. Eu acho.

C - Então, qual o seu nível de satisfação com o condomínio?

FQ1 - Ah hoje é 99% né? 99% por que, veja bem, o Condomínio ele tem várias, to me insistindo um pouco nessas peculiaridades. Uma outra peculiaridade também é o casal jovem. Tem muito casal jovem aqui que sai de manhã e vai trabalhar, almoça no centro e só vem a noite. Meu vizinho, por exemplo, eu só vejo ele a noite, né? Isso é bom. E uma coisa que eu também acho muito importante, eu tinha uma dúvida muito grande, como seria a minha convivência com o vizinho, será que eu vou ouvir a conversa deles e tal? Como é que vai ser? Eu tinha essa dúvida, porque as casas são geminadas, são sempre por duplas, o que tem em uma tem na outra. Então assim, nos estabiliza num patamar de igualdade digamos assim, claro um pinta diferente, outro faz um arranjozinho diferente, mas não, é tranquilo, a gente não ouve o que o vizinho fala e a gente consegue viver bem. Porque o vizinho sai de manhã e voltam a noite, final de semana a gente convive um pouco mais.

FQ2 - Mas não escuta mesmo o barulho, a gente não ouve.

FQ1 - Daí é, as pessoas passam na frente caminhando, cumprimentam, assim. Mas é bom viver aqui. Eu acho que é bom.

C - Costuma reunir a família aqui nos domingos, almoço, churrasco? Trazer os amigos?

FQ1 - Sim, né, até em função do ambiente que a gente fez que tem lareira e churrasqueira, então quando entra o inverno a lareira é direto e nos finais de semana a gente aproveita para reunir a família, fazer um churrasquinho, amigos, enfim. Por que o ambiente a gente construiu para isso, é um ambiente agregado a casa, mas com essa característica de ser mais acolhedor.

C - Quanto tempo aproximadamente, vocês levam de casa até alguma atividade principal, por exemplo, para pegar os meninos na escola como é que é este trajeto, é sempre, quando precisa fazer esses trajetos é sempre carro, é ônibus. Nas principais atividades fora do condomínio?

FQ1 - Não, hoje basicamente, até pela trafegabilidade, acessibilidade e o escoamento das vias estarem em obras aqui na volta é um pouco mais complicado, a gente tem feito isso de carro. Mas as pessoas dizem até que teria que ter mais horários de ônibus, mas eu acho que é 15 minutos, no máximo 20, que tem ruas que realmente convergem para o centro com mais velocidade, a gente aproveita essas ruas, procura-se não sair em horário de pique, mas a gente tá retornando de lá pelas 6 e meia, 20 para as 7, aí é complicado, a gente leva 25, 30 minutos as vezes para chegar até em casa. Mas em via de regra flui bem.

C - Existe serviços aqui na proximidade do condomínio? Outro dia que eu estive aqui eu vi que tem uma feira livre, ao lado de fora. Tem uma feira.

FQ1 - Tem, a gente tem uma rede boa de farmácias, boa de postos, é tem uma feira realmente todas as, supermercado, macroatacado, enfim nós temos 3 ou 4 aqui na volta. É a gente tem aqui aula de taekwondo para os filhos dos moradores que não precisa sair daqui.

C - Esse serviço dentro do condomínio?

FQ1 - Dentro do condomínio, é realizado terça e quinta no salão. Já tiveram sugestões de aulas de dança, de ginástica, enfim e a gente deixa que as pessoas se organizem e vão fazendo os seus grupos e tragam um espaço para a dança, para a ginástica, um espaço para a melhor idade, enfim, até agora não surgiu. Surgiu também agora a pouco tempo uma campanha muito forte para a gente ter uma van, exclusiva aqui do condomínio, com dois horários para levar para o centro e ainda estamos em tratativas, por que tem moradores aqui que fazem essa atividade, que tem van, tem 3 ou 4 empresas que fazem transporte escolar e a gente iria canalizar uma para dois horários de manhã e dois horários para voltar do centro exclusivamente por uma van, tipo um transporte executivo. Ainda está em tratativa, daqui um porquinho a gente implanta isso.

C - E dentro do condomínio, algum serviço informal existe?

FQ1 - Tem, muito, até com algumas contrariedades tem manicure, depilação, tem costureira, enfim tem bastante, mas o próprio condomínio vai se auto administrando, as pessoas tem qualidades, tem mais clientes, quem não tem, não tem, enfim. Isso é do jogo.

C - Quando vocês vieram para cá, claro, fizeram essa reforma, mas das coisas de vocês que vieram da casa antiga, vocês tiveram que se desfazer de algumas coisas? Alguma coisa de valor de afetivo? E Qual o motivo para isso? Tamanho dos cômodos?

FQ1 - Não pela, é, é, pela característica da casa, nós saímos de um 160, para 68, então reduziu uns 100 m². Realmente aqui a cozinha é projetada, o quarto, os móveis são projetados, o banheiro também, foram projetados móveis para lá, realmente a gente teve que se adaptar e se desfazer de muita coisa. Estamos começando a juntar de novo. Mas a gente se desfez de muita coisa.

C - E como é que foi isso para vocês?

FQ1 - Eu trato bem com isso, não sei a Bia. A Senhora Quaresmeira é que é mais resistente um pouco, mas... Ela sente um pouco.

FQ2 - Super tranquilo Carol porque uma que lá os moveis eram antigos eu estava louca pra trocar, ai tu vem para uma casa novinha. Com tudo novinho. Eu acho que por natureza eu não sou apegada, apesar do meu marido achar que eu seja apegada. (Risos) eu me acho assim, talvez com alguma roupa que eu fico acumulando, mas pode ser que nesse aspecto de moradia eu não me sinto nem um pouco apegada.

FQ2 - E, quando a gente veio pra cá a primeira vez, quem amou a primeira vista foi ele. E eu pensei assim, ai, nossa que longe, não tem nada na volta será que eu vou me adaptar. E hoje, eu te digo assim, a gente faz uns comentários meio estranhos, o meu filho fica furioso, não gosta muito. Eu digo que a gente está numa idade que um de nós vai ficar sozinho. Ou eu ou ele, na velhice, isso aí é uma coisa certa. E eu digo para ele, aí meu bem se tocar para mim, eu acho ótimo por que aqui tu abre uma porta, já tem vizinhos, a solidão pega muito. Eu vejo assim, até questões de família, pessoas de idade que estão, a minha sogra, com depressão. Então é uma coisa que aqui não tem lugar para isso assim né. Tu sai a caminhar, tu conversa com vizinhos, e a gente é do tipo assim, faltou um ovo, to fazendo um bolo, bate lá, eu dou essa abertura, as vizinhas também. Eu me dou com todo mundo, super bem. Eu por mim não sairia mais. As vezes o Senhor Quaresmeira diz: "ai será que a gente não vai morar na praia", mas na nossa velhice eu acho que praia é o contrário de tudo o que eu quero, pois lá sim é solidão no inverno. E eu acho assim o ideal, principalmente para a nossa idade, para jovens casais né é uma casa pequena que abrange as expectativas.

FQ1 - Não fala nada essa criança né?

C - E a cozinha? A cozinha está adequada as necessidades?

FQ1 - Tá!

FQ2 - Deixa eu falar para a arquiteta. até a gente acabou fazendo outra cozinha aqui.

FQ1 - São duas cozinhas

FQ2 - Como a gente fica o tempo todo, hoje eu abriria ali para aumentar a sala. Porque aquela cozinha só uso realmente no inverno. Até a minha nora me deu umas ideias assim, é que eu não tenho lugar para botar a máquina de lavar. E ela disse por que tu não tapa aqui e faz uma bancada. Máquina de lavar louça naquela cozinha. Por que realmente eu só uso no inverno que é muito frio para vir aqui, aí faço um chazinho e alguma coisa lá. Do contrário a gente acaba não usando quase aquela cozinha.

FQ1 - Se bem que né? Essa cozinha aqui é a minha. Seria...

FQ2 - Não existe minha...

FQ1 - Essa cozinha seria do churrasco, né? Mas aí ela pegou e abraçou aqui.

FQ2 - É que a gente fica aqui o tempo todo, tomando chimarrão, interagindo, cozinhando. Ou um tá fazendo o outro. Agora que ele está cheio de atividades.

FQ1 - Aí traz todas as parafernalias dela para os meus armários tudo super lotados. Mas a cozinha quem usa mais é ela.

C - Tá certo. Como é que são os hábitos de vocês assim, a rotina da casa?

FQ2 - Eu adoro rotina, tu vai me chamar de... adoro, eu chamo da minha santa rotina

C - Não, eu acho importante.

FQ1 - A Senhora Quaresmeira levanta mais cedo, eu já sou mais resistente um pouco

FQ2 - É, eu tenho uma rotina. A gente é muito diferente né Carol? (Risos). O Senhor Quaresmeira é de ficar até 2 horas da manhã ele está no computador respondendo email e fazendo. E eu acho que, como chama o negócio biológico teu? Né? Tu não sente. A Renata era assim, puxou muito a ele. A Renata fazia todos os trabalhos do curso de madrugada e eu não aguentava ficar ajudando.

FQ1 - Até em função de ser síndico, que por aí as vezes eu saio as 8 horas, antes das 8, vou dar uma incerta lá. As vezes também não, isso eu sou bem versátil, não tenho muito assim, todos os dias as 8 horas. De tarde as vezes eu vou, as vezes eu não vou, vou meia tarde, entendeu? Eu até fico bem mais depois das 6 e a noite eu me dedico mais a responder os emails, enfim, e grupos sociais essas coisas. É, eu sempre produzi melhor a noite.

FQ2 - Eu 11 horas. As vezes eu digo, porque que tu não faz um horário assim do trabalho do computador, não mas é de madrugada.

FQ1 - Até em função quando trabalhava. Mas eu não sou muito rotineiro não.

FQ2 - Mas eu adoro essa função de rotina, de ter tudo certinho na vida, de manhã acordar, fazer uma mesa para o café, chamar ele, que daí sim já é umas 8 e meia, 8 horas quando ele acorda.

FQ1 - É, a Senhora Quaresmeira é mais metódica, olha tá aqui o kit, o seu café o pão, a torrada, o queijo, né e as vezes eu tomo um café bebido, e saio, as vezes sento e tal e vou mais tarde, por isso que eu não tenho assim.

FQ2 - Eu gosto assim de cumprir muito bem tudo o que eu combino e procurar resolver da melhor forma possível tudo. E com os vizinhos, nossa né? Nós temos um vizinho melhor que o outro de lado assim, não.

FQ1 - É tranquilo.

C - Como é que vocês definiriam a casa de vocês?

FQ1 - Um lugar para se viver

FQ2 - Para se viver bem

FQ1 - Um lugar para se viver. Aqui a gente a gente colocou assim a nossa identidade na casa até mesmo condensamento de móveis, né, pela formas é aí é aqui que a gente vive outra coisa a grande vantagem de casa pequena e que tu acha tudo no lugar né tá tudo pequenininho enfim mas é bem compactada.

FQ2 - Eu acho que são fases da vida da gente né, quando temos filhos pequenos a gente quer amplitude, quer tudo grande e aí depois que tu já sabe. A síndrome do ninho vazio, como eu digo pro meu filho, tu vai reduzindo, reduzindo. Hoje eu não gostaria de um apartamento tão grande para morar.

FQ1 - Eu acho que não, hoje a gente comportaria, olha mesmo nessa casa pequena a gente acomoda aqui dois casais a gente tem um quarto digamos assim para os meus filhos. Uma cama de casal e um sofá-cama então daria tranquilamente para acomodar dois casais como visitas, por exemplo.

FQ2 - Tanto que a minha filha e meu genro quando vem ficam aqui né. E várias pessoas perguntam: mas eles ficam aqui? Ficam.

FQ1 - Que acontece né, os meninos vem pra cá dorme com a Senhora Quaresmeira na cama de casal que eu durmo sozinho na cama.

FQ2 - Ah é o dia que eles dormem, eu fico inteira pra eles. Eu não acho tão pequeno.

FQ1 - Então assim dá bem é uma casa pequena mas é uma casa pequena bem como é que eu diria assim bem habitável. Pra nossa necessidade

supri

C - Aqui nós já falamos. O quê que vocês veem da janela da casa de vocês?

FQ1 - Eu vejo a Quaresmeira. Tá na frente da janela, faz cinco anos que ela tá florida ali de vermelho e branco roxo e branco. A Quaresmeira não é Nativa dessa região, ela é do sudeste mas como o empreendimento existe na Bahia, em Feira de Santana eu acho. Eles fizeram o Terra Nova por lá e, lá eles plantaram a Quaresmeira. E aí como tinha sobrado umas mudas, eles trouxeram pra cá. E plantaram no Terra Nova, deve ter umas 50 Quaresmeiras por aí e ela de clima quente se adaptou no inverno ela sente um pouco mas ela está tão bem e pra nossa felicidade tem mais Quaresmeiras na Rua 1 e tenho na frente de casa então é tudo de bom. Ah e de manhã a paz para se dormir né. Se tem aqui os quero-quero todos os dias, no muro do vizinho lá.

FQ2 – A minha filha diz: “mãe como se dorme bem aqui

FQ1 - a paz pois os jovens saem para trabalhar, ficam só os idosos mas assim nada me incomoda. Aqui não há nada que interfira. A grande maioria tem animal é cachorrinho e gato. Mas aqui tem muito tem muito quero-quero aqui principalmente nessa rua um. Eles ficam ali na frente porque aqui é o lugar deles e nós aqui tomamos esse lugar, então eles continuam aí.

FQ2 - Muita gente daqui tá indo lá para o condomínio, como é o nome? Veredas que é um condomínio bem mais, nossa é muito bom, muita gente tá indo pra lá a minha sobrinha me falou. Até os vizinhos daqui ao lado também já foram, um casal.

FQ1 - Uma peculiaridade aqui, por exemplo, do ano passado pra cá foram adquiridas 14 casas. Impressionante. Venderam, vieram pra cá 14 novos moradores além de seis ou sete locações. É bem procurada aqui.

C - Me diga uma coisa agora como síndico tem todas as demandas. Quais são as principais demandas? Quais os principais problemas do dia a dia do condomínio?

FQ1 – O Condomínio não foge à regra dos demais, a gente tem aqui os “4Cs” que são universais em todos os condomínios né? Que é: cachorro, criança, carro e calote.

FQ2 - Deixa eu falar como esposa do Síndico! Eu atendo muito interfone, as coisas que reclamam, aí eu fico indignada como as pessoas reclamam por coisas tão pequeninas. “É porque o gato do vizinho. Diz pra ele que o gato fez cocô e tá chorando em cima da minha casa, não sei o quê do carro”. Ah porque o cachorro da vizinha late. Eu digo assim oh vizinha pois a maioria não se identifica e diz o vizinho. Eu digo assim você já experimentou bater lá? Bate, chega lá e bate na porta do vizinho. Incomodando, isso a maioria das coisas concilia com jeito não precisa se brigar. Então eu vejo assim, é porque a grama está alta, o condomínio é muito grande, muito extenso não tem problemas com o empregado, também o empregado, também né amor poucos empregados pra fazer tudo. A maioria das coisas são pequenas como um condomínio tão grande, até meu médico falou ontem: “O que o seu marido é o Síndico daquele condomínio? Daquele condomínio daquele tamanho? Deve ter muitos problemas, pois eu morava em um edifício tinha problemas.” E eu digo tem, mas a maioria são coisas pequenas que daria sim para tirar de letra.

FQ1 - São diretamente 960 pessoas, marido e mulher, mas tem casas que tem 3, tem 5 pessoas. O condomínio realmente é muito grande. São 24 mil metros de grama a serem cortadas. E o condomínio é barato, eu acho. Muito barato cento e poucos. O condomínio é longo porque dá quase 300

metros até o fundo, o fundo dá 280 então na lateral enfim, além de ter as vielas dentro. Ele é diferenciado por tudo isso. Eu digo valor, eu fico pensando como o povo tá ganhando tão pouco, tão baixo o condomínio com água cento e poucos há eu acho isso meu Deus!



Família Pôr do Sol

Entrevista 3 - Família Pôr do Sol¹²

Realizada em Abril de 2016

Um sábado, tarde muito quente e ensolarada.

Carolina - gostaria que a tua casa se diferenciara das demais como seria essas modificações poderia me indicar no mapa você saberia identificar qual seria o modelo de casa se alguma coisa além do que está escrito alguma coisa que eu gostaria de ter na mente que mudasse?

FP - A minha tá aqui aquele tem vários modelos e acho que podemos ser modelo C. Isso, modelo C é três quartos e banheiro.

C - Tem alguma modificação dessa planta original?

FP - Tem esse aumento aqui. Eu fiz o seguinte, aqui tem que deixar um metro e meio, um pouquinho mais, não um metro e meio, aqui eu aumentei, aqui e aqui eu fechei, aqui fiz uma despensa e eu abri uma passagem aqui na cozinha pra lá. Isso eu fiz.

C - Quanto a sensação de caminhar pelo condomínio, tu consegue apontar pra mim nesse outro mapa seus principais trajetos aqui dentro?

FP - Como é que é? Mais ou menos deixa eu pegar. Cadê a entrada tá aqui? A minha casa é aqui essa né. Tá mas esse número não corresponde.

C - Esse número e do original pode ser que não seja mais esse.

FP - Pois é porque a minha 184 por isso que eu tô achando estranho mas é essa. Bem, sinceramente vou te falar a verdade que eu saio sempre de carro. Mas acho que esse aqui direto aqui, vou sempre de carro quando o meu filho menor era pequeno era muito, tinha essa coisa da pracinha. No verão a gente tem a coisa da piscina quem eu vou por aqui ou por aqui eu gosto mais de mim e por aqui porque aqui é muito trânsito. Tem mais carro aqui. E aqui até, às vezes é um lixo que fica por aqui, o resto de carro e às vezes eu gosto de dar umas caminhadas. É quando eu tenho tempo, quando sobra, faço a volta por aqui.

C - Tu costuma ir no centro da cidade?

FP - Não costumava tinha horror. Odiava. Pessoa que nunca queria o centro era eu, assim tipo abriu uma loja nova, fechou a loja não mas... não contassem comigo.

C - Quais são então as suas rotinas? No geral tu sai daqui por quais motivos?

FP - Então agora atualmente eu saio pro judô do meu filho mais novo, também para levar no colégio. As minhas voltas são muito focadas, são muito quando eu preciso eu vou então assim, não tem como precisar muito assim. Mas os principais são isso sim levar. Levar filho, trazer filho, rotina de escola. Aí eu tenho aula de manhã do mestrado, agora comecei uma disciplina como aluno especial vamos ver é. E de manhã tem essa aula, tem outro curso que eu faço, Tem dias fixos o resto é não tem muito.

C - Tem alguma diferença da tia entre circular dentro do condomínio?

¹² Família Pôr do Sol foi a denominação dada ao respondente número 3. A Família Pôr do Sol é composta por um casal com dois filhos, um adolescente de 16 anos e um menino de 6. Os nomes são fictícios, também relacionados ao nome dado a cada família, para que a privacidade seja preservada. Esta entrevista foi cedida por uma mulher, com idade em torno de 45 anos, que vamos chamar de Senhora Pôr do Sol.

FP - Ah sim! O bom que eu acho do condomínio é a segurança não é, por exemplo, meu marido agora já saiu de bicicleta, ele gosta de estar livre. Tá? Então ele sai. Quando eu saio pra caminhar com ele é pela cidade e tudo mais quando eu tô sozinha, eu me sinto super bem de caminhar aqui dentro eu sinto segura né então é e tudo plano.

C - Qual o seu nível de satisfação com o condomínio?

FP - Ai meu Deus isso é tão pessoal. Assim, pelo seguinte, vou te dizer porque eu gosto do condomínio. Tá gosto. Gosto eu acho assim, meu filho fica sozinho, às vezes, frequentemente, não bota muito isso porque é perigoso! Mas a gente acha que vai se mudar né porque, claro, assim, eu quero uma casa maior. Eu acho que a gente vai mesmo para o Laranjal que eu sempre quis então não é pelo condomínio, é por mim, entende? Por isso que eu digo que é pessoal, não é que é o condomínio não não me satisfaz porque porque tem tais e tais problemas. Não eu acho que pra o que ele propõe, ele tá muito bem. Acho que ele é organizado e limpo eu não tenho problema com vizinho nenhum, muito pelo contrário mas é então uma questão bem pessoal.

C - Assim costuma reunir a família, receber amigos? Churrasco de domingo?

FP - Receber amigos não.

C - Quanto tempo aproximadamente tu leva da tua casa ao trabalho? Ou pra levar os meninos na escola? Como é que é esse trajeto, de que carro ou ônibus?

FP - Carro sempre. Eu acho que uns 20 minutos, depende da hora eu saio muito cedo. O meu filho mais novo está no Santa Mônica, então pra ele chegar lá a uma e meia, pra ele chegar antes eu saio 10 para a uma é o meu limite. Agora na volta, eu já levei 40 minutos. Llevei porque eu peguei todo o trânsito da Fernando Osório que é uma das coisas que me incomoda, não tem nada a ver com o condomínio mas tem a ver com como chegar até o Condomínio. E aí me incomoda então.

C - Utiliza algum serviço nas proximidades do condomínio?

FP - Sim às vezes eu vou no posto de gasolina aqui, aquele ali. A gente conheceu um mercado, assim minimercado, que é umas duas quadras pra lá que é muito bom, uma padaria tem pra lá muito boa a gente foi conhecendo

C - E aqui dentro tem algum serviço que tu saiba, que tu utilize?

FP - Mas aqui não tem serviço! Formalmente não... é informalmente, até já cortei o cabelo com vizinha. Mas é uma coisa que nem aparece.

Quando vocês vieram pra cá até já pedir por exemplo o pessoal da zeladoria depois da hora do trabalho

Eles podem vir fazer alguma coisa isso também já pedi a legal isso aí eu não sabia

C - Quando vocês vieram pra cá, vocês tiveram de se desfazer de alguma coisa, de algum móvel de valor afetivo?

FP - E porquê de valor afetivo? Não. Mas por exemplo, eu tinha o quarto do meu filho mais velho, todo que foi feito por marceneiro, que eu tinha desenhado. Que não se acomodavam aqui. Então eu tive que me desfazer, porque na verdade o que cabe aqui ficou mal aproveitado e não cabia tudo.

C – Então, e o tamanho dos cômodos, hoje... acho que essas tu já me respondeu, atende as necessidades de vocês?

FP - Não muito gostaria maiores

C - Costuma cozinhar?

FP - Não! Com a graça de Deus todo poderoso não.

C - E a cozinha atende as suas necessidades?

FP – Atende, até atende.

C - Quais são as atividades de vocês em família?

FP - Na sala a gente gosta de se reunir, outro dia a gente tava jogando um jogo de tabuleiro. A gente gosta de ver alguma coisa na TV juntos, fazer um happy hour, vinho, que o meu marido adora fazer uma carninha ali. Eu já fiz tudo junto, eu queria uma sala que tivesse a TV, a churrasqueira, mesa pra comer e tudo junto, pra ficar, pra poder ficar mais ou menos organizada, que não fica, com criança não tem como.

C - Então onde é que vocês costumam fazer as refeições?

FP - Nessa peça aqui no aumento, que eu fiz.

C - E quais os principais hábitos da família, isso tu já me relatou.

Comente um pouco sobre como definiria sua casa

FP - Em que sentido?

C - Define a tua casa pra mim. Como é que é a tua casa?

FP - Não sei, eu acho que a minha casa até é acolhedora para nós tá 4. Mas isso tem uma coisa muito ver com família porque, mesmo que eu tivesse uma casa ampla ela não ia tá cheia de gente. Então ela é a acolhedora nesse sentido. E se eu gostasse de estar sempre cheia de gente, acho que ela seria pequena.

C - O que que tu vê da janela da tua casa?

FP - Uma coisa que eu gosto muito de ver aqui, que eu acho que no centro urbano não se vê, é o pôr do sol. Eu vejo não que eu vejo até a linha do horizonte, mas eu consigo perceber um pouco dele. É uma coisa que eu adoro, eu vejo a casa do vizinho e até vejo a lua tem uma perspectiva desta rua.

C - Como é sua relação com a vizinhança próxima?

FP - Eu acho que é muito boa, na verdade eu sou muito na minha se tu me perguntar o nome dessa vizinha eu não sei. Mas aí também, não dá margem para fofoca e coisinhas que eu acho que entre os vizinhos sempre acaba acontecendo sendo Condomínio. Mas a gente é muito na nossa, assim, então me dou bem com todo mundo mas é um bem, não que seja superficial, mas também não tão próximos. Não sei se contribuo muito com a pesquisa. Mas é isso.



Família Simplicidade

Entrevista 4 – Família Simplicidade¹³

Realizada em Maio de 2016

Uma sexta-feira, tarde fria e úmida.

C - Quantas pessoas moram na sua casa? (Se possível detalhe quem são: mãe, irmão, marido, moro só).

FSi - Três pessoas. Eu, marido e nosso filho de 1 ano.

C - Gostaria que a sua casa se diferenciasse das demais? Como seria? Há alguma modificação já existente da planta original? Saberá dizer qual o modelo de sua casa, de acordo com as plantas originais, apresentadas pelo construtor?

FSi - Não, estou bem satisfeita com a minha casa, ela é original e não teve modificações, é um casa com duas suítes, sala, cozinha e área de serviço.

C - Qual a sensação de caminhar pelo condomínio Terra Nova? Quais os principais trajetos que efetua dentro do Terra Nova? (Ex. levar o lixo, usar a área de esportes, passear com o cachorro).

FSi - Me sinto bem segura dentro do condomínio e, é um condomínio bem agradável e organizado. Eu levo lixo, passeio com meu filho pelas quadras de esportes e no play ground.

¹³ Família Simplicidade foi a denominação dada ao respondente número 4. Esta entrevista é que foi coletada de maneira digital, ou seja por uma conversa em um bate-papo de internet. A família Simplicidade é composta por um casal jovem e seu filho com apenas 1 ano. A entrevista foi cedida pela jovem de vinte e poucos anos.

C - Você costuma ir ao centro da cidade? Com que frequência? Quais são os seus lugares de interesse (ex. laranjal, porto)?

FSi - Sim, todos os dias, em função de trabalho. Também vou diariamente ao Laranjal, e na Osório próximo a av. Dom Joaquim.

C - Aponte algumas diferenças entre circular pela cidade e pelo condomínio Terra Nova?

FSi - Segurança é a principal

C - Qual o seu nível de satisfação com o Condomínio?

FSi – Eu estou bem satisfeita.

C - Costuma reunir a família em casa, como almoços de domingo, churrasco, receber os amigos?

FSi - Sim, frequentemente.

C - Quanto tempo, aproximadamente, você leva de sua casa ao trabalho (ou escola, ou a sua principal atividade)? Como é o trajeto? Utiliza ônibus ou carro?

FSi - Depende de horário, em torno de 10 minutos a 30 minutos. Sempre utilizo carro.

C - Você utiliza serviços nas proximidades do condomínio? E dentro do condomínio existe algum serviço?

FSi – Não

C - Você teve que se desfazer de objetos, móveis de valor afetivo quando veio morar aqui? O tamanho dos cômodos (cozinha, dormitórios, etc.) atendem as suas necessidades?

FSi – Não pois esta é minha primeira casa, antes eu morava com os meus pais.

C - Você costuma cozinhar? Com que frequência? A cozinha está adequada às suas necessidades?

FSi - Sim, sempre cozinho, apesar de ser pequena, está adequada as minhas necessidades.

C - Que atividades costuma desenvolver na sala de estar?

FSi – Passo bastante tempo na sala, costumamos ver TV, brincar com nosso filho e também comer.

C - Em que espaço da casa costuma fazer as refeições?

FSi – Como já falei, faço sempre na sala.

C - Quais os principais hábitos dos integrantes da família? Comente um pouco sobre a decoração/ mobiliário da sua casa.

FSi – A decoração é simples, mas acolhedora. Tem a nossa cara e isso me deixa feliz.

C - Como você definiria sua casa?

FSi - Minha casa é simples, mas aconchegante, não temos luxo, mas temos o que precisamos.

C - O que você vê da janela de sua casa?

FSi - Vejo as casas vizinhas.

C - Como é a relação com a vizinhança próxima?

FSi - Tranquila, nunca tivemos problemas com os vizinhos.

Desculpa demora, acho que respondi tudo.



Família Tranquilidade

Entrevista 5 – Família Tranquilidade¹⁴

Realizada em Maio de 2016

Um domingo, final de uma manhã fria.

C - Quantas pessoas moram na sua casa? (Se possível detalhe quem são: mãe, irmão, marido, moro só).

FT - Moram 2 pessoas, eu e meu irmão mais novo (21 anos). Eventualmente somos visitados pela nossa Madrinha nos finais de semana.

C - Gostaria que a sua casa se diferenciasse das demais? Como seria? Há alguma modificação já existente da planta original? Saberia dizer qual o modelo de sua casa, de acordo com as plantas originais, apresentadas pelo construtor?

FT - Quanto a diferenciar-se das demais, não. Gosto do padrão de construção do condomínio. Em relação a modificações, inicialmente tínhamos ideia de fazer as ampliações nas casas, inclusive juntar as duas casas (possuímos duas unidades, uma ao lado da outra) por dentro. Porém, nossas unidades foram seriamente afetadas por alagamentos, até com chuvas não muito fortes. O pátio inundava e a água vinha para dentro de casa. Com isso, móveis foram danificados e inviabilizou qualquer tipo de reforma, visto que até colocar um piso diferente seria incômodo.

C - Qual a sensação de caminhar pelo condomínio Terra Nova? Quais os principais trajetos que efetua dentro do Terra Nova? (Ex. levar o lixo, usar a área de esportes, passear com o cachorro).

FT - É agradável andar pelo condomínio. A ausência de barulhos intensos de trânsito, comércio e fluxo alto de pessoas, torna uma experiência tranquila. Sem falar na segurança de poder andar sem se preocupar em ser roubado. O trajeto que mais faço, com certeza, é da portaria para minha casa, que também inclui levar o lixo.

C - Você costuma ir ao centro da cidade? Com que frequência? Quais são os seus lugares de interesse (ex. laranjal, porto)?

FT - Sim, vou diariamente ao centro da cidade, em função de estudos e trabalho. Vou, frequentemente, para a região central, próxima a Santa Casa. Outros lugares comuns são a Av. Dom Joaquim e o Porto.

C - Aponte algumas diferenças entre circular pela cidade e pelo condomínio Terra Nova?

FT - A segurança é o fator principal. Hoje em dia não me sinto seguro de forma alguma, a pé ou de carro, dentro de estabelecimento ou na rua. Em compensação, no condomínio temos a segurança dentro das nossas casas e dentro dos limites do condomínio.

C - Qual o seu nível de satisfação com o Condomínio?

FT - Sou bastante satisfeito com o condomínio. Claro que, como qualquer lugar que mistura pessoas, têm os seus problemas, mas me mantenho alheio a tudo isso. Vimos pra cá, principalmente, por causa da segurança, então a satisfação é totalmente dependente disto.

C - Costuma reunir a família em casa, como almoços de domingo, churrasco, receber os amigos?

¹⁴ Família Tranquilidade foi a denominação dada ao respondente número 5. Esta entrevista foi coletada de maneira digital, ou seja por uma conversa em um bate-papo de internet. A família Tranquilidade é composta por dois irmãos – homens – que dividem duas casas, uma ao lado da outra. A entrevista foi concedida por um jovem de 20 e poucos anos, solteiro, universitário. Está na cidade para estudar, sua família permanece em sua cidade natal.

FT - Não é muito comum reunirmos aqui. Como tenho família em outra cidade, é mais comum irmos para lá.

C - Quanto tempo, aproximadamente, você leva de sua casa ao trabalho (ou escola, ou a sua principal atividade)? Como é o trajeto? Utiliza ônibus ou carro?

FT - Em geral, levo de 15 a 20 minutos até o Centro, de carro. Outro trajeto que fazia com frequência, porém agora diminuiu, era ir até o Campus Capão do Leão. Levava 30 minutos, fazendo um trajeto, e 45- 50 minutos quando mudava o trajeto para dar carona para alguns colegas.

C - Você utiliza serviços nas proximidades do condomínio? E dentro do condomínio existe algum serviço?

FT - Com frequência vou ao restaurante/pizzaria que fica próximo do condomínio, e também no mini mercado que fica exatamente na frente do condomínio. Nunca utilizei serviços de dentro do condomínio.

C - Você teve que se desfazer de objetos, móveis de valor afetivo quando veio morar aqui? O tamanho dos cômodos (cozinha, dormitórios, etc.) atendem as suas necessidades?

FT - Quando viemos morar aqui optamos por não trazer nada e mobiliamos do zero. Os cômodos atendem perfeitamente as minhas necessidades. Claro que, se tivesse mais espaço seria preenchido, mas não necessariamente necessita mais espaço.

C - Você costuma cozinhar? Com que frequência? A cozinha está adequada às suas necessidades?

FT - Cozinho mais nos finais de semana. Como passo boa parte do dia fora de casa, acabo comendo na rua. A cozinha está adequada ao que necessito.

C - Que atividades costuma desenvolver na sala de estar?

FT - A sala é um local que fico muito pouco, mas quando fico é para assistir televisão ou comer. Ou quando tem alguma janta com amigos, pois fica ao lado da cozinha.

C - Em que espaço da casa costuma fazer as refeições?

FT - Faço as refeições na mesa que fica na Sala.

C - Quais os principais hábitos dos integrantes da família?

FT - Temos hábitos parecidos. Eu tenho por hábito ficar lendo, estudando e assistindo algumas coisas quando estou em casa. Meu irmão segue a mesma linha, mas diferente de mim ele dorme mais.

C - Comente um pouco sobre a decoração/ mobiliário da sua casa.

FT - Optamos por móveis de madeira, com tonalidades madeira também. Os móveis são planejados, em todos os cômodos.

C - Como você definiria sua casa?

FT - A minha casa é aconchegante. Principalmente o meu quarto, que é o local onde mais fico. Os móveis são dispostos de forma que não fica apertado, mas preenche bem.

C - O que você vê da janela de sua casa?

FT - Da janela do meu quarto vejo a rua do condomínio. Vejo uma pequena árvore que a minha avó plantou, algumas casas que ficam na frente, e o céu. Das outras janelas vejo o pátio de casa, apenas.

C - Como é a relação com a vizinhança próxima?

FT - A relação é tranquila. Nunca tivemos nenhum tipo de problema e pregamos a compreensão. Tem dias que algum vizinho realiza alguma atividade que vai até um horário mais avançado, outro dia isso acontece na nossa casa, e assim vivemos. Procuramos respeitar muito os horários do bebê da vizinha ao lado. Espero ter auxiliado no teu trabalho Carol.



Família Aconchego

Entrevista 6 – Família Aconchego¹⁵

Realizada em Maio de 2016

Uma segunda-feira, manhã fria e ensolarada.

C - Quantas pessoas moram na sua casa? (Se possível detalhe quem são: mãe, irmão, marido, moro só).

Duas (eu e namorado)

C - Gostaria que a sua casa se diferenciasse das demais? Como seria? Há alguma modificação já existente da planta original? Saberá dizer qual o modelo de sua casa, de acordo com as plantas originais, apresentadas pelo construtor?

FA - A minha casa é a de dois quartos e um banheiro (Sem suíte) como é alugada eu não posso reformar, mas com certeza se fosse minha eu teria feito o avanço na sala e fechado o corredor com uma porta de correr

C - Qual a sensação de caminhar pelo condomínio Terra Nova? Quais os principais trajetos que efetua dentro do Terra Nova? (Ex. levar o lixo, usar a área de esportes, passear com o cachorro).

FA - Eu me sinto muito segura andando lá dentro, passeio com o meu cachorro todos os dias ao meio dia e à tardinha, me sinto em paz, é bastante silencioso e seguro. Vou sempre na pracinha e caminho até a área para cachorros.

C - Você costuma ir ao centro da cidade? Com que frequência? Quais são os seus lugares de interesse (ex. laranjal, porto)?

FA - Vou muito pouco ao centro, no máximo umas 2 vezes ao mês, vou mais ao laranjal que é onde a minha mãe e o resto da família mora, então no laranjal vou todo o fim de semana

C - Aponte algumas diferenças entre circular pela cidade e pelo condomínio Terra Nova?

FA - É bem diferente, dentro do condomínio não tem movimento nem carros correndo, temos que ter cuidado pois muitas crianças vivem soltas pelas ruas do condomínio brincando, diferente de como é na cidade

C - Qual o seu nível de satisfação com o Condomínio?

FA - Eu gosto muito de morar lá, tem duas coisas que me incomodam que é a casa muito pequena e não poder fazer barulho por ser muito colado nos vizinhos, mas mesmo assim eu tenho adorado morar lá.

C - Costuma reunir a família em casa, como almoços de domingo, churrasco, receber os amigos?

FA - Muito pouco, pois meu irmão também mora lá, e a casa dele é das maiores e ainda tem o avanço, então sempre que reunimos a família é na casa dele; a minha é bastante apertada.

C - Quanto tempo, aproximadamente, você leva de sua casa ao trabalho (ou escola, ou a sua principal atividade)? Como é o trajeto? Utiliza ônibus ou carro?

¹⁵ Família Aconchego foi a denominação dada ao respondente número 6. Esta entrevista é que foi coletada de maneira digital, ou seja por uma conversa em um bate-papo de internet. A família Aconchego é composta por um casal jovem de namorados e seus 2 cachorros. Entrevista concedida por uma mulher, com idade próxima de 30 anos.

FA - Eu moro muito perto do meu trabalho, vou de carro. Quando saio de manhã levo 5 minutos, complica um pouco as 13:15 que já tem bastante engarrafamento, aí preciso sair uns 20 minutos antes. Mas é super perto, eu vou reto na 25 de julho e uma antes da Fernando Osório dobro a direita, pronto, cheguei.

C - Você utiliza serviços nas proximidades do condomínio? E dentro do condomínio existe algum serviço?

FA - Não existe serviço dentro do condomínio. E na volta eu utilizo um açougue, uma farmácia e um mercadinho

C - Você teve que se desfazer de objetos, móveis de valor afetivo quando veio morar aqui? O tamanho dos cômodos (cozinha, dormitórios, etc.) atendem as suas necessidades?

FA - Não porque é a minha primeira casa, antes morava com minha mãe, então só trouxe meu quarto, o guarda roupa teve que ficar no outro quarto pois não coube no mesmo da cama, e a cozinha já tinha na casa quando me mudei e a sala eu comprei toda nova.

C - Você costuma cozinhar? Com que frequência? A cozinha está adequada às suas necessidades?

FA - Sim, cozinho aos fins de semana, a cozinha é bem apertada, às vezes fico atrapalhada, gostaria que fosse maior e separada da sala

C - Que atividades costuma desenvolver na sala de estar?

FA - Passo a maior parte do meu dia na sala, onde tomo mate, fico na lareira, escuto música.

C - Em que espaço da casa costuma fazer as refeições?

FA - Como a sala e cozinha é junto fica difícil responder a esta pergunta, no balcão que separa a cozinha da sala tem duas cadeiras e um tampo de vidro para o lado da sala, ali almoçamos e jantamos.

C - Quais os principais hábitos dos integrantes da família?

FA - Ouvir muita música, passear com os cachorros e tomar chimarrão no solzinho do pátio.

C - Comente um pouco sobre a decoração/ mobiliário da sua casa.

FA - A minha casa apesar de apertada é muito a nossa cara, quando fomos comprar os móveis nos preocupamos muito com isso, queríamos algo que ficasse aconchegante e com a nossa cara, como a casa é pequena foi bem fácil, a sala é toda cinza, amarela e roxa, tem quadrinhos em toda uma parede, cortinas lisas, tapete peludo que eu adoro, pufes pra colocar os pés em cima.

C - Como você definiria sua casa?

FA - É a nossa cara e muito aconchegante, certas vezes me sinto apertada, mas eu adoro morar lá (sabendo que é de passagem)

C - O que você vê da janela de sua casa?

FA - Vejo a pracinha e a piscina.

C - Como é a relação com a vizinhança próxima?

FA - Como eu passo a maior parte do dia fora de casa não tem uma relação forte, mas sempre são gentis quando ocorre de nos encontrarmos.

Não sei se respondi o que precisas, mas aqui vai com o meu carinho e desejo de sucesso no teu trabalho!



**Família
Refúgio**

Entrevista 7 – Família Refúgio¹⁶

Realizada em Maio de 2016

Um sábado, noite fria de outono.

C - Quantas pessoas moram na sua casa?

FR - Moram duas pessoas. Meu namorado e eu.

C - Gostaria que a sua casa se diferenciasse das demais? Como seria? Há alguma modificação já existente da planta original? Saberá dizer qual o modelo de sua casa, de acordo com as plantas originais, apresentadas pelo construtor?

FR - Originalmente, a casa é modelo A (dois dormitórios e um WC), mas sofreu ampliação na sala, construção de mais um quarto e mais um WC (construída uma suíte). Ela diferencia-se internamente pela ampliação e, externamente, tem aparência comum a outras casas próximas, mas não a todas na fachada: acima da altura do forro, por fora, é recoberta com PVC, enquanto outras casas aparentam ser de alvenaria até o telhado. Veio assim desde a construção. Eu gostaria que fosse de alvenaria (ou a aparência) porque o PVC suja muito e fica muito feio.

C - Qual a sensação de caminhar pelo condomínio Terra Nova? Quais os principais trajetos que efetua dentro do Terra Nova? (ex. levar o lixo, usar a área de esportes, passear com o cachorro).

FR - Costumo percorrer geralmente a minha rua, até a frente do salão de festas e então chegar à portaria, o que muda caso me dirija a alguma casa de conhecido. Meu namorado e eu corremos no interior do condomínio e, nesse caso, percorremos todas as ruas, mas sem regra. A sensação é de liberdade e segurança, ambiente familiar. Eu gosto muito. Me sinto segura e confortável por reconhecer pessoas amigas na vizinhança.

C - Você costuma ir ao centro da cidade? Com que frequência? Quais são os seus lugares de interesse (ex. laranjal, porto)?

FR - Vou ao bairro centro diariamente a trabalho, mas ao centro comercial com pouca frequência. O bairro centro é o que eu mais frequento por ser o que me oferece maiores interesses, mesmo. Mas ocasionalmente vou ao areal (shopping), porto (visitar amigos) e recanto de Portugal (usar o clube e visitar amigos).

C - Aponte algumas diferenças entre circular pela cidade e pelo condomínio Terra Nova?

FR - Só algumas? Eu vejo muitas! Aqui é silencioso, o trânsito é calmo, é seguro, é limpo, bonito, crianças brincam livremente, o calçamento é regular

C - Qual o seu nível de satisfação com o Condomínio?

FR - Quase pleno. Lamento alguns problemas de conservação do patrimônio (muito devido a problemas administrativos envolvidos pela inadimplência de alguns vizinhos, mas não má administração) e aparência da área externa, que é de responsabilidade da administração pública.

C - Costuma reunir a família em casa, como almoços de domingo, churrasco, receber os amigos?

FR - Sim. Não com muita frequência em função da minha rotina de trabalho aos finais de semana, mas sempre que possível, gosto de receber pessoas queridas.

C - Quanto tempo, aproximadamente, você leva de sua casa ao trabalho (ou escola, ou a sua principal atividade)? Como é o trajeto? Utiliza ônibus ou carro?

¹⁶ Família Refúgio foi a denominação dada ao respondente número 7. Um dos destaques desta entrevista é que foi coletada de maneira digital, ou seja por uma conversa em um bate-papo de internet. A família Refúgio é composta por um casal jovem de namorados. Esta entrevista foi concedida por uma mulher, com idade por volta dos 35 anos.

FR - Levo aproximadamente 10 minutos de carro, mas isso porque eu não transito em horários de grande movimento, o que dobra o tempo de percurso. Utilizo invariavelmente a Avenida Fernando Osório (até porque as demais possibilidades estão interrompidas por obras) e depois ou a Avenida Dom Joaquim, ou a própria Fernando Osório, depois Rua Professor Dr. Araújo.

C - Você utiliza serviços nas proximidades do condomínio? E dentro do condomínio existe algum serviço?

FR - Estou ainda conhecendo serviços da região, mas utilizo muito frequentemente os que já conheço, como supermercado, açougue, padaria. Dentro do condomínio, alguns vizinhos oferecem serviços, mas ainda não utilizei, apenas comprei artesanato feito por uma vizinha.

C - Você teve que se desfazer de objetos, móveis de valor afetivo quando veio morar aqui? O tamanho dos cômodos (cozinha, dormitórios, etc.) atendem as suas necessidades?

FR - Esta é a minha primeira residência e a casa é própria da minha mãe, que foi morar com a minha avó na casa dela, de onde eu saí para vir morar aqui. Sendo assim, eu deixei alguns móveis meus na casa onde a minha mãe foi morar para ela usar e, por outro lado, fiquei usando móveis dela aqui. Mas não me desfiz de nada, nem ela. Quanto ao tamanho dos cômodos, são pequenos, mas não me oneram em nada por enquanto. Apenas tenho problema no quarto que eu uso, mas é o que foi construído posteriormente, planejado pela minha mãe, e não faz parte do projeto original da casa, portanto. Porém, a existência de ampliação explícita que, originalmente, a casa era pequena demais. Gostaria de ter um espaço coberto para estender roupas na rua, ou mesmo no interior da casa, mas não junto à cozinha. Estou planejando e já tenho lugar certo, mas ainda não executei.

C - Você costuma cozinhar? Com que frequência? A cozinha está adequada às suas necessidades?

FR - Cozinho muito pouco! A cozinha, pelo tamanho, está adequada, sim. Não tenho transtornos pelo tamanho, mas pelos móveis, que não são planejados (cozinha compacta, horrorosa) e tem uma disposição muito ruim. Creio que este seja um motivo com peso relevante para me desestimular a cozinhar.

C - Que atividades costuma desenvolver na sala de estar?

FR - Assistir televisão, comer e curtir o fogo na lareira.

C - Em que espaço da casa costuma fazer as refeições?

FR -Graças à ampliação, tenho sala de jantar e de estar independentes (ainda que integradas), então costumo fazer refeições na sala de jantar.

C - Quais os principais hábitos dos integrantes da família?

FR - Assistir televisão, usar notebook, jogar.

C - Comente um pouco sobre a decoração/ mobiliário da sua casa.

FR - Bem, como disse, aproveitei móveis da minha mãe, então nem todos são do estilo que prefiro, que é o rústico ou vintage. Porém, pude colocar itens ao meu gosto na decoração e ficou bem satisfatório para mim. Apliquei um tecido estampado de fundo escuro na parede da sala de estar e pus na frente um móvel antigo, pintado em pátina provençal branca, que era um guarda roupas do meu pai e do meu tio quando bebês e que foi transformado em cristaleira pela minha avó, pintado pela minha madrinha e eu ainda substituí uma prateleira de madeira por vidro temperado (a única visível pelos vidros das portas) e instalei uma lâmpada (ficou lindo e é o meu móvel preferido na casa!).

Um dos quartos, quando a casa foi comprada, já tinha um roupeiro sob medida em MDF, além de painel para cama e nichos como criados mudos com tomadas. Coloquei uma cama para hóspedes e uso muito o roupeiro, que tem o espaço interno bem aproveitado. O outro quarto tem móveis e prateleiras que não se comunicam quase. Cada um de um padrão, à exceção de quatro módulos pertencentes ao conjunto do meu quarto antigo, que não veio completo para esta casa (porque eu não quis e porque não caberia mesmo).

Na sala de estar eu coloquei um sofá escolhido por mim e uns quadros na parede. E coloquei um aquário num nicho (muito mal feito, todo torto, que pretendo esconder em breve com um móvel sob medida). Há um Rack bem feio da minha mãe, e que está se desmanchando atrás porque molhou. Guardo as lenhas num baú em madeira, de que gosto muito e que eu trouxe. Há uma planta artificial (mas muito convincente!), cujo nome eu não sei, num vaso de um material rústico, talvez palha. A lareira é azul (pintada pela mãe, mas eu gosto e não quis mudar) e eu coloquei quatro quadrinhos. Na porta-janela há cortinas de tecido cru.

O banheiro da parte da frente foi mobiliado pelo primeiro dono e tem box de vidro, armário embaixo da pia e prateleiras de vidro.

A cozinha pode ser causa de infarto para arquitetos. É separada da sala (originalmente, cozinha americana). Tem portal (sem porta) e um passa pratos meio estranho que a minha mãe fez. A cozinha compacta é muito ruim, não encaixa bem no espaço, tem um pé sobre a tampa da caixa da gordura e precisa ser substituída com urgência. Assim, a geladeira fica num local bizarro, na frente do fogão, de lado para ele, mas eu até que não acho ruim porque ela ajuda a separar o ambiente da área de serviço. Portanto, atrás da geladeira fica o tanque (a geladeira dá costas para a lateral do tanque) e ao lado do fogão, a máquina de lavar roupas, que frequentemente me serve de apoio para utensílios enquanto cozinho. Há uma coifa com depurador sobre o fogão (numa altura que me faz bater de cabeça sempre).

O dormitório que eu uso tem um guarda roupas grande, um painel de parede feito por mim, estofado e acolchoado, e criados mudos do tempo da minha bisavó, com pátina provençal branca feita por mim. O guarda roupas e a cama são grandes demais para o cômodo, então a passagem para o banheiro é apertada e a porta do quarto não abre totalmente (abre aproximadamente 30° somente). O banheiro tem revestimento cerâmico até o forro e pastilhas em tons de rosa, box de vidro, móvel sob a pia, cuba sobreposta de vidro retangular e torneira "diferente" (não sei descrever), piso antiderrapante. No pátio, apliquei grama. Na parte original da casa, o forro é de gesso, mas na ampliação (sala de estar, dormitório e banheiro), é de PVC.

C - Como você definiria sua casa?

FR - Meu lar, meu refúgio da correria, lugar de paz e de alegria para mim e desejo que seja agradável e alegre para quem eu recebo.

C - O que você vê da janela de sua casa?

FR - Vejo o gramado do estacionamento, a rua e as casas vizinhas na frente.

C - Como é a relação com a vizinhança próxima?

FR - É boa, mas não somos amigos. Conversamos longa e alegremente às vezes, mas assuntos não pessoais. Não conheço os vizinhos da casa à minha esquerda, somente os da direita, que tem a porta de sua casa junto à da minha.



Entrevista 8 – Família Elegante¹⁷

Realizada em Maio de 2016

Uma segunda-feira, horário de almoço, um dia ensolarado de outono.

C - Quantas pessoas moram na sua casa?

FM - Atualmente moro só, meu namorado me visita com frequência.

C - Gostaria que a sua casa se diferenciasse das demais? Como seria? Há alguma modificação já existente da planta original? Qual o modelo de sua casa, de acordo com as plantas originais, apresentadas pelo construtor?

FM - Nesse sentido a minha casa já é diferente pois fiz algumas alterações do projeto inicial. Já respondi acredito na questão anterior. Não recordo.

Mas é da casa que possui duas suítes e dois quartos.

C - Qual a sensação de caminhar pelo condomínio Terra Nova? Quais os principais trajetos que efetua dentro do Terra Nova?

FM - Olha, atualmente não tenho tido para caminhar com um olhar mais sensível sobre o condomínio mas ainda gosto do que vejo. Levar o lixo, passear com cachorro e caminhar por caminhar. (Ex. levar o lixo, usar a área de esportes, passear com o cachorro).

C - Você costuma ir ao centro da cidade? Com que frequência? Quais são os seus lugares de interesse (ex. laranjal, porto)?

FM - Sim, semanalmente vou ao Laranjal e ao Calçadão.

C - Aponte algumas diferenças entre circular pela cidade e pelo condomínio Terra Nova?

FM - São propostas diferentes, aqui podemos ver verde e pela cidade vejo mais gente e concreto.

C - Qual o seu nível de satisfação com o Condomínio?

FM - Atualmente média.

C - Costuma reunir a família em casa, como almoços de domingo, churrasco, receber os amigos?

FM - Algumas vezes.

C - Quanto tempo, aproximadamente, você leva de sua casa ao trabalho (ou escola, ou a sua principal atividade)? Como é o trajeto? Utiliza ônibus ou carro?

FM - Levo 10 a 20 minutos de carro até o IFSUL/CAVG. Mas, até o consultório ou IEEAB mais de 20 minutos pelo horário de pico. Vou sempre de carro

C - Você utiliza serviços nas proximidades do condomínio? E dentro do condomínio existe algum serviço?

FM - Olha tudo que dá faço por perto, tipo posto de gasolina, super etc.

¹⁷ Família Elegante foi a denominação dada ao respondente número 8. Um dos destaques desta entrevista é que foi coletada de maneira digital, ou seja por uma conversa em um bate-papo de internet. A família Moderna é composta por uma mulher que mora só, que por vezes divide a sua casa com o namorado. Esta entrevista foi concedida por uma mulher, com idade por volta dos 40 anos.

C - Você teve que se desfazer de objetos, móveis de valor afetivo quando veio morar aqui? O tamanho dos cômodos (cozinha, dormitórios, etc.) atendem as suas necessidades?

FM - Não. Depois da minha reforma sim, atendem as minhas necessidades plenamente.

C - Você costuma cozinhar? Com que frequência? A cozinha está adequada às suas necessidades?

FM - Uma ou duas vezes por semana. Sim.

C - Que atividades costuma desenvolver na sala de estar?

FM - Olhar filmes, TV, churrasco, janta pois uma das salas é de estar e de janta com a churrasqueira, então é a parte que mais gosto de estar.

C - Em que espaço da casa costuma fazer as refeições?

FM - Nessa sala acima.

C - Quais os principais hábitos dos integrantes da família?

FM - Hábitos dito normais, comer, ler, ver filmes, TV...

C - Comente um pouco sobre a decoração/ mobiliário da sua casa.

FM - Adoro a minha casa ela tem uma mistura do moderno com o antigo em algumas peças - por exemplo tenho uma cristaleira, um bar inglês (...) que amo e alguns outros móveis que fazem dela um lugar bem elegante, funcional e moderno.

C - Como você definiria sua casa?

FM - Moderna e funcional.

C - O que você vê da janela de sua casa?

FM - Outras casas e verdes.

C - Como é a relação com a vizinhança próxima?

FM - Ótima.



Entrevista 9 – Família Amizade¹⁸

Realizada em Maio de 2016

Uma quarta-feira, horário de almoço, um dia frio de outono.

C - Quantas pessoas moram na sua casa?

FA - *Meu marido, eu e meus dois filhos*

C - Gostaria que a sua casa se diferenciasse das demais? Como seria? Há alguma modificação já existente da planta original? Saberia dizer qual o modelo de sua casa, de acordo com as plantas originais, apresentadas pelo construtor?

FA - *Minha casa é de 3 dormitórios sendo uma suíte. Construí uma churrasqueira na continuidade da cozinha, o que a diferencia das outras. Gostaria de ter uma sala de estar maior. Não sei o modelo da casa de acordo com as plantas originais.*

C - Qual a sensação de caminhar pelo condomínio Terra Nova? Quais os principais trajetos que efetua dentro do Terra Nova? (Ex. levar o lixo, usar a área de esportes, passear com o cachorro).

FA - *É um condomínio muito tranquilo, limpo e seguro, muito bom morar aqui. Meu trajeto diário é da minha casa até a portaria. Algumas vezes faço caminhadas, ando de bicicleta com meu filho, passeio com a cachorra, daí percorremos todas as ruas do condomínio.*

C - Você costuma ir ao centro da cidade? Com que frequência? Quais são os seus lugares de interesse (ex. laranjal, porto)?

FA - *Vou ao centro da cidade diariamente porque trabalho lá. Frequento muito o bairro Porto porque é onde moram meus pais e meus irmãos.*

C - Aponte algumas diferenças entre circular pela cidade e pelo condomínio Terra Nova?

FA - *São várias diferenças, as crianças brincam na rua como antigamente, é muito tranquilo, não tem quase barulho, sem trânsito, os meus vizinhos são ótimos e acima de tudo, é um lugar de muita segurança.*

C - Qual o seu nível de satisfação com o Condomínio?

FA - *Muito satisfeita!*

C - Costuma reunir a família em casa, como almoços de domingo, churrasco, receber os amigos?

FA - *Sim.*

C - Quanto tempo, aproximadamente, você leva de sua casa ao trabalho (ou escola, ou a sua principal atividade)? Como é o trajeto? Utiliza ônibus ou carro?

FA - *Para ir para o trabalho pela manhã levo cerca de 20 minutos, e para voltar para casa levo uns 40 minutos, porque o trânsito é bem mais intenso no horário das 18:30h. Utilizo carro sempre.*

¹⁸ Família Amizade foi a denominação dada ao respondente número 9. Um dos detalhes desta entrevista é que foi coletada de maneira digital, ou seja por uma conversa em um bate-papo de internet. A família Amizade é composta por um casal e seus dois filhos, um menino e uma menina. Esta entrevista foi concedida por uma mulher, com idade por volta dos 35 anos.

C - Você utiliza serviços nas proximidades do condomínio? E dentro do condomínio existe algum serviço?

FA - Vários serviços como padaria, açougue, mercadinho, loja de aviamentos, farmácia, confeitaria. Dentro do condomínio faço as unhas e corto o cabelo com a minha vizinha.

C - Você teve que se desfazer de objetos, móveis de valor afetivo quando veio morar aqui? O tamanho dos cômodos (cozinha, dormitórios, etc.) atendem as suas necessidades?

FA - Me desfiz de alguns móveis que eram muito grandes e não cabiam nos dormitórios, mas nada de valor afetivo. Gostaria de ter uma sala maior para receber melhor as pessoas que frequentam a minha casa, e também queria fechar a área de luz para ter um espaço para guardar coisas que não usamos com frequência.

C - Você costuma cozinhar? Com que frequência? A cozinha está adequada às suas necessidades?

FA - Cozinho as vezes, mas a cozinha está ótima para minhas necessidades.

C - Que atividades costuma desenvolver na sala de estar?

FA - Assistir TV, reunir amigos, churrasco na lareira, brincar com meus filhos.

C - Em que espaço da casa costuma fazer as refeições?

FA - Na sala.

C - Quais os principais hábitos dos integrantes da família?

FA - Assistir TV.

C - Comente um pouco sobre a decoração/ mobiliário da sua casa.

FA - A decoração é simples, sem muita frescura. Tenho alguns móveis feitos sob medida, alguns móveis antigos, ladrilho hidráulico na churrasqueira, muitas paredes em tons de bege (o que me cansa muito, já estou louca pra trocar), nos dormitórios paredes coloridas e papel de parede. Enfim, gosto da minha decoração, mas acredito que poderia melhorar muito.

C - Como você definiria sua casa?

FA - O melhor lugar do mundo.

C - O que você vê da janela de sua casa?

FA - As casas do vizinhos.

C - Como é a relação com a vizinhança próxima?

FA - Muito boa. Somos amigos de praticamente todos os vizinhos.

